CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS

Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens

ROBERTA DE BON SILVA MESQUITA

UMA CARTOGRAFIA DA PRODUÇÃO EDITORIAL INDEPENDENTE MOÇAMBICANA:

Oleba Editores, Kulera e Ethale Publishing

Belo Horizonte, MG

2025

ROBERTA DE BON SILVA MESQUITA

UMA CARTOGRAFIA DA PRODUÇÃO EDITORIAL INDEPENDENTE MOÇAMBICANA:

Oleba Editores, Kulera e Ethale Publishing

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG) como requisito para a obtenção do título de Mestre em Estudos de Linguagens.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Henrique Silva de Oliveira

Belo Horizonte, MG

2025

Mesquita, Roberta de Bon Silva.
M582c Uma cartografia da produção editorial independente moçambicana : Oleba Editores, Kulera e Ethale Publishing / Roberta de Bon Silva Mesquita. – 2025.
139 f. : il.
Orientador: Luiz Henrique Silva de Oliveira.

Dissertação (Mestrado) – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens, Belo Horizonte, 2025.
Bibliografia.

1. Editoras Independentes - Moçambique. 2. Produção editorial - Moçambique. 3. Catálogo de livros. 4. Entrevistas. I. Oliveira, Luiz Henrique Silva de. II. Título.

CDD: 070.593679

Ficha elaborada pela Biblioteca - Campus Nova Suíça – CEFET-MG
Bibliotecário: Wagner Oliveira Braga CRB6 - 3261

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS
COORDENAÇÃO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS - NS

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO Nº 19 / 2025 - POSLING (11.52.09)

Nº do Protocolo: 23062.032703/2025-34

Belo Horizonte-MG, 18 de junho de 2025.

ROBERTA DE BON SILVA MESQUITA

UMA CARTOGRAFIA DA PRODUÇÃO EDITORIAL INDEPENDENTE MOÇAMBICANA: OLEBA EDITORES, KULERA E ETHALE PUBLISHING

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais em 09 de junho de 2025, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Estudos de Linguagens, aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos professores:

Prof. Dr. Luiz Henrique Silva de Oliveira (Orientador)
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

Prof. Dr. Paulo Roberto de Souza Dutra
University of New Mexico/Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Dr. Wagner José Moreira
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

(Assinado digitalmente em 18/06/2025 14:32)
LUIZ HENRIQUE SILVA DE OLIVEIRA
PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO
CLET (11.51.08)
Matrícula: 2088869

(Assinado digitalmente em 18/06/2025 14:41)
WAGNER JOSE MOREIRA
PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO
DELTEC (11.55.08)
Matrícula: 1615162

(Assinado digitalmente em 18/06/2025 14:49)
PAULO ROBERTO DE SOUZA DUTRA
ASSINANTE EXTERNO
CPF: ###.###.607-##

Visualize o documento original em **https://sig.cefetmg.br/public/documentos/index.jsp** informando seu número: **19**, ano: **2025**, tipo: **ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO**, data de emissão: **18/06/2025** e o código de verificação: **f2fba263a0**

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus que esteve comigo em todos os momentos, tanto nos mais felizes quanto nos mais difíceis e que nunca me deixou sozinha.

À minha mãe que fez parte da minha vida e caminhada até o início do mestrado, que sempre me estimulou a alçar voos mais altos e certamente se orgulharia de mim e que deixa muita saudade. Ao meu pai que sempre foi meu suporte e sempre apoiou os meus estudos, e que também faz muita falta.

Agradeço também à minha irmã e companheira, Isabela, que sempre esteve ao meu lado e dividiu comigo as angustias e aflições da vida e com quem dividi as preocupações de mais essa etapa.

Ao meu irmão, Fabrício, e família, que sempre me alegraram nos momentos mais pesados e trouxeram luz e leveza.

Ao amigo Cleiton que esteve presente e ajudou muito nessa fase cheia de percalços.

Ao meu orientador Luiz Henrique, que com sua essência humana e apoio, foi peça fundamental para que esse processo se concretizasse.

RESUMO

A área da edição ainda é relativamente recente como uma ciência de estudo e, dentro dela, a edição independente desponta como um cenário observado nas últimas décadas, o qual varia de acordo com a realidade de cada país. Mais do que isso, a edição independente tem se apresentado como uma forma alternativa e inovadora de publicação, razão pela qual seu estudo é tão importante e o porquê de esse trabalho ser tão relevante, uma vez que há escassez de materiais e também de pesquisas sobre a edição independente em Moçambique. Frente a isso, o presente estudo se propõe a realizar um recorte sincrônico sobre a produção editorial independente moçambicana a partir da análise das entrevistas concedidas pelos editores da Oleba Editores, Kulera e Ethale Publishing, somada à análise do catálogo dessas três editoras, utilizando o método qualitativo-quantitativo para isso. A análise dos dados coletados nos permitiu não apenas mapear a produção editorial dessas casas, mas conhecer quais são os gêneros publicados por elas, qual é o perfil do seu catálogo e qual é o seu perfil editorial e, dessa forma, ter um vislumbre do conteúdo editorial consumido pela população moçambicana.

Palavras-chave: Edição Independente. Moçambique. Catálogo. Entrevistas. Editoras Independentes Moçambicanas.

ABSTRACT

The field of publishing is still relatively new as a science of study and, within it, independent publishing has emerged as a scenario observed in recent decades, which varies according to the reality of each country. More than that, independent publishing has presented itself as an alternative and innovative form of publishing, which is why its study is so important and why this work is so relevant, since there is a shortage of materials and research on independent publishing in Mozambique. In view of this, this study aims to carry out a synchronic analysis of Mozambican independent publishing production based on an analysis of the interviews given by the editors of Oleba Editores, Kulera and Ethale Publishing, together with an analysis of the catalogs of these three publishing houses, using the qualitative-quantitative method. The analysis of the data collected allowed us not only to map the editorial production of these houses, but also to find out which genres they publish, what their catalog profile is and what their editorial profile is and, in this way, get a glimpse of the editorial content consumed by the Mozambican population.

Keywords: Independent Edition. Mozambique.Catalog. Interviews. Mozambican Independent Publishing.

Lista de Figuras

Figura 01- Metodologias usadas na pesquisa.....32
Figura 02- Logo da Oleba Editores.....34
Figura 03- Logo da editora Kulera.....34
Figura 04- Logo da Ethale Publishing.....35
Figura 05- Descrição de livros publicados nos gêneros ficcional e não ficcional.....48
Figura 06- Gêneros literários publicados pela casa editorial.....48
Figura 07 - Gêneros não-ficcionais produzidos pela editora.....49
Figura 08 - Produção ao longo dos anos.....49
Figura 09 - Produção de Poesia ao longo do tempo.....50
Figura 10 - Publicações de Contos.....50
Figura 11 - Publicações do gênero romance.....51
Figura 12 - Publicação de crônicas.....51
Figura 13 - Produção de prosa narrativa.....52
Figura 14 - Gênero dramático produzido ao longo dos anos.....52
Figura 15 - Produção de infantojuvenis.....53
Figura 16 – Obras de sociofilosofia.....53
Figura 17 – Formatos de Publicação.....54
Figura 18- Contraposição entre livros de primeira edição, segunda edição e traduções....55
Figura 19- Autoria masculina em contraposição à feminina.....56
Figura 20 – Produção de Antologias, Coletâneas e Revistas.....56
Figura 21 – Nacionalidade dos Autores.....57
Figura 22 – Continente dos Autores.....57
Figura 23 – Grau de Instrução dos Autores.....58
Figura 24 – Autores que são Professores.....58
Figura 25 – Faixa Etária dos Autores.....59
Figura 26- Preço dos Livros Impressos.....59
Figura 27 – Descrição de livros publicados no gênero ficcional e não ficcional.....64
Figura 28 – Gêneros textuais produzidos pela casa editoria.....65
Figura 29 – Produção da Editora ao longo dos anos.....65

Figura 30 - Produção do gênero prosa desde a criação da editora.....66
Figura 31 - Produção de crônicas desde a criação da editora.....67
Figura 32 - Produção de romances desde a criação da casa editorial.....67
Figura 33 - Produção de livros de ciências humanas/Não ficcionais.....68
Figura 34 - Produção do gênero contos desde a criação da casa editorial.....68
Figura 35 - Produção do gênero literário poesia entre 2015 e 2021.....69
Figura 36 - Formatos dos livros produzidos pela editora.....69
Figura 37 - Contraposição na produção de livros de 1ª e de 2ª edição.....70
Figura 38 - Contraposição entre autoria feminina e masculina.....71
Figura 39 - Nacionalidade dos autores.....72
Figura 40 - Continente dos autores.....72
Figura 41 - Grau de Escolaridade dos Autores.....73
Figura 42 - Autores que atuam como docentes.....73
Figura 43 - Faixa etária dos autores.....74
Figura 44 - Livros divididos por coleção.....80
Figura 45 - Livros produzidos de caráter ficcional e livros não ficcionais.....81
Figura 46 - Produção do Gênero Poesia.....82
Figura 47 - Produção de Contos.....82
Figura 48 - Produção de Novelas.....83
Figura 49 - Produção de Romances.....83
Figura 50 - Produção de Fábulas.....84
Figura 51 - Produção de Ensaios.....84
Figura 52 - Produção de Receitas.....85
Figura 53 - Produção ao longo dos anos.....85
Figura 54 - Formatos de Publicação.....86
Figura 55 - Produção de livros de 1ª e de 2ª edição.....86
Figura 56 - Preço dos E-books.....87
Figura 57 - Preço dos Impressos.....88
Figura 58 - Autoria feminina e masculina.....88
Figura 59 - Autores moçambicanos e estrangeiros.....89
Figura 60 - Autores africanos e não-africanos.....89
Figura 61 - Grau de instrução dos autores.....90
Figura 62 - Idade dos Autores.....90
Figura 63 - Autores Premiados.....91

Lista de Quadros

Quadro 1- Entrevistas.....32

Quadro 2- Comparativo entre as editoras.....97

Lista de Abreviaturas e Siglas

AEMO	Associação dos Escritores Moçambicanos.
AIEI	Aliança Internacional de Editores Independentes.
CONEP	Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
FRELIMO	Frente de Libertação de Moçambique
LIBRE	Liga Brasileira de Editores.
REIM	Rede de Editores Independentes de Moçambique.
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

Sumário

INTRODUÇÃO **11**
1 ESTUDOS EDITORIAIS **14**
1.1 Livro 14
1.2 O editor e a produção editorial 15
1.3 Independente 20
1.4 O campo e seus capitais 22
1.5 As redes de sociabilidade e os coletivos 27
2 METODOLOGIA **32**
3 EDITORAS MOÇAMBICANAS INDEPENDENTES **38**
3.1 Catálogo 40
3.2 Ethale Publishing 42
3.2.1 Informações sobre a entrevista de Mauro Brito 43
3.2.2 Catálogo da Ethale Publishing 45
3.2.3 Análise dos dados da Ethale Publishing 58
3.3 Oleba Editores 59
3.3.1 Informações sobre a entrevista de Alex Dau 60
3.3.2 Catálogo da Oleba Editores 62
3.3.3 Análise dos dados da Oleba Editores 72
3.4 Kulera 74
3.4.1 Informações sobre a entrevista de Emílio Cossa 74
3.4.2 Catálogo da Kulera 78
3.4.3 Análise dos dados da Kulera 89
3.4 Análise comparativa entre as 3 casas editoriais 91
CONSIDERAÇÕES FINAIS **97**
REFERÊNCIAS **100**
APÊNDICE A **107**
APÊNDICE B **115**
APÊNDICE C **117**

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, observa-se um crescente interesse acadêmico pelos estudos voltados às editoras independentes, o que evidencia uma transformação na compreensão dos circuitos tradicionais de produção editorial. Essa mudança se manifesta tanto na perspectiva econômica quanto na inserção dessas editoras em nichos frequentemente negligenciados pelos grandes conglomerados do setor (Szpilbarg; Saferstein, 2012). As primeiras contribuições teóricas para o estudo do campo editorial foram oferecidas por Pierre Bourdieu (1996, 2004, 2005, 2008, 2009, 2018), cuja perspectiva sociológica permitiu compreender as dinâmicas de produção, circulação e consagração no universo do livro. A partir de então, o cenário da edição independente passou a se configurar como um conjunto de realidades múltiplas e historicamente situadas, moldadas pelos contextos específicos de cada país. Essa diversidade impõe a necessidade de um esforço analítico mais aprofundado para apreender as particularidades que caracterizam os modos de produção e atuação das editoras independentes em diferentes localidades.

Dessa forma, estudar o cenário editorial independente moçambicano é de extrema importância para compreender não apenas as dinâmicas culturais e literárias do país, mas também os desafios e resistências enfrentados por escritores e editoras fora do circuito comercial tradicional. Em Moçambique, como em muitos países africanos lusófonos, o mercado editorial é frequentemente limitado por fatores econômicos, baixa distribuição de livros e políticas públicas insuficientes de incentivo à leitura (Gomes, 2018). Nesse contexto, as editoras independentes surgem como espaços alternativos de produção e difusão cultural, dando voz a autores que muitas vezes não têm acesso às grandes editoras ou aos circuitos internacionais (Winik; Reck, 2012). Elas desempenham um papel fundamental na preservação e renovação das tradições orais, na valorização das línguas locais e na promoção da diversidade cultural. Além disso, fomentam uma literatura mais próxima da realidade social moçambicana, abordando questões como identidade, pós-colonialismo, gênero, juventude e direitos humanos. Ao estudar esse cenário, ampliamos nosso entendimento sobre como a literatura pode ser uma ferramenta de resistência e transformação social. Também revelamos as estratégias criativas adotadas para superar obstáculos como a falta de recursos e infraestrutura. A análise desse universo contribui para o reconhecimento da produção literária moçambicana como parte vital da cultura lusófona contemporânea. É uma oportunidade para valorizar vozes marginalizadas e para promover uma circulação mais equitativa de saberes no espaço global. O estudo do

cenário editorial independente em Moçambique é, portanto, um ato de valorização da diversidade cultural e da soberania narrativa africana.

Neste cenário, optamos por realizar um estudo comparado entre três editoras independentes oriundas de Moçambique, considerando que o país conquistou sua independência política há poucas décadas e enfrentou conflitos armados que afetaram profundamente sua infraestrutura, sua população e, consequentemente, sua produção editorial (Gomes, 2018). Mesmo diante de um orçamento restrito e de um ambiente adverso ao desenvolvimento do mercado editorial, tais editoras permanecem em atividade. Assim, esta pesquisa tem como objetivo, por meio da análise das entrevistas concedidas pelo editor de cada casa assim como da análise de seus respectivos catálogos, responder às seguintes questões: quais são os gêneros publicados pelas editoras? Qual é o perfil de seus catálogos? Qual é o perfil editorial de cada uma? Que estratégias essas casas editoriais desenvolvem para se manterem no mercado?

Em busca de compreensão e respostas, definimos três casas editoriais independentes moçambicanas: Ethale Publishing, Kulera e Oleba Editores. Uma vez selecionadas, optamos focar na coleta de entrevista do editor responsável por cada uma das editoras e, somado a isso, analisar o catálogo de cada uma delas. Definido o foco da pesquisa, trabalharemos sobre os estudos editoriais no primeiro capítulo, ou seja, primeiramente abordaremos sobre o livro, objeto central das editoras selecionadas, e a seguir discorreremos sobre a figura do editor, principal responsável pela escolha das obras publicadas e, consequentemente, pela constituição do catálogo. Em um terceiro momento apresentaremos o que implica em ser uma editora independente a partir do Estado da Arte, de forma que, no momento seguinte, introduziremos o conceito de campo e os capitais desenvolvidos por Bourdieu, contextualizando o campo editorial a partir de outros teóricos da área. Por fim, discorreremos sobre as redes de sociabilidade e os coletivos, os quais se apresentam como necessários para a sobrevivência das editoras e, também, como responsáveis por parte da constituição do capital social das casas.

Já o segundo capítulo é voltado ao método empregado que, neste caso, se trata do misto, ou seja, quantitativo-qualitativo, uma vez que este estudo envolve a coleta de dados, tanto por meio da realização de entrevistas quanto do catálogo das casas editoriais envolvidas assim como a análise das informações contidas (Creswell, 2010). Retomamos todos os passos da pesquisa, desde antes da entrevista até a escrita deste estudo, assim como apontamos os meios empregados para obtermos as informações.

O terceiro capítulo é dedicado às editoras escolhidas, de forma que apresentaremos informações sobre elas e seu editor, até mesmo porque a história da maioria se mistura com a figura de seu editor, exporemos o conteúdo das entrevistas, assim como apresentaremos os dados extraídos a partir dos catálogos. Por fim, analisaremos as informações e apresentaremos as nossas constatações.

Devemos destacar que a presente pesquisa nos permite não apenas aprofundar nossos conhecimentos sobre o mercado editorial moçambicano, como também nos possibilita conhecer o perfil dos autores das casas e os gostos de leitura dos moçambicanos, o que demonstra a importância da pesquisa. Ressaltamos que esta investigação se mostra relevante na medida em que nos permite ter um vislumbre sobre a produção editorial de três casas editoriais independentes moçambicanas, o que nos permite conhecer o perfil das editoras, dos autores publicados, bem como sobre as preferências de leitura em Moçambique.

1 ESTUDOS EDITORIAIS:

1.1 Livro:

O objeto livro suscita uma pluralidade de questionamentos como: seu conceito, sua origem, o que o caracteriza, bem como sua relação com o texto. Mas o que é um livro? Segundo Haslam (2007), a palavra livro, na língua portuguesa, origina-se do latim liber que faz referência à cortiça da árvore, remetendo à origem dos suportes da linguagem escrita. Dessa forma, tal vocábulo pode ser conceituado como "uma gama de manifestações materiais e conceituais dos suportes de registros do conhecimento – inscritos, escritos e impressos – produzidos pela humanidade ao longo dos tempos" (Araújo; Reis, 2017, p. 169). Já segundo Colleu (2007, p. 50), "o livro pode ser definido como um conjunto de folhas impressas que deve responder a critérios de conteúdo, e unicamente a esses critérios de conteúdo, considerando o suporte como um dado secundário". Assim, vemos que existem variações nas diferentes definições, em que o suporte é o que determina a sua existência para alguns, mas que se mostra algo de menor importância para outros, sendo o conteúdo o seu item definidor. Contudo, é inegável que sem um suporte, o livro se torna algo inacessível, uma vez que o leitor fica impossibilitado de acessar seu conteúdo.

O que o caracteriza? Bom, ele também pode ser descrito como "um objeto dotado de conteúdo intelectual, e por outro, como um objeto material, resultado de um processo de produção que o transforma em mercadoria e lhe atribui dualidade que impregna sua existência e marca sua leitura" (Claro, 2007, p. 74). Ou ainda, nas palavras de Gonçalves (2018, p. 36), "uma coisa é o texto que hora se lê entendido como certa organização de significantes; outra é o objeto que o apresenta, no caso este códice impresso específico", o que implica que ambos são igualmente importantes para a construção de sentido no ato da leitura.

Ao refletirmos sobre a sua origem, somos levados a pensar sobre o livro a partir da "própria evolução da humanidade, com a criação dos alfabetos, e, por que não dizer, da própria comunicação em seu aspecto social e contemporâneo, (...) em que a comunicação oral e gestual deu origem à comunicação gráfica e escrita" (Depexe, 2018, p. 103). A formação dos códigos linguísticos ocorreu a partir das figuras rupestres registradas nas paredes de cavernas em tempos longínquos "até o desenvolvimento de pictogramas e ideogramas" (Depexe, 2018, p. 103-104), evidenciando que houve

evolução não apenas no modo de registrar essas linguagens, como nas próprias linguagens em si. Nas mesmas épocas, os modos de comunicação se desenvolveram de diferentes formas em povos e culturas diferentes, o que levou ao surgimento das "placas de argila e depois o papiro com a escrita cuneiforme, os hieróglifos nas paredes dos templos, os ideogramas chineses em um suporte feito de fibras de bambu, são traços milenares da trajetória da imagem para a escrita e da organização das sociedades" (Depexe, 2018, p. 104), revelando o paulatino desenvolver do próprio sistema de escrita nas diferentes sociedades. Mas foi a partir do surgimento dos alfabetos, possibilitando a passagem da linguagem oral para a escrita em toda a sua potência, que a comunicação escrita se tornou conhecimento e, portanto, poder nas mãos de monarcas e das religiões (Depexe, 2018).

Ao discorrer sobre o livro, Chartier (2009) remete a três momentos que marcaram sua história, sendo o primeiro deles quando o rolo foi substituído pelo códex; o segundo momento foi marcado pelo libro unitário, encadernação de uma única obra ou de tudo o que foi produzido por um mesmo autor; ao passo em que houve um salto de desenvolvimento com a invenção da prensa de Gutemberg. A prensa de tipos móveis deu origem à imprensa assim como permitiu a popularização da literatura, tornando a leitura mais acessível às massas (Depexe, 2018). Quando há desenvolvimentos tecnológicos, ocorrem mudanças no formato e nos materiais (Ribeiro, 2018), o que ficou bastante evidente ao longo do processo de desenvolvimento do livro ao longo da história desde figuras rupestres até os modernos dispositivos que comportam milhares de livros armazenados de forma eletrônica. Chartier (2009) aponta para a dupla natureza do livro, material na medida em que ele pode adquirir forma física, e imaterial em razão de seu conteúdo, o que também implica que o impresso se apresenta apenas como um dos seus tipos de suporte. Contudo, o suporte do livro impacta diretamente na relação que o leitor constrói com o conteúdo ali contido, bem como na forma como esse texto será absorvido pelo leitor (Chartier, 2009). Foi em razão dos avanços tecnológicos na produção livreira que surgiu a crise do livro entre as décadas de 1970 e 1980, principalmente em função dos avanços na informática, o que teve o efeito de impulsionar os estudos sobre tal objeto (Medeiros, 2021).

O compilado de pesquisas em torno do livro "corresponde a um campo atravessado por cambiantes diversos, entre o heterogéneo e o tensional" (Medeiros, 2021, p. 179), o que implica o envolvimento de uma pluralidade de agentes internos e externos à edição. Inclusive, o livro é objeto de estudo de várias áreas do conhecimento enquanto ciência, como a Linguística, os Estudos Literários e a História, possuindo dois aspectos,

um material conforme mencionado acima e outro como uma prática social, a qual envolve desde a sua concepção até a sua recepção e apropriação, assim como o campo no qual é objeto de disputa entre seus agentes e no qual é legitimado (Muniz Jr., 2012).

O livro é tirado de sua posição superior e tradicional e passa a ser enxergado segundo um prisma de

> [...] polimorfismo cultural, político, econômico e social em que sempre se inscreveu como participante contraditório e heteróclito nos interstícios da história, (...) passa a ser olhado como lugar de ignorância tanto quanto de conhecimento, de ataque tanto quanto de resistência, de perda tanto quanto de ganho (Medeiros, p. 180).

Assim, o livro tem sido historicamente usado como instrumento para assegurar os interesses de uma elite letrada, mas passou a ser usado como meio de operar transformações de âmbito social e cultural a partir de uma ruptura com o cânone previamente estabelecido. Dessa forma, "o cânone livresco e literário passa a ser encarado como resultante de conflitos permanentes entre grupos sociais pela imposição de uma representação valorativa do mundo a partir dos seus interesses, desígnios e necessidades (Williams, 1979, 2011 *apud* Medeiros, p. 181, 2021).

1.2 O editor e a produção editorial:

Assim, ao elocubrarmos sobre o livro, somos levados a refletir sobre a figura que proporciona a sua existência: o editor. Quem é essa figura? Qual a sua importância? Qual é a sua função? Ela permanece a mesma ou sofreu mudanças ao longo do tempo? Um primeiro conceito é:

> [...] o editor funciona como um filtro que seleciona os manuscritos de acordo com a sua política editorial e em consonância com o que é exigido pela lógica de cada campo científico. Ele seleciona e diz o que deve e o que não deve ser publicado. (...) Ele está inserido em uma rede de relações de produção e reprodução da cultura legítima na qual os conselhos editoriais (...) exercem um papel determinante na orientação das políticas editoriais (Souza, p. 215, 2015).

No entendimento de Colleu (2007, p. 50), a função primordial do editor é a de "produzir livros e organizar o conteúdo em relação a um suporte que permita sua leitura",

mas também em caráter secundário, cabe ao editor estar em contato com os profissionais do ramo, pois é também seu papel "fazer com que seus objetos de edição circulem" até chegarem às mãos dos leitores. Logo, o editor é aquele que permite que uma obra alcance o público a que se destina, sendo também um agente que possui um papel bem delimitado e muito bem definido, quando se trata de grandes empreendimentos, ou mesmo, que acumule "os papeis de gestor e de chefe de empresa com os de criador e artesão" quando se trata das editoras de pequeno porte (Colleu, 2007, p. 51). É inegável o caráter conciliatório do editor, posto que ele atua na mediação entre os múltiplos agentes, desde o autor, até os livreiros os quais colocarão os livros à venda (Colleu, 2007; Souza, 2015).

Não existe unanimidade quanto ao conceito de editor, contudo a definição oferecida pela UNESCO é bastante abrangente ao colocar tal figura como uma espécie de maestro que executa três atribuições primordiais: a de definir o que será publicado; a de assumir os riscos inerentes à sua função; e, por fim, a de coordenar os demais agentes que participam do processo de produção do livro (Medeiros, 2012). O termo passa a fazer ainda mais sentido quando se suscita dois verbos que envolvem a posição do editor: editar e publicar. O primeiro,

> [...]com proveniência latina em *edere*, significa literalmente trazer ao mundo, dar à luz (...), enquanto "publicar, do termo latino *publicare*, remete para a exposição pública e para a ideia da disponibilização aos outros. A edição adquire sentido na consecução da obra. A publicação concretiza-se na possibilidade de a tornar acessível ao leitor (Medeiros, 2012, p. 34).

Logo, editar implica em gerar a obra, ou seja, basta que ela exista, ao passo em que o ato de publicar envolve todas as fases anteriores à sua publicização, ou seja, quando ela se torna acessível ao público (Medeiros, 2012). A abrangência do termo editor varia de acordo com a língua, tanto que enquanto nas línguas novilatinas – como o português e o francês – o vocábulo editor possui uma acepção muito ampla e que comporta uma série de funções no âmbito editorial. Na língua anglo-saxônica, o vocábulo possui diferenciação entre as múltiplas atividades editoriais, determinando o Publisher como aquele que detém os meios de produção editorial, que emprega o editor e que produz materialmente o livro, ao mesmo tempo em que o editor é aquele que confere fisionomia e calibre ao texto e que presta serviços ao Publisher, estabelecendo com ele uma relação

assalariada. O editor é quem realiza o trabalho de *editing*, atuando ativamente no texto e propondo mudanças, seja no estilo, conteúdo ou em sua forma (Medeiros, 2012).

Em países africanos de línguas novilatinas, dentre eles Moçambique, houve um enfraquecimento das delimitações em relação ao editor-empresário e o coordenador editorial, sendo o primeiro a pessoa que trabalha diretamente com os textos. Já o segundo agente também pode ter sua função desempenhada por um diretor de coleção ou, ainda, por um diretor literário, seja qual desses agentes for, sua função será a de definir as coleções da casa editorial (Medeiros, 2012). Apesar de ser uma informação pertinente para uma melhor compreensão acerca do funcionamento de uma editora, tal informação não se aplica às editoras independentes por conta de seu porte e acúmulo de funções.

Não podemos deixar de falar sobre a produção editorial, tendo-se em vista que o livro é o produto da edição, cabendo abordar as mudanças observadas nas últimas décadas no que diz respeito não apenas a esse produto editorial, mas também ao mercado editorial em razão das inovações tecnológicas, e não apenas nos dispositivos nas quais são produzidos os livros, mas também com o advento da internet que revolucionou a circulação da escrita (Barcellos, 2006). Assim, a produção editorial pode ser compreendida como a área que "atua num campo cada vez mais híbrido e também em que suporte e fluxo se transformam em faces de uma mesma entidade", revelando o caráter multimodal adquirido com os adventos tecnológicos (Oliveira, 2018a, p. 57). Isso implica que o desenvolvimento tecnológico permitiu que a produção editorial se tornasse mais refinada e com melhor qualidade, além de ter possibilitado que a edição se tornasse mais acessível, com aparelhos cujo custo de aquisição fosse mais baixo, o que permitiu a proliferação de micro e pequenas editoras (Gonçalves, 2018).

O desenvolvimento de aparelhos digitais também revolucionou o mercado editorial ao oferecer o formato digital com os e-books e também "novas formas de leitura vão sendo incorporadas, o que inclui a leitura compartilhada através de comentários e indicações em sites de redes sociais e a leitura que não termina com o fim da obra" por meio das fanfics, desenvolvimento de conteúdo por fãs (Brignol, 2018, p. 29). Logo, a "produção editorial caracteriza-se, portanto, como campo multi e interdisciplinar" (Barcellos, 2018, p. 89) em constante mutação, o que gera ao editor a necessidade de desenvolver "competências de edição das várias linguagens (texto, imagem estática, som, imagem animada, vídeo, multimídia) e das suas potenciais convergências como modo de ressignificação das mensagens e geração de novos modos de dar a ver (...) pela dinâmica de convergência entre mídias, linguagens e formatos" (Oliveira, 2018a, p. 48), a fim de

se adequar a um mercado editorial contemporâneo multimodal. Dessa forma, podemos pensar no editor como uma figura que necessita de novas capacidades a fim de suprir ramos da edição que não existiam anteriormente, como a própria diagramação do livro, ou mesmo e-books que contêm *QR Codes* que direcionam o leitor a outras mídias (Oliveira, 2018a). O editor precisa unir os diferentes aspectos que compõem o livro, como as linguagens verbal escrita e imagética, combinadas em um mesmo padrão harmônico de design, capaz de conferir-lhe uma identidade única e ao mesmo tempo comercial, o que confere ao editor um status de autor, pois ainda que ele não seja o criador do conteúdo textual, ele é o responsável pelo produto final que chega ao leitor (Oliveira, 2018a). Também não podemos esquecer que as tecnologias não geraram apenas um novo suporte, mas associadas à internet geraram as mídias sociais, as quais potencializaram as plataformas de autopublicação em âmbito mundial (Barcellos, 2018). Com isso, conclui-se que "as formas de edição também sofrem mutação, e o conceito de editora está situado em uma zona limítrofe, com as competências de edição no processo editorial cada vez mais absorvidas pelos autores, que passam a atuar em várias etapas. (Barcellos, 2018, p. 97).

Torna-se também relevante, embora não seja o foco da pesquisa, abordar sobre suportes e o epocalismo já pensando em outras pesquisas futuras. A pertinência se dá em razão de os períodos históricos serem comumente analisados de forma simplista e homogênea, sem considerar que um mesmo momento histórico comporta diferentes tecnologias ao mesmo tempo, ao contrário do senso comum que parece considerar que a partir do momento em que surgem novas tecnologias, os suportes anteriores deixassem de ser utilizados. Como, por exemplo, durante os sécs. XIV e XV, prevaleceu o libro unitario (ou livro unitário, em português), tendo surgido a prensa apenas em meados do séc. XV. Apesar de tornar a produção livreira mais rápida e produtiva, o libro unitário e os livros produzidos pela prensa de Gutemberg certamente coexistiram naquele período (Gonçalves, 2018). Mesmo agora, vê-se esse mesmo fato ocorrendo no processo editorial contemporâneo em que "nas várias fases continuam a coexistir os processos analógicos com os processos digitais" (Oliveira, 2018a, p. 51) os livros impressos convivem ao lado de e-books.

Em um mundo em constante transformação e redefinição, a que se evitar discussões desnecessárias e que em nada agregam, como a suposta morte do livro, a qual é suscitada de tempos em tempos. E isso se dá em razão das inovações tecnológicas, as quais introduzem novos suportes os quais além de trazerem novas comodidades à vida

dos leitores, têm como efeito colateral a atualização dos conceitos até então vigentes (Gonçalves, 2018). Estamos em meio a "um processo de mudança paradigmática em curso, em que se sai de um cenário de objetos puros, para outro de objetos impuros, flexíveis e dialogantes (...) em que a coabitação e complementaridade são características de práticas, processos e produtos" (Oliveira, 2018a, p. 53), logo, o universo digital já se consolidou, é uma realidade sem volta, mas nem por isso os livros impressos deixarão de existir. Enquanto existirem leitores eruditos e leitores que tenham uma relação afetiva com o livro, ele nunca deixará de existir.

Uma vez que já discorremos a respeito dos editores assim como sobre o processo editorial e sua transformação ao longo do tempo, abordaremos a seguir sobre a edição independente.

1.3 Independente:

Dentro do campo editorial, há dois tipos de editoras que possuem lógica de funcionamento bastante divergentes, e são eles os grandes conglomerados editoriais e, em contraposição, as editoras independentes. Discorremos no item anterior sobre os grandes grupos editoriais e sua lógica de funcionamento e isso para demonstrar como seu funcionamento é bastante diferente das casas editoriais independentes e isso porque estas são o verdadeiro objeto de estudo da presente pesquisa.

Mas o que realmente significa ser independente? Seria independência financeira ou apenas autonomia na produção dos livros? Ambos talvez? O que o caracteriza? O que leva um editor a seguir pelo caminho da edição independente? O que a diferencia das demais categorias a ponto de ser objeto de estudo? Apresentarei a seguir considerações de alguns autores que se dedicam a tal temática, buscando assim chegar a conclusões e sua relação com as editoras estudadas.

Bértolo (2015), um editor que criou um selo independente e se propôs a refletir e categorizar a edição, constatou existirem três tipos de editores: os capitalistas selvagens, os humanistas e os híbridos. O primeiro grupo diz respeito aos interesses puramente econômicos que norteiam a publicação dos livros, isto é, a escolha do catálogo é determinada pela potencialidade de venda do produto livro. Ao passo em que o segundo grupo diz respeito a editores que possuem capital econômico em abundância, mas ao invés de investirem-no em empreendimentos lucrativos, preferem aplicá-lo em livros. Na medida em que não precisam priorizar a monetização, acabam por ter liberdade na

formulação de seu catálogo, privilegiando a qualidade em detrimento da *bestsellerização* (Reimão, 2018). Já os híbridos, também chamados de capitalistas humanistas, buscam um equilíbrio entre a qualidade dos livros que produzem e a rentabilidade oriunda da comercialização de seu produto, de forma que o retorno financeiro permita que editora possa continuar a operar no mercado (Bértolo, 2015).

Ainda na concepção de Bértolo, levando-se em conta os três tipos de editores existentes, edição independente seria a produção de um catálogo de qualidade sem descuidar do aspecto financeiro que garantiria a viabilidade do negócio. E apesar de o conceito de Bértolo ser bastante promissor, o termo independente, adotado no cenário editorial, possui caráter maleável, o que possibilita a observação de diferentes características que o qualificam sem, ao mesmo tempo, estabelecer um conceito uno. Frente a essa imprecisão, Muniz Jr. (2016) propõe uma classificação dentro desse universo: os editores "girafa" e "bonsai". Os primeiros dizem respeito a empresários comprometidos com o cenário cultural sem, contudo, ignorar a necessidade de lucro e assegurar a viabilidade do negócio. A expressão "mantêm a cabeça no alto e os pés no chão" busca justamente esclarecer que tanto o aspecto cultural quanto o financeiro são igualmente importantes e assegurados pelos "girafa" (Muniz Jr., 2016, p. 19). Já os "bonsai" são caracterizados pelo tamanho micro, pela concentração de trabalho e, também, pela falta de perspectiva de crescimento. Para se referir a estes, Muniz expõe que "requerem muitos cuidados e estão fadados a não crescer nunca", o que demonstra a falta de infraestrutura financeira na viabilidade de tais empreendimentos. Assim, "os dois grupos, que possuem também nuanças internas, diferenciam-se entre si tanto por seus estilos de presença no espaço editorial como por suas características morfológicas" (Muniz Jr., 2016, p. 19), o que mais uma vez destaca a amplitude do conceito de independente. E, por se tratar de uma subdivisão dentro de uma área do campo, não há polarização como ocorre com as grandes corporações editoriais transnacionais (Muniz, Jr. 2016).

Para Colleu (2007, p. 36) e a Aliança de Editores Independentes, de âmbito nacional e mundial, "grupos de editores independentes desempenham um papel essencial na luta contra a concentração e contra a predação dos mercados locais, e na promoção da bibliodiversidade", logo, a ideia de independência se opõe à lógica de pensamento dos grandes grupos, atuando com viés de resistência associada a pretensões culturais. Colleu suscita o aspecto de bibliodiversidade no conceito de editoras independentes, ou seja, essa

modalidade implica na diversidade editorial, em contraposição ao fenômeno dos *best-sellers* dos grandes grupos editoriais (Szpilbarg; Saferstein, 2012).

Segundo Botto (2006), as editoras independentes passaram a ocupar nichos de mercado negligenciados pelas grandes editoras, consolidando-se na promoção de valores dissociados do ethos estritamente mercantil. Dessa forma, compreende as editoras independentes como mais do que empresas lucrativas, mas como atores culturais que buscam propagar a arte e o conhecimento (Botto, 2006).

O mercado editorial reúne duas vertentes que são o mercado e a produção cultural e, os quais, no caso das editoras independentes, gera descentralização e pluralidade (Locane, 2019).

Jorge Herralde propõe que editora independente é aquela em que o editor é o dono do negócio, ou seja, ele é "independente" do capital de outrem ou de ter de lidar com quadro de acionistas (Locane, 2019). Já na concepção de Tabarovsky, independente diz respeito a não pertencer a nenhuma transnacional (Locane, 2019).

Segundo Viterbo, as editoras independentes pequenas que produzem tiragens igualmente pequenas produzem se diferem daquelas que têm pretensões profissionalizantes e de expansão da infraestrutura produtiva e de mercado e que, na concepção de Bourdieu, buscam ocupar outras posições no campo e no setor editorial tradicional (Locane, 2019).

Locane (2019) propõe um conceito afirmativo de independente, o qual seria um que questiona as regras de funcionamento do regime heterônomo, o que se insere na concepção de profissionalizante. A edição independente é por isso mesmo artesanal, pois o que a torna essencialmente independente é a falta de capital financeiro que financie as redes de dependência.

Winik e Reck (2012) ressignificam o independente em contraposição às transnacionais em todos os âmbitos: tiragem, perfil editorial, divulgação e distribuição. O independente só encontraria como limitação o âmbito financeiro, acabando por surgir como um modo "contra" outra forma de produzir cultura (Winik; Reck, 2012).

1.4 O campo e seus capitais

Uma vez que o objeto da pesquisa é um estudo comparado acerca de três editoras independentes, mostra-se importante entender sua dinâmica de funcionamento e para isso

é fundamental discorrer a respeito de conceitos, desenvolvidos por Pierre Bourdieu, como campo assim como os capitais simbólico, social, cultural e econômico (Bourdieu, 1996).

A concepção de campo foi desenvolvida a partir das conclusões de Bourdieu a respeito do texto frente à existência de duas correntes antagônicas. Enquanto a primeira defendia a independência do texto por si só, o segundo grupo vinculava o texto à sua circunstância de criação. Contudo, Bourdieu foi além ao compreender que, entre as diversas ciências e sua produção, existe um mundo social distinto formado por agentes e instituições, os quais são governados por leis sociais específicas (Bourdieu, 2004).

Bourdieu nos introduz à ideia de campo como um espaço de embates entre agentes, os quais empregam diferentes mecanismos com distintos fins, seja para obter uma posição mais vantajosa, seja para preservar seu status quo, o que implica em constante mobilidade. Além disso, nos introduz à existência de uma vasta gama de campos, cada qual com suas próprias leis, assim como agentes que já nasceram em tais lugares e que por isso mesmo entendem essas leis, ainda que de maneira intuitiva. Cada campo detém um limitado nível de autonomia, desse modo quanto maior for esse nível, maior será sua capacidade de refração. Isso implica que as ações externas podem ser distorcidas devido às leis internas de tal campo (Bourdieu, 2004).

A partir da noção de campo, Bourdieu (2004) conceitua o capital como aquilo que a pluralidade de agentes, sejam eles indivíduos ou instituições, agrega ao campo. Dessa forma, as relações de poder são definidas a partir da posição e dos capitais que os agentes possuem, o que determinará as regras do jogo. Em seu livro O Campo Econômico (2005), Bourdieu apresenta algumas categorias de capitais, dentre elas: comercial, financeiro, tecnológico e simbólico. Esse primeiro diz respeito aos processos envolvidos desde a venda do produto até que ele esteja sob o domínio do consumidor. O segundo compreende a posse direta ou indireta de recursos financeiros que se acumulam com o passar do tempo e que permitem o acúmulo de outros capitais. Os recursos técnico-científicos que podem otimizar a produção industrial são conhecidos como capital tecnológico. Já o Capital Simbólico surge como um resultado da conquista dos outros capitais, uma vez que a combinação de todos eles confere o reconhecimento entre pares no campo, ou seja, confere status perante a sociedade (Bourdieu, 2005).

Entretanto, é importante destacar que os principais capitais de Bourdieu são o financeiro, simbólico, conforme previamente mencionados, bem como o social e o cultural. Por capital social, entende-se os recursos que detêm a potencialidade de gerar benefícios materiais ou simbólicos na esfera profissional e pessoal dos agentes. Ao passo

que o capital cultural se apresenta como a fusão entre o conhecimento transmitido no ambiente familiar com a educação formal ofertada por escolas e universidades (Bourdieu, 1996).

A quantidade e diversidade de capitais varia de acordo com o campo e com os agentes envolvidos, os quais definem a dinâmica do campo bem como as relações de poder entre os envolvidos, definindo assim as regras do jogo. Dessa forma, a força dos agentes no campo está diretamente relacionada às espécies e ao montante de capital que possuem (Bourdieu, 2004).

Ao conduzir uma pesquisa, é crucial examinar certos aspectos, especialmente em relação ao porte da editora, já que o tamanho afeta a relação e a quantidade de capitais que a casa editorial detém. Portanto, é crucial discutir e analisar o quanto de capital as editoras foram capazes de acumular durante seu tempo de atividade, principalmente no que diz respeito aos capitais financeiro e simbólico, pois geralmente existe um contraste entre eles. Também é relevante discutir quais são os gêneros literários que a casa editorial prioriza, se ela tende aos best-sellers ou livros com maior apelo cultural (Bourdieu, 2018).

A construção do catálogo está diretamente relacionada ao tamanho da editora, tendo-se em vista que o porte influencia na ideologia do conteúdo publicado, o que implica na comercialização de livros que tenham maior potencial de gerar lucros à empresa. A tais livros foi dado o nome de best-sellers pelo mercado editorial do séc. XX, prática essa que buscou conferir maior valor a tais obras frente ao campo editorial em razão de seu grande êxito junto ao público (Lahm, 2006). Esses trabalhos podem ser de origem nacional ou estrangeira, ao passo que os títulos internacionais já adquiriram fama em uma pluralidade de países e, por isso mesmo, expectativa de publicação. O fator que os destaca é justamente sua potencialidade de gerarem grandes lucros financeiros à empresa em detrimento de seu conteúdo, por esse motivo apenas os conglomerados se mostram capazes de disputá-los (Lahm, 2006).

É inevitável nos questionarmos como chegamos a essa realidade, posto que a vivenciamos. Primeiramente, devemos apontar que a globalização cultural aliada às políticas neoliberais impactou diretamente na economia e, consequentemente, na cultura dos anos 1990, e dessa forma geraram novos produtores bem como novos modos de produção frente ao impacto que esses acontecimentos tiveram no cenário de produção cultural e simbólico (Saferstein; Szpilbarg, 2012). A França, famosa por sua vasta produção artística e literária, foi um dos países em que foi bastante evidenciado esse fenômeno com o declínio das “grandes” editoras que se voltavam à publicação de

clássicos, os quais, por sua vez, geravam um capital simbólico de peso. Esse processo ocorreu na França em razão da inaptidão de tais casas em enxergar as mudanças ocorridas no campo e sua incapacidade em se reposicionarem nesse novo cenário (Bourdieu, 2018). Observamos a mesma ocorrência na Argentina, em que as editoras se concentravam nas mãos de famílias e o ofício de editor possuía um aspecto quase afetivo, mas com a globalização 75% da produção editorial do país passou a ser realizada pelos grupos transnacionais que foram adquirindo as empresas locais. Apesar de exemplificarmos com esses dois casos, essa mudança no campo editorial foi a nível global, de forma que a década de 1990 marcou o fim da hegemonia de empresas familiares cujas obras eram pesadas pelo seu valor cultural (Botto, 2012; Saferstein; Szpilbarg, 2012).

A importância de Bourdieu e sua obra pode ser visualizada em grande parte dos trabalhos de edição, como o de John B. Thompson (2013) que apresenta os resultados de suas pesquisas acerca do mercado editorial inglês e americano a partir das noções de "campo" e capitais criados por Bourdieu, embora faça adaptações para atender a seus propósitos. Na concepção do pesquisador,

> [...] um campo é um espaço estruturado de posições sociais, que pode ser ocupado por agentes e organizações e no qual a posição de qualquer agente ou organização depende do tipo e da quantidade de recursos ou "capital" que eles têm à sua disposição. Qualquer área social [...] pode ser tratada como um campo, no qual agentes e organizações estão interligados em relações de cooperação, competição e interdependência (Thompson, p. 9-10, 2013).

Thompson (2013) também faz uso do conceito de capitais de Bourdieu, e embora também faça ajustes como a supressão do capital cultural, o que vemos de realmente inovador são os capitais humano e intelectual. O primeiro trata-se "do pessoal empregado pela firma e seu conhecimento, habilidades e know-how acumulados" (Thompson, 2013, p. 11). Já o segundo, diz respeitos aos direitos de âmbito intelectual que a editora detém por meio de contratos que preveem a publicação de livros assim como direitos subsidiários de autores e outros agentes (Thompson, 2013).

Por sua vez, Magalhães (2018) constatou que houve um aumento no nº de feiras de publicação independentes de 2010 e 2017, em Belo Horizonte, e se propôs a identificar os principais eventos de exposição de livros e traçar o fluxo de capitais que nelas ocorre. Como se pode notar, o entendimento quanto ao funcionamento das feiras está ligado aos conceitos de campo e capitais propostos por Bourdieu (Magalhães, 2018).

Por sua vez, Coutinho (2020) aponta que o Mercado dos Bens Simbólicos, de Bourdieu, foi fundamental para que compreendesse a lógica de funcionamento do comércio nas artes, uma vez que ele "se fundamenta em uma "economia às avessas", na qual a principal moeda corrente é o prestígio, relegando as trocas pecuniárias para um segundo plano" (Coutinho, 2020, p. 165-166). Por meio do trabalho, torna-se claro como a aplicação das teorias de Bourdieu é essencial para a compreensão do espaço que ocupam, o modo como operam, assim como os agentes envolvidos com as casas editoriais (Coutinho, 2020).

Segundo Bourdieu (p. 22-23, 2004), "todo campo, [...] é um campo de forças e um campo de lutas para conservar ou transformar esse campo de forças", dessa forma a mesma lógica se aplica ao campo editorial em que a tomada de posição pelos agentes depende do capital que eles possuem. A quantidade de capital em suas diferentes formas é o que determinará o poder deles assim como ditará as regras do jogo, desse modo o posicionamento dos agentes seja pela manutenção da estrutura e do status quo, seja pela reestruturação do campo e aquisição de mais capital depende se a casa editorial segue uma lógica artística ou financeira. A ideologia da editora acaba não apenas por delinear os tipos de livros que serão publicados, mas também a quantidade de cada capital que será acumulada, logo, grandes conglomerados se apresentam como grandes empresas que se destacam pelo seu tamanho robusto, alcance global e publicação dos maiores sucessos do mercado editorial, o que lhe confere alta concentração de capital econômico, mas baixíssimo capital simbólico. Por sua vez, as pequenas editoras se delineiam como empreendimentos de pequeno porte, de alcance local, e publicação de livros de caráter artístico cuja demanda costuma ser bem reduzida, o que consequentemente lhe confere elevado capital simbólico e, em contrapartida, diminuto capital econômico. Portanto, como é possível aferir, os capitais econômico e simbólico são inversamente proporcionais, dessa forma um catálogo considerado pobre em conteúdo, mas altamente comercializado garante à casa editorial um elevado capital econômico, mas diminuto capital simbólico, ao passo em que um catálogo marcado por livros de alto nível artístico/literário/intelectual tende a gerar um capital econômico baixo, contudo, seu capital simbólico é proeminente (Bourdieu, 2018). Além disso, Bourdieu também elencou outros critérios que seriam diretamente proporcionais à quantidade de capital simbólico, como o tempo de existência da casa editorial, dessa forma quanto maior a antiguidade maior o seu capital, e o mesmo se aplica à importância e qualidade do fundo de catálogo, as quais seriam medidas pelo nº de escritores consagrados, clássicos publicados, bem

como autores premiados (Bourdieu, 2018). Embora Bourdieu tenha se voltado à realidade francesa, seus conceitos são aplicáveis em outros contextos, conforme demonstrado na presente pesquisa que realiza um estudo comparado entre três editoras moçambicanas.

Depois de elucidada a teoria de Bourdieu, evidencia-se o motivo de sua relevância para este estudo, já que é necessário entender o funcionamento do campo para obter uma compreensão mais aprofundada de como o mercado editorial opera e sua conexão com os capitais que orientam as editoras.

1.5 As redes de sociabilidade e os coletivos

Diante das adversidades impostas pela limitada estrutura e pelo reduzido capital econômico em comparação aos grandes conglomerados editoriais, as editoras independentes foram compelidas a elaborar estratégias de sobrevivência em um mercado marcadamente desigual. Nesse contexto, emergiram as redes de sociabilidade e os coletivos como formas de resistência e cooperação, permitindo a essas iniciativas de menor porte atuar de maneira articulada frente aos gigantes do setor.

Quando ponderamos sobre o que seriam redes de sociabilidade, indubitavelmente pensamos em grupos de pessoas formados com uma finalidade em comum, e ao refletirmos sobre o que seriam coletivos acabamos por associar a um sentido semelhante, expondo que embora tenhamos alguma noção sobre o que tais termos poderiam significar, não passam de ideias vagas, sem uma diferenciação entre eles. Porém, após a leitura de material pertinente e mencionado abaixo, pudemos concluir que no campo da edição independente, redes de sociabilidade são relações interpessoais voltadas à consolidação das editoras independentes por meio da adoção de medidas que viabilizem a cultura e a bibliodiversidade.

No mercado editorial independente, as redes de sociabilidade exercem uma dupla função na medida em atuam como instrumentos e, ao mesmo tempo, possuem um caráter pedagógico dado que o contato entre editores independentes em feiras do livro lhes proporciona “aprender a conhecer tendências, conectar-se, renovar, crescer, etc.”[1] (Sorá 2013, p. 116 apud Magalhães, 2018, p. 130).

As redes de sociabilidade se mostram cruciais em um contexto em que as editoras independentes não dispõem de condições equitativas para competir com as editoras de

[1] Apesar de termos lido o texto original de Sorá, preferimos utilizar a tradução realizada por Magalhães.

grande porte, em razão disso a construção de relações entre agentes do campo que ocupam o mesmo segmento proporciona a troca de ideias e experiências em prol do fortalecimento do grupo (Magalhães, 2018). No que tange aos coletivos, localizamos parco material que abordasse tal tema e menos ainda que apresentasse um conceito no âmbito editorial, como é o caso do apresentado por Oliveira (2019, p. 30) segundo o qual "cada coletivo possui autonomia para se organizar e se estruturar" assim como os coletivos "são marcados pela ausência de uma forma padrão, apresentando formas que são rizomáticas[2] e nômades" (Deleuze; Gattari, 1997 *apud* Oliveira, 2022, p. 29). Por outro lado, Sorá entende que "no caso dos editores independentes, a intenção também se volta em uma associação coletiva para planejar políticas e instituições que permitam alcançar de maneira coletiva o que em nenhum caso seria conseguido individualmente"[3] (Sorá, 2013, p. 116, tradução nossa), logo, podemos depreender que assim como as redes de sociabilidade dizem respeito a relações interpessoais, os coletivos referem-se aos laços formados entre grupos de pessoas com uma mesma finalidade, como é o caso da REIM, da LIBRE, e da AIEI.

A Rede de Editores Independentes de Moçambique (REIM) é, como seu próprio nome indica, uma associação composta por editoras independentes provenientes de Moçambique e que não possuem fins lucrativos, sendo, portanto, um coletivo local. A REIM foi criada em novembro de 2022 com o objetivo de as casas editoriais componentes trocarem ideias, experiências e, principalmente, unirem forças em um contexto em que já iniciam suas atividades em desvantagem pelo próprio porte da editora somado aos problemas econômicos do país. A Rede foi criada inicialmente com 10 casas editoriais, sendo elas: Kulera, Ethale Publishing, Massinhane Edições, Khupaya, Índico, Fundza, TPC, Kuvaninga (Comunicado de Imprensa, 2022)[4]. Contudo, é importante ressaltar que o comunicado de imprensa emitido pela REIM deixou de mencionar os dois outros membros e tampouco conseguimos esses dados em pesquisas pela internet. De qualquer modo, essa iniciativa já teve um começo promissor pelo nº expressivo de adeptos, com o potencial de crescer muito mais.

A Liga Brasileira de Editoras (LIBRE) é um outro coletivo de caráter local que se configura em uma associação não governamental, que tampouco recebe subsídios do

[2] Oliveira (2022) emprega o conceito de rizomático desenvolvido por Deleuze e Gattari (1997).
[3] "En el caso de los editores independientes la intensión también se orienta a la asociación colectiva para planificar políticas e instituciones que permitan lograr de manera colectiva lo que ningún caso singular alcanzaría de modo individual".
[4] O comunicado de imprensa nos foi encaminhado por Emílio Cossa, editor da Kulera, a qual faz parte da Rede de Editores Independentes de Moçambique. O comunicado de imprensa se encontra no Anexo B deste trabalho.

governo, age de forma independente e foi criada no Brasil, em 2002. A LIBRE é uma instituição dedicada à proteção da cultura e da educação, procura impulsionar a literatura, além de tornar o livro acessível à população. Esse coletivo também é conhecido por investir no aprimoramento de profissionais que possuem os mesmos objetivos que a instituição, além de se dedicar à promoção dos produtos de seus membros em caráter nacional quanto internacional. Destacamos que a LIBRE faz parte da AIEI (LIBRE, 2025).

Por fim, a Aliança Internacional dos Editores Independentes (AIEI) é um coletivo de nível mundial, sem objetivo de lucro, formado por editores e entidades e que se dedica ao desenvolvimento da bibliodiversidade assim como ao desenvolvimento do cenário independente. A AIEI é formada por editores e grupos de editores independentes, que somam 800 membros originários de 60 países, e seis línguas: francês, inglês, espanhol, português, persa e árabe. Ressaltamos que a casa editorial Trinta Zero Nove faz parte da Aliança Internacional dos Editores Independentes, conferindo representatividade a Moçambique no cenário editorial independente internacional (Aliança Internacional dos Editores Independentes, 2025).

Conforme mencionamos anteriormente, não encontramos tantos estudos que discorressem sobre as redes de sociabilidade bem como os coletivos, mas ainda assim encontramos algum material na área editorial, conforme exposto acima, assim como em outras ciências do saber. Um dos que se destacou foi uma pesquisa focada nos desdobramentos gerados por redes de sociabilidade musical em projetos sociais voltados à prática musical no Rio de Janeiro. De modo geral, o vocábulo "rede" pode ser compreendido como "uma estrutura de laços entre os atores de um sistema social. Estes atores podem ser papéis, indivíduos, organizações, setores ou Estado-nação" (Eccles; Nohria, 1992, p. 32 *apud* Kleber, 2011, p. 41)[5], desse modo podemos inferir que a diferenciação entre redes de sociabilidade e coletivos tenha surgido posteriormente. Ainda assim, o estudo apresenta uma definição específica ao seu campo, como "rede de sociabilidade que conectava as ONGs e projetos sociais ao PVL apresentou-se multidirecional, não linear e com diversos elos ligados pelas esferas cultural, artística, institucional e pessoal presentes na sociedade da cidade do Rio de Janeiro" (Kleber, 2014, p. 42). Percebemos que as redes de sociabilidade alcançam as mais diversas áreas e que sua diferença em relação aos coletivos talvez ainda permaneça nebulosa.

[5] Apesar de Kleber fazer uma citação direta do artigo de Eccler e Nohria, ela traduziu o trecho da língua inglesa.

Outro trabalho que também utiliza do conceito de redes de sociabilidade é Grejo (2009), a qual desenvolve uma proposta de análise dos mecanismos empregados pela elite argentina, entre 1880 e 1920, para forjar uma identidade nacional. Para demonstrar o processo como tais sujeitos chegaram a seu objetivo, utilizou a perspectiva de alguns proeminentes teóricos, dentre eles o conceito proposto por Sirinelli, segundo o qual redes de sociabilidade seriam laços sociais, de amizades, conexões e influências que trazem benefícios mútuos entre os atores envolvidos e que são parte de grupos sociais engajados na vida intelectual, política e cultural de uma sociedade (Grejo, 2009). O conceito de Sirinelli é voltado a uma perspectiva histórica para compreender o âmbito intelectual em contextos específicos, mas ainda assim podemos depreender como ela depende das relações interpessoais forjadas entre pessoas.

Também encontramos as redes de sociabilidade e os coletivos no campo da edição, Oliveira (2018b), por exemplo, se propõe a analisar as engrenagens empregadas pelas casas editoriais dedicadas à publicação de materiais oriundos da cultura afrobrasileira. Em sua pesquisa, o autor conceitua redes de sociabilidade como "iniciativas de arregimentação de coletivos afrodescendentes para fins de convívio, atuação e resistência no âmbito da sociedade onde estão inseridos" (Oliveira, 2018b, p.157), destarte os quilombos editoriais se configuram como uma rede de sociabilidade entre sujeitos negros. Diante do exposto, percebemos que as redes de sociabilidade assim como os coletivos abrangem uma pluralidade de áreas científicas, dentre elas, a edição, demarcando seu caráter que abarca e se adapta.

Quando questionamos os editores na entrevista a respeito de possuírem ou não redes de sociabilidade, recebemos diferentes respostas. Dau afirmou que a Oleba realiza dois eventos: o Café com Letras e o AfroArte. O primeiro tem por objetivo criar uma relação direta entre leitor e autor, ao passo que o segundo foi criado por questões artísticas.[6] Contudo, achamos interessante complementar esse dado da entrevista com o de outra em que se pronunciou a respeito, segundo o qual as redes de sociabilidade não se limitam apenas às casas editoriais, se estendendo aos demais agentes do campo que também vivenciam as adversidades oriundas das atividades artísticas e culturais, como a produção literária. Pelo fato de Moçambique possuir um nº pequeno de editoras e elas não poderem correr riscos devido ao seu capital econômico restrito, só autores legitimados pelo campo conseguem publicar suas obras, seja por meio de jornais, crítica

[6] A entrevista com Dau, editor da Oleba Editores, se encontra mais adiante.

literária, academia, redes sociais, ou mesmo, por seus pares, como é o caso da AEMO em Moçambique. Logo, as redes de sociabilidade são responsáveis por assegurar que os autores consigam publicar suas obras (Moreira, 2019).

A Kulera mantém redes de sociabilidade de diferentes maneiras, primeiramente participando de vários clubes do livro por todo o país e participando de forma ativa em alguns momentos, e passiva em outros eventos promovidos por eles, além de apoiarem outras formas de manifestações artísticas e culturais. Em um segundo momento, fazendo parte da Rede de Editores Independentes de Moçambique, a qual foi criada para que as pequenas editoras se unam em prol de ações conjuntas, em uma troca de experiências e ajuda mútua.[7] Por fim, Brito assumiu que a Ethale Publishing faz parte da Rede de Editoras Independentes de Moçambique, organização na qual participou da criação. Um dos motivos que levou Brito a aderir à ideia foi a percepção de que cada editora não conseguiria chegar a muitos leitores em caráter individual, mas que poderiam chegar mais longe caso participassem de concursos para compra de livros e caso algum membro da Rede vença. Outro motivo que o impulsionou foi a oportunidade de trocarem conhecimento e experiências.[8]

Grande parte das casas editoriais aspira a captação de financiamento junto ao governo a fim de conseguir a publicação de um maior nº de livros e, consequentemente, uma maior estabilidade financeira de seu empreendimento. Contudo, Moçambique ainda necessita de mais políticas públicas no âmbito editorial, uma vez que as editoras não apenas enfrentam grandes dificuldades para obterem financiamento junto ao governo, como ainda precisam efetuar o depósito de 16 exemplares de cada título publicado pela casa. Esse ato administrativo por parte do governo onera ainda mais as editoras independentes moçambicanas, posto que a maior dificuldade enfrentada por elas é justamente o orçamento apertado em razão do baixo capital econômico, logo, uma ação que pode ter a intenção de promover a acessibilidade da população à cultura, mas que, sem os devidos estudos quanto aos impactos gerados, em contrapartida, acaba por trazer mais adversidades a empreendimentos em que cada centavo conta (Moçambique, Decreto nº 8/2015, art. 7).

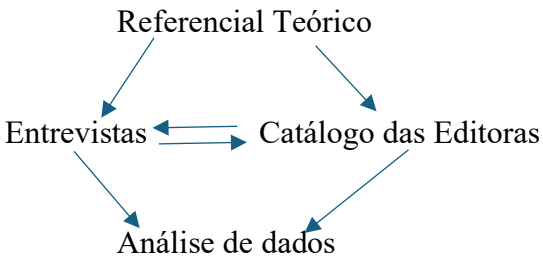
[7] As informações foram tiradas da entrevista com Emílio Cossa, editor da Kulera, que se encontra na presente pesquisa.
[8] Essas informações foram tiradas da entrevista realizada com Mauro Brito, editor da Ethale Publishing, e que se encontra neste trabalho.

2 METODOLOGIA:

Como se trata de um estudo comparado entre editoras, foi apresentado no primeiro capítulo um panorama sobre objetos e sujeitos que compõe o cerne de editoras, sendo o primeiro deles o objeto livro por se tratar do produto final de uma casa editorial, também foi abordado sobre a produção editorial e seu desenvolvimento do livro impresso aos livros em outros suportes em razão de a pesquisa também abordar a produção de *e-books* e citar *audiobooks*. Também consideramos pertinente abordar a figura do editor, personagem que se apresenta como o grande responsável por formar o perfil da editora, ser quem determina a composição do catálogo, e também em razão de o estudo apresentar informações obtidas a partir de entrevista concedida pelos editores das casas editoriais estudadas. E por se tratar de uma investigação sobre editoras independentes moçambicanas, foram desenvolvidos tópicos abordando sobre a edição independente e o campo editorial utilizando o estado da arte para embasá-los. Por fim, discorremos sobre as redes de sociabilidade e os coletivos dada a sua importância para as editoras independentes.

Figura 01: Metodologias usadas na pesquisa

Figura 1: Metodologias usadas na pesquisa



Fonte: elaborado pela autora.

Primeiramente me dediquei ao referencial teórico, o qual compõe o capítulo 1, apresentando o desenvolvimento do conceito de independente desde o sentido no dicionário até as chamadas editoras independentes. Para isso foram utilizados livros, artigos científicos, dissertações e teses, encontrados na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, e em artigos publicados em diversas revistas científicas nacionais e internacionais, por se tratar de um estudo sobre editoras independentes, sendo as informações relevantes para uma melhor compreensão dos resultados obtidos. Em seguida, selecionamos cinco editoras independentes para participar do estudo e entramos

em contato com os editores das casas editoriais selecionadas os convidando a participar do presente estudo e encaminhamos desde já os documentos cabíveis a serem preenchidos conforme as normativas e disposições da CONEP (Comissão Nacional de Ética em Pesquisa). Dos cinco editores, quatro aceitaram e um deles recusou. Depois de devolverem os documentos devidamente preenchidos, os quatro encaminharam seus respectivos catálogos, mas devido a conflito de agendas e ao prazo da pesquisa, apenas três editores concederam entrevistas e continuaram a participar do estudo.

No capítulo 3 foram apresentadas informações sobre as editoras com base nas entrevistas concedidas pelos editores das três editoras independentes e nos catálogos das casas selecionadas para o presente estudo (Ethale Publishing, Oleba Editores e Kulera). Posteriormente, expomos a análise individual de cada editora e, em seguida, uma análise comparativa entre os três empreendimentos, o que nos permitiu concluir a respeito do perfil editorial das selecionadas, bem como buscamos responder aos demais questionamentos aos quais a pesquisa se propôs (Creswell, 2010).

Quadro 1 – Entrevistas:

Editor Entrevistado	Editora	Data	Método
Alex Dau	Oleba Editores	15/11/2022	Chamada de vídeo (Plataforma Jitsi Meet)
Emílio Cossa	Editora Kulera	07/12/2022 08/12/2022	Chamada de vídeo (Plataforma Jitsi Meet)
Mauro Britto	Ethale Publishing	16/01/2023	Chamada de vídeo (Plataforma Jitsi Meet)

Fonte: elaborado pela autora.

Figura 2: Logo da Oleba Editores

Fonte: Oleba Editores/Facebook

Além da entrevista concedida pelo editor, foram utilizadas como fontes de informações a página da editora no *Blogspot* e no *facebook*. Contudo, foi constatado que o *Blogspot* foi atualizado apenas até outubro de 2015 que foi o ano de sua abertura, logo, a página foi atualizada por poucos meses desde a criação da editora, não tendo sino feitas novas postagens. E foi observado o mesmo em relação ao *facebook*, pois a última atualização da conta da Oleba foi em agosto de 2019 e o link que levaria a uma página da editora está com o site fora do ar. A editora também possui conta no *linkedin*, mas é uma plataforma apenas de contatos profissionais, conforme pôde-se observar os contatos com editores de diversos lugares. No mais, a casa editorial não possui conta nem no *instagram* e tampouco na Plataforma X (antigo *twitter*), que são as plataformas mais populares atualmente.

Figura 3: Logo da editora Kulera

Fonte: Editora Kulera/Youtube

Ao pesquisar sobre a editora Kulera, utilizei os buscadores do google para obter mais informações que pudessem auxiliar no estudo. Ao buscar pela editora na web, encontrei sua conta no *facebook*, no *instagram* e no *youtube*. Percebi que a página no facebook é atualizada com frequência, espaço em que são apresentados os últimos lançamentos da editora, reportagens feitas em torno das obras e eventos aos quais a casa

editorial participa. É também no *facebook* que a *Kulera* disponibiliza gratuitamente alguns dos livros que publica e comercializa, porém no formato e-book (pdf), e é também aonde temos acesso ao link que direciona à página oficial da casa e a qual está fora do ar, de forma que não é possível saber quais são as últimas publicações da casa e tampouco comprar livros impressos e/ou e-books pelo site. Como já observado, a editora também produz e-books, sendo alguns deles comercializados ao passo que outros são disponibilizados de forma gratuita ao público. Ao se procurar pela Kulera no *instagram*, seu ig (identidade dentro da plataforma) está em nome da editora, contudo Magus da Siderurgia, pseudônimo de Emílio Cossa que é o criador e editor da casa editorial, consta como o nome responsável pela administração da conta. Nesse espaço, Cossa expõe sobre projetos direta ou indiretamente ligados à Kulera, isto é, lançamentos, reportagens e eventos promovidos ou nos quais participa. A conta no *instagram* também apresenta os últimos lançamentos, novos projetos e eventos realizados e, embora não tenhamos encontrado nenhuma conta em noma da editora no *linkedin*, Emílio Cossa, seu editor, e outros membros de sua equipe possuem conta na plataforma. Por fim, o canal no *youtube* se encontra no nome da Kulera, foi aberto em junho de 2021 em comemoração ao aniversário de 1 ano da editora, e está ativo ainda que não seja um recurso muito utilizado. O "Momento Kulera", nome dado ao programa que objetiva divulgar o trabalho da casa, desenvolveu um total de 15 vídeos com autores filiados à editora contando um pouco de sua vida e obra, sendo o último deles datado de 2023.

Figura 4: Logo da Ethale Publishing

Fonte: Ethale Publishing/SoundCloud

Ao buscar sobre a Ethale Publishing, foi constatado que a casa editorial possui uma página própria na web, assim como contas no *facebook*, *instagram*, plataforma X (antigo *twitter*), *linkedin* e um canal no *youtube*. A página própria está bem atualizada em termos de expor os livros disponíveis à venda, tendo o último livro disponibilizado para encomenda sido lançado no final de março de 2025. A conta do *facebook* apresenta os últimos lançamentos, projetos nos quais a editora está envolvida, assim como homenageia datas importantes. A página da Ethale no *facebook* é atualizada constantemente e apresenta um link que encaminha à página própria. Como mencionado, a casa possui uma conta no *linkedin*, mas ela diz respeito aos contatos profissionais da editora com outras empresas do mesmo segmento tanto em âmbito nacional quanto internacional. A editora possui uma conta no *instagram*, a qual mantém bastante atualizada com os últimos e também os futuros lançamentos, projetos e eventos aos quais a casa está envolvida, além de homenagens a datas e assuntos de grande relevância. O canal no *youtube*, chamado *Ethale Talks*, é dedicado à promoção das narrativas africanas, grande mote da editora, além de abordar assuntos de diferentes áreas, como literatura e cultura, além de apresentar conteúdos em seis idiomas, sendo eles: português, inglês, swahili, zulu, sena e nhanja. O canal foi criado em abril de 2017 e produziu até o presente momento um total de 69 vídeos. Cabe ressaltar que a casa também produz e-books e os comercializa em um aplicativo próprio chamado *Ethale Books*, o qual foi lançado em junho de 2021 e disponibiliza e-books em português.

Para realizar as entrevistas, elaboramos um roteiro de entrevista semiestruturada subdividido em 4 partes: 1)pessoa do editor; 2)da editora; 3)catálogo; e 4)ações culturais. A primeira parte é composta por três perguntas e busca conhecer aspectos pessoais sobre a pessoa do editor e que impactam diretamente em seu ofício. A segunda é composta por 14 perguntas que buscam obter informações de aspecto objetivo e subjetivo que permitam definir o perfil da editora, e o tipo de livro que publicam. A terceira é formada por oito perguntas, as quais buscam entender o modo como o catálogo é formado. Já a quarta é composta por três perguntas que buscam saber se as editoras são envolvidas em questões de ordem cultural e se esse tipo de iniciativa faz parte do perfil de uma editora independente de Moçambique. As perguntas também buscam entender os mecanismos empregados pelas casas para se manterem ativas no mercado editorial.

Já em relação aos catálogos, cada um deles foi analisado em diferentes aspectos, de acordo com a disponibilidade de informações contidas neles assim como nas mídias sociais, sendo eles: 1) ficcionais em contraposição aos não ficcionais; 2) os diferentes

gêneros textuais e literários em cada catálogo; 3)produção de livros ao longo dos anos; 4) a produção de cada gênero textual ou literário ao longo do tempo; 5) formatos de publicação, isto é, produção de impressos e de e-books; 6) livros de 1ª e de 2ª edição; 7) preço dos e-books; 8) preço dos impressos; 9) Autoria feminina e masculina; 10) Autores moçambicanos e estrangeiros; 11) autores africanos e de outros continentes; 12) Grau de instrução dos autores; 13) autores professores; 14) faixa-etária dos autores.

No capítulo a seguir, abordaremos sobre a história de cada uma das editoras selecionadas assim como de seu respectivo editor, traremos o conteúdo das entrevistas concedidas pelos editores bem como mostraremos os dados coletados por meio dos catálogos e das redes sociais.

3 EDITORAS MOÇAMBICANAS INDEPENDENTES:

Os livros sempre foram objeto de interesse e afeto à minha pessoa, de forma que o fascínio pela edição acabou se apresentando como um desdobramento natural. O estágio na área de literatura de autoria negra e quilombos editoriais junto ao NEIA/Literafro, grupo de estudos da UFMG, em parceria com o GIECE, grupo de estudos ligado ao CEFET-MG, ainda na graduação em Letras, acabou por me despertar para outras realidades editoriais além da brasileira. Em meio ao estudo de países lusófonos, me deparei com a falta de bibliografia na área editorial no que diz respeito a Moçambique, o que me gerou muita curiosidade e também me impulsionou a buscar conhecer mais sobre aspectos específicos desse país.

A partir de uma curiosidade pessoal, passei a buscar conhecer mais sobre Moçambique enquanto país para talvez conseguir compreender seu mercado editorial. A partir dessa imersão descobri fatos interessantes e que me impulsionaram a desenvolver o presente estudo, mas algumas reflexões se fazem necessárias conforme a seguir.

A República de Moçambique é um país localizado na África Oriental, com 786.380 km² de território, população de aproximadamente 32.163.000 milhões de habitantes em 2022 e cuja capital é Maputo (Dados Mundiais, 2024). Apesar dos dados técnicos dizerem respeito a Moçambique, eles não definem a riqueza desse país e tampouco o caminho trilhado até quem é o povo moçambicano hoje. Consideramos importante apresentar algumas informações de cunho geográfico e histórico a respeito de tal país, uma vez que o presente estudo se propõe a coletar dados de três editoras independentes moçambicanas e analisá-los sob a ótica dos conceitos de campo e capitais de Bourdieu.

Primeiramente, Moçambique foi uma colônia portuguesa usada tanto como posto de abastecimento em rotas para a Índia a partir do final do Séc. XV, quanto como colônia de exploração após a partilha da África entre as principais potências europeias na segunda metade do Séc. XIX (Barrios Diaz, 2024). Diante de um cenário de crise do modelo imperialista após a 2ª Guerra Mundial, as colônias africanas aproveitaram o contexto da época para se libertarem de suas respectivas metrópoles, tendo sido a independência moçambicana conquistada através da FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique), a qual assumiu o controle do agora país independente sob um regime socialista (Leão; Mindoso, 2018).

Observamos que a FRELIMO usa de seu controle dos meios de comunicação bem como do controle na produção e distribuição dos livros escolares nas escolas para garantir o controle sobre o imaginário da população, inclusive sobre o conceito de nação. Levando-se em conta que o país é marcado pela pluralidade linguística, acredita-se que existam em torno de vinte línguas Bantu (Sitoe; Ngungs, 2000 apud Manjate, 2020) além de outras de origem asiática (Lopes, 2004 apud Manjate, 2020), apesar de haver uma única língua oficial que é o português, assim como uma pluralidade étnica e que a multiplicidade tende a gerar separação, a FRELIMO buscou gerar um sentimento de unidade, de haver um único povo moçambicano ligado pela marginalidade e exploração de seus compatriotas durante os anos de colonização (Leão; Mindoso, 2018). Ainda que tenha tentado passar uma ideia de unidade, a FRELIMO possuía divergências internas, mas o que realmente levou à guerra civil foi a violência simbólica de seu projeto de governo.

O contexto de guerra de independência, seguido de uma guerra civil marcada por disputas políticas internas, implica em disputas discursivas que se manifestam no âmbito da circulação de ideias com episódios de censura, posto que o embate discursivo se manifesta no campo editorial com a maior circulação de alguns discursos em detrimento de outros. Dessa forma, frente à potencialidade disruptiva que a produção editorial carrega em si, o governo de Moçambique estabeleceu restrições quanto ao que poderia ser publicado em razão da forte repressão política que ocorria no país à época (Massimaculo et al., 2021). Percebemos assim a importância da literacia, isto é, a escrita e a leitura como mecanismos que levam ao conhecimento e ao desenvolvimento de potencialidades do indivíduo e da sociedade como um todo (Manjate, 2020). A leitura é o meio de captação e decodificação do mundo por meio de símbolos cujas diferentes associações permitem uma pluralidade de significados de diferentes graus de complexidade (Manjate, 2020). Ou ainda, a leitura é um ato de descodificação de signos que, juntos, fornecem uma pluralidade de sentidos em constante construção e desconstrução (Manjate, 2020). “A leitura é, portanto, um meio fundamental para dotar qualquer pessoa de competências essenciais para exercerem o direito de cidadania com maior sentido de responsabilidade, liberdade, conhecimento e ascensão a diferentes patamares”, por isso o acesso ao conhecimento é fundamental ao desenvolvimento de qualquer país (Manjate, 2020, p. 110).

Ao refletirmos sobre o livro, precisamos pensar em sua cadeia desde seu processo de produção até que o produto final chegue às mãos do leitor/consumidor. Contudo

existem problemas de ordem estrutural que dificultam o consumo de livros em Moçambique, como altas taxas de analfabetismo que corresponde a 53,6% da população adulta (Sitoe, 2022), alto custo para produzir livros dentro do país, o que leva grande parte das editoras a procurarem tipografias em país vizinhos, especialmente a África do Sul, bem como diminuto nº de livrarias em todo o território moçambicano.

Sabendo disso, nos questionamos sobre como se deu a produção editorial de Moçambique. O que sabemos sobre o país? Como a produção se encaixa no contexto atual? O que ela nos diz disso?

Antes de iniciarmos a apresentação dos dados, destacamos que o presente estudo é de recorte sincrônico, posto que as editoras selecionadas atuam em um mesmo momento histórico, se tratando do tempo atual.

3.1 Catálogo

Entende-se por catálogo, conforme o dicionário Michaelis (2024), como: 1) relação, rol, lista ou enumeração sistemática, geralmente em ordem alfabética, de pessoas ou coisas; 2) biblio lista ou fichário onde estão relacionados, por um critério específico de ordenação, os livros e documentos de uma biblioteca. Segundo Beaudiquez (*apud* Souza, 1983, p. 45), existem dois tipos de catálogos, o primeiro diz respeito a listas utilizadas como fontes de informação para localização em algum acervo, utilizado para controle e localização dos livros que compõe o acervo e que tem como maior exemplo o catálogo de bibliotecas, ao passo que o segundo apresentaria uma lista de produtos com a finalidade de impulsionar a sua venda, o qual é também chamado de catálogo de propaganda. Contudo, observamos que existem outros tipos de catálogos que não são muito abordados no meio acadêmico, muito provavelmente em razão das áreas de conhecimento ao qual essas espécies se inserem, mas mostra-se necessário ao menos citar as principais delas a fim de se adentrar nessa complexa área do conhecimento. Os principais tipos de catálogos que constam na web são: catálogos informativos, os quais têm por objetivo informar e/ou educar sobre determinado produto, empresa ou instituição; os catálogos promocionais ou de propaganda apresentam os produtos que a empresa pretende promover e vender; o catálogo de lista de serviços diz respeito a serviços oferecidos por empresas e não a produtos; catálogo de linha ou tópico são voltados para os produtos de uma área específica da empresa e o catálogo de linha completa apresenta todos os produtos oferecidos pela empresa (Thatto, 2023).

No caso do presente trabalho, utilizaremos a segunda acepção apresentada pelo dicionário Michaelis e a primeira apresentada por Beaudiquez, cabendo ainda uma conceituação bastante semelhante, porém de forma mais completa, apresentada pela Universidad Nacional Autônoma de México ao dizer que o catálogo é "um registro sistematizado de todos os materiais bibliohemerográficos que existem na biblioteca, o qual de maneira lógica, rápida e simples permite aos usuários localizar um autor, um título ou tema determinados, de acordo com seu perfil de interesse[1]" (Unam, 2007 apud Gravier, 2020, p. 3). Em ambas as conceituações se destaca o ato de registro e o local em se dá tal ação que é a biblioteca, porém tal instrumento pode ser empregado em outros espaços que necessitem do controle e registro de quaisquer materiais, inclusive locais que tenham os livros como seu produto final, como livrarias e editoras.

Quando relacionado a livros, os catálogos possuem um duplo sentido, material e imaterial. O primeiro apresenta dados de mercado, como preços, materiais empregados, formas de pagamento, dentre outros, enquanto o segundo diz respeito aos títulos que compõem o catálogo. O interessante do aspecto imaterial é o fato de que por meio da análise dos títulos que compõem o catálogo, é possível realizar uma pesquisa qualitativa (Larraz, 2020).

Existem ainda diferentes subtipos de catálogos estudados no meio acadêmico, sendo os mais comuns: 1º) gerais; 2º) para coleções ou conjunto de publicações temáticas; 3º) para uma coleção determinada; 4º) para datas, celebrações ou certas temporadas do ano; 5º) para circular em espaços ou públicos específicos. Os gerais listam todo o material produzido pela casa editorial, o segundo tipo, sendo suas principais funções: controle, publicidade e informação. Os catálogos têm essas três funções, mas eles também permitem fazer um mapeamento do gosto literário dos leitores, assim como a linha editorial da editora, se ela é voltada para a produção de livros nacionais ou internacionais, obras mais intelectualizadas ou de caráter cult ou produz best-sellers (Gravier, 2020).

É importante destacar que "os catálogos estão enquadrados em um substrato político da oferta cultural" (Gravier, 2020, p. 5), o que implica que os livros publicados fazem parte de uma trama de relações sociais e comerciais específicas. As relações culturais e econômicas que envolvem o catálogo são complexas, principalmente quando dizem respeito às transnacionais, pois no próprio catálogo se encontra o capital simbólico da editora. Quando uma transnacional compra uma casa editorial local de um país, ela na verdade busca incorporar os capitais daquela editora (Gravier, 2020).

O catálogo permite analisar além do caráter literário e administrativo, posto que pode oferecer informações úteis à história da bibliografia e da edição. Uma vez que o catálogo é uma fonte primária no estudo da edição e, ao analisá-lo, é preciso ir além de seu conteúdo, considerando também fatores externos referentes àquele momento histórico que possivelmente influíram na sua formação. Para uma melhor compreensão quanto ao seu conteúdo, "é preciso avaliar a relação que existe entre a duração ou longevidade de um projeto editorial e como se manifesta essa história da edição no catálogo" (Gravier, 2020, p. 7), pois alguns projetos são de curta duração ao passo em que outros perduram por longos períodos (Gravier, 2020).

Dentre os tipos de catálogos apresentados, os que se mostram mais pertinentes para os estudos editoriais são as listas de fontes de informação e os catálogos de propaganda. Ambos são bastante pertinentes quando se pesquisa sobre a produção editorial, podendo se complementarem. Antigamente eram utilizados os catálogos de propaganda impressos, o que facilitava as pesquisas, em termos, por terem completude de informações e dados que permitiam uma vasta pesquisa, mas o aspecto negativo se dá pela análise depender de as editoras terem uma tradição de produzirem catálogos e de, ainda, conservá-los. Entretanto, tem se observado ao longo dos últimos anos o sumiço dos catálogos editoriais e a sua substituição, principalmente, por informações nos sites das editoras, e mais raramente a substituição do impresso por sua versão *e-book* (Souza, 2016).

Primeiramente, a pesquisa bibliográfica em um banco de dados seria teoricamente possível nesta pesquisa, levando-se em conta que a Biblioteca Nacional de Moçambique é o órgão estatal responsável por tal controle, mas por tratar-se de editoras jovens, fundadas de 2015 em diante, preferimos apenas entrar em contato com as casas editoriais e solicitar seu catálogo, tendo os pedido sido prontamente atendidos. Além do catálogo, nos valemos também das ferramentas da internet, procuramos a respeito das editoras, mas a atuação delas variou, sendo algumas redes sociais atualizadas com frequência enquanto outras pararam de postar conteúdo nas redes sociais.

3.2 Ethale Publishing

A Ethale Publishing foi criada em 2016, na cidade de Maputo, como uma consequência do Festival "Fim do Caminho" ocorrido de 2014 a 2017, em Mossuril, distrito localizado na província de Nampula, na ilha de Moçambique. O Festival foi criado

por três jovens, Jessemusse Cacinda, Alex Macbeth e Anna Di Giola, com o objetivo de promover o cinema e a literatura, o que os levou a convidarem escritores com o fim de enriquecer o evento, estimulando o debate de ideias sobre africanidade, diversidade e cultura. Durante o Festival de 2016, foi aberto um concurso literário com a temática policial no qual um júri selecionou os 15 melhores contos. Foi a partir desse evento que surgiu a ideia de criar a editora por parte de Cacinda e Macbeth e já com dois objetivos muito bem definidos, dar espaço para novos autores e, também, o de traduzir os clássicos da literatura africana para o português, logo, a casa foi criada comprometida desde o seu primórdio na promoção de narrativas africanas e de suas diásporas. O nome Ethale vem da língua emakwa que é a principal língua nativa de Moçambique, sendo da província de Nampula, e significa ler (Di Lelio, 2022).

Cacinda é licenciado em filosofia e mestre em sociologia do desenvolvimento e gestão, jornalista, gestor de projetos e ativista cultural, originário de Moçambique (Ethale Publishing, 2025). Já Macbeth é um escritor de ficção policial, jornalista, pesquisador, editor e diretor do festival "Fim do Caminho" no norte de Moçambique, sendo proveniente do Reino Unido, tendo estudado literatura e cultura africana na *School of Oriental and African Studies* – SOAS – *University of London* em Londres e também obteve um diploma em jornalismo pelo *National Council for the Training of Journalists* – NCTJ (MacBeth, 2025). Mas cabe ressaltar que Cassinda recentemente abdicou de sua posição como editor da Ethale Publishing, tendo Mauro Brito assumido o seu lugar e o qual conheceremos um pouco a respeito por ter nos concedido uma entrevista cujas informações foram resumidas a seguir, mas que pode ser lida na íntegra no anexo C ao final do trabalho.

3.2.1 Informações sobre a entrevista de Mauro Brito:

Para melhor conhecer a Ethale e seu trabalho assim como para podermos melhor embasar a pesquisa, entrevistamos o atual editor da casa que é Mauro Brito[9]. Dessa forma, Cacinda e MacBeth continuam a atuar na editora, porém com um papel mais de auxiliador e conselheiro quando necessário.

Primeiramente, a Ethale foi criada por Jessemusse Cacinda e Alex Macbeth no final de 2015 e passou a operar em 2016 diante da impossibilidade de continuarem com

[9] Apresentamos a seguir o conteúdo da entrevista concedida por Mauro Brito, editor da Ethale Publishing, conforme aprovado pelo Comitê de Ética no CAAE nº 59492122.8.0000.8507.

o Festival “Fim do Caminho” por falta de fundos, porém a boa receptividade do público em relação à coletânea de contos policiais os impulsionou a criar a editora. Os objetivos foram de dar espaço de publicação a autores de regiões mais distantes de Moçambique, explorar outros gêneros literários, além de publicar a literatura produzida em outros países africanos. Observamos que em razão de a editora ter Cacinda e Macbeth como únicos sócios, o capital da casa editorial é misto, ou seja, 50% moçambicano e 50% estrangeiro, algo não muito comum em termos de editoras independentes.

Trata-se de uma microeditora, tanto em termos de espaço físico, já que a casa editorial opera de um quarto diminuto de oito metros, com um quadro de seis funcionários fixos e uma estagiária[10], produz tiragens reduzidas de no máximo 500 cópias. Apesar de as funções serem muito bem divididas e cada um exercer a que lhe cabe, todos atuam na venda de livros na loja em diferentes momentos e Brito também o faz, além de auxiliá-los. A Ethale publica seus livros apenas em língua portuguesa, não possui selos e se propõe a atuar com integridade, respeito e transparência, traduzindo obras de outros países africanos, mas primando pela cultura e identidade dos outros povos locais, dessa maneira a casa editorial não possui o capital econômico necessário para mudar o seu porte, mas por ter consciência do trabalho importante que realiza, já se dá por satisfeita. Na verdade, a receita que garante a sobrevivência da Ethale não advém exatamente dos livros vendidos em sua livraria, mas da diversidade de serviços diferenciados que a editora oferece a seus clientes, o que vai além de realizar o design e a impressão do manuscrito, como o de traduzir línguas nacionais para o português, traduzir do português para línguas nacionais, dentre outros.

Na concepção de Brito, uma editora independente não está associada a nenhuma instituição, assim como não recebe nenhum tipo de subsídio, seja ele privado ou estatal, possui sede própria e publica tiragens pequenas, que não ultrapassem 500 exemplares. O entrevistado possui formação em contabilidade e em auditoria, de forma que não possui nenhum curso formal que o qualifique como editor, tendo aprendido na prática seu novo ofício. Enxerga a Ethale Publishing como um trabalho que demanda certo ativismo literário por parte de seus agentes, pois é preciso fantasia e ilusões para conseguir continuar a trabalhar em um país tão cheio adversidades como Moçambique, e justamente por serem sonhadores que investem em livros com novas abordagens, que possam impactar o mercado literário moçambicano exatamente por ainda não terem sido

[10] Esse era o quadro de funcionários à época da entrevista, de forma que não temos ciência se houve alterações nesse quesito.

explorados e, consequentemente, alcançarem novos públicos. A casa editorial deseja contribuir para o desenvolvimento da literatura africana e por isso mesmo aposta em um catálogo de caráter mais cultural, mesmo que não tenha tanto apelo econômico. Dessa forma, tem publicado livros de diferentes gêneros literários, ainda que também tenha optado por seguir uma linha editorial bastante voltada ao didático/acadêmico, possivelmente porque o próprio Cacinda, cocriador da editora, tenha formação em filosofia.

A Ethale Publishing utiliza de diferentes ferramentas para potencializar a venda de seus livros de forma a garantir que eles cheguem ao seu público consumidor, isso implica em ir além da venda direta em sua livraria e em seu site, de distribuí-los em outras livrarias e aonde forem solicitados, isso porque a casa editorial não se restringe aos livros impressos, tendo desenvolvido seu próprio aplicativo no qual comercializa suas obras no formato e-book e planeja ofertar *audiobooks* em um futuro próximo. Apesar de a editora adotar boas estratégias para sobreviver, Brito reconhece que uma ajuda estatal seria possível e bem-vinda, mas Moçambique ainda carece de melhores políticas públicas que estimulem a arte e a cultura.

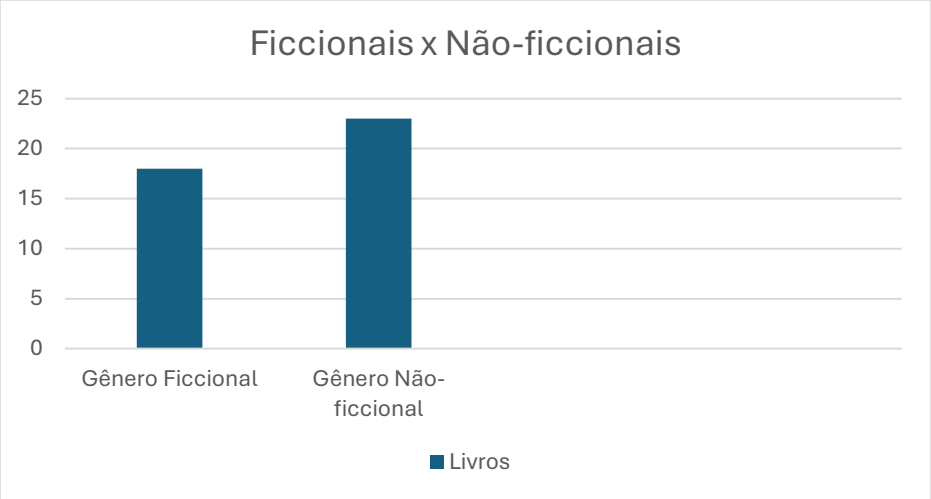
A casa editorial é engajada com a produção da arte e da cultura, realizando uma série de ações que buscam levar o público à reflexão e ao debate acerca da literatura, da cultura e da filosofia, se engajando na valorização das línguas nativas e nos aspectos singulares aos povos africanos. E para que essas iniciativas tenham continuidade, assim como para que a Ethale continue a realizar esse trabalho tão ímpar, ela se uniu a outras editoras independentes e juntas criaram a Rede de Editoras Independentes de Moçambique a fim de, por meio da união, se fortalecerem e continuarem a levar literatura de qualidade ao povo moçambicano.

3.2.2 Catálogo da Ethale Publishing

Para fins de análise, o recorte do catálogo da Ethale Publishing se dá até dezembro de 2023, sendo composto até aquele momento por 41 livros, dentre eles obras famosas como “a morte e o cavaleiro real”, de autoria do nigeriano e primeiro ganhador africano do Prêmio Nobel de literatura, Wole Soyinka. A fim de delinear o perfil da casa editorial em questão, analisamos diferentes aspectos que perpassam a produção editorial o que implica os gêneros dos livros editados, a produção de obras ao longo dos anos, frequência de publicação de cada gênero, formatos de publicação, livros de 1ª e de 2ª edição, autoria

feminina e masculina, autores moçambicanos em contraposição aos estrangeiros, autoria africana e não africana, grau de instrução dos autores, autores que atuam como professores e faixa-etária dos autores.

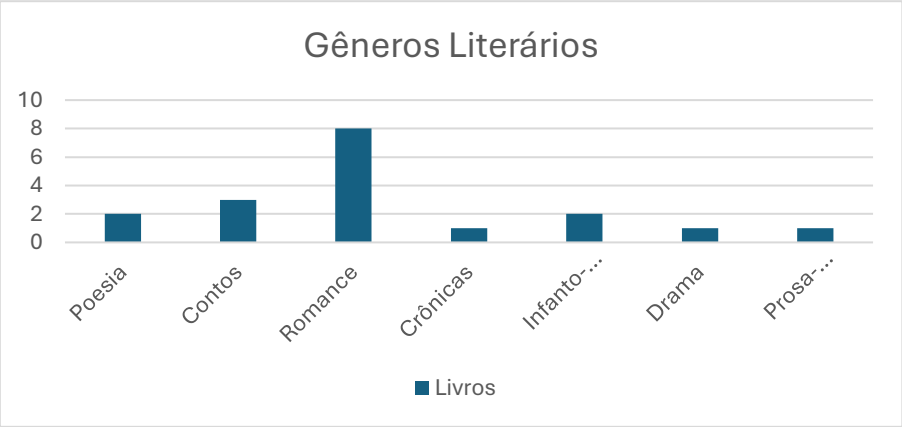
Figura 5: Descrição de livros publicados nos gêneros ficcional e não ficcional



Fonte: elaborado pela autora.

Observamos que o catálogo da Ethale Publishing é bastante diversificado, englobando 18 obras do gênero ficcional ao passo que produziu 23 de caráter não-ficcional.

Figura 6: Gêneros literários publicados pela casa editorial



Fonte: elaborado pela autora.

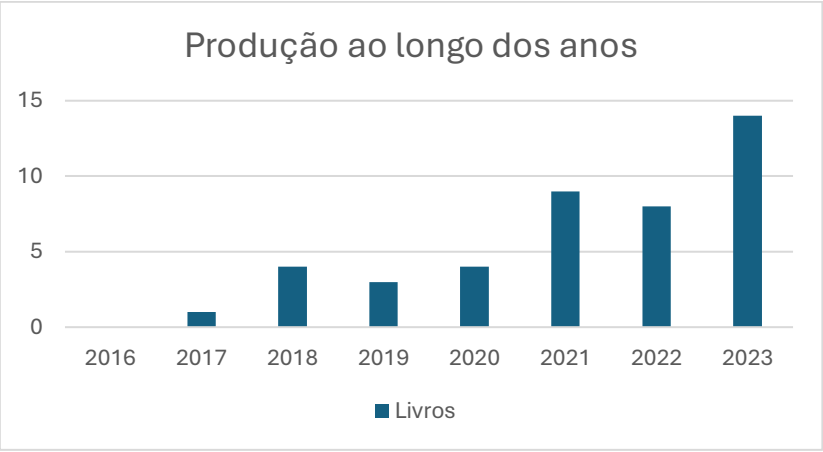
Verificamos que dentre os gêneros literários publicados, segundo a classificação clássica, há dois títulos de poesia; três de contos; oito de romance; um de crônicas; e um de drama. Já em uma classificação moderna, há dois de infanto-juvenil e um de prosa narrativa.

Figura 7: Gêneros não-ficcionais produzidos pela editora

Fonte: elaborado pela autora.

Das 23 obras publicadas, observamos que dois são de sociologia, três de filosofia, seis de ciência política, um de comunicação digital, duas revistas, três de ciências ambientais, um de políticas públicas, um de autoajuda, dois de caráter interdisciplinar, um de ciência da educação e um de linguística.

Figura 8: Produção ao longo dos anos

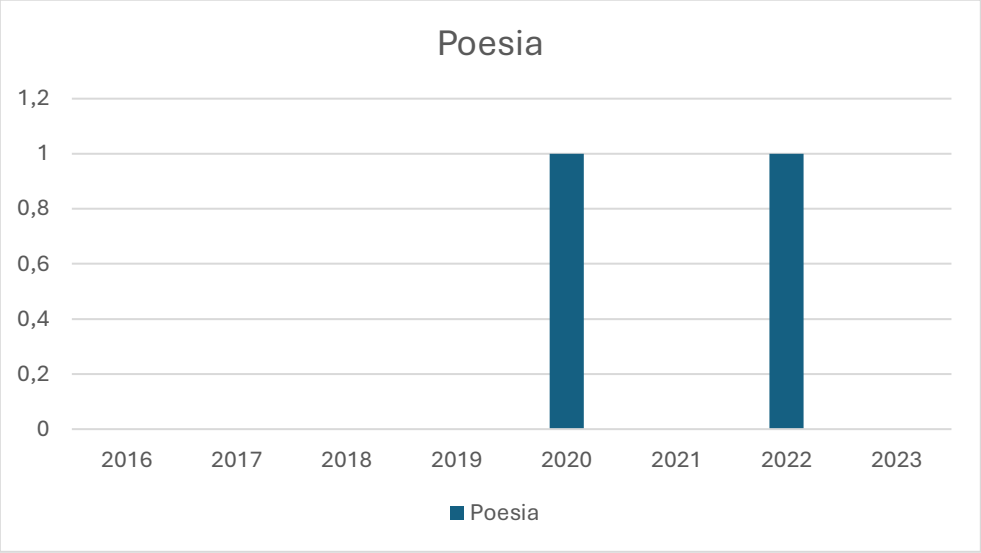


Fonte: elaborado pela autora.

Ao analisarmos a produção de livros, verificamos que a Ethale não publicou nenhum em seu ano de inauguração, porém um em 2017, quatro em 2018, três em 2019, quatro em 2020, nove em 2021, oito em 2022, e 14 em 2023. A casa editorial apresentou um salto em sua produtividade, tendo dobrado a sua produção em 2021, mantido a quantidade de título em 2022 e aumentado ainda mais em 2023, de forma que os três

últimos anos correspondem a 31 publicações, mais do que o dobro dos cinco anos anteriores. Ressaltamos que o total de publicações é superior ao nº de títulos em razão de haver primeira e segunda edições de um mesmo livro.

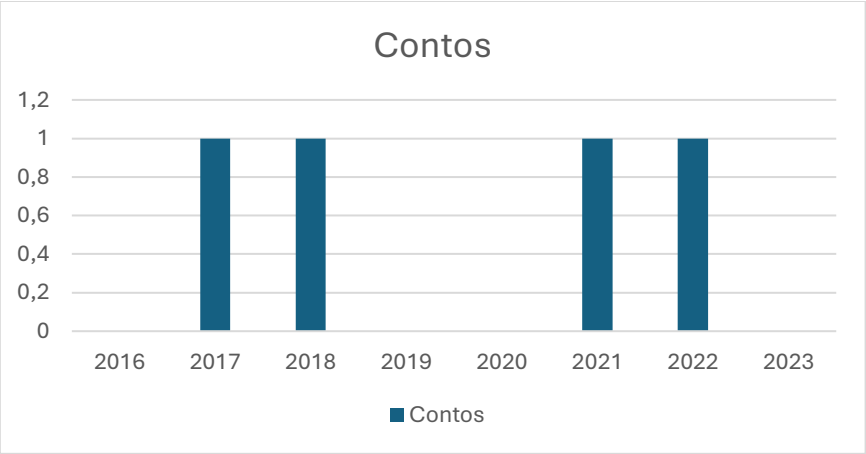
Figura 9: Produção de Poesia ao longo do tempo



Fonte: elaborado pela autora.

Foram produzidos apenas dois títulos de poesia, um no ano de 2020 e o outro em 2022 o que em um universo de 41 livros desenvolvidos pode indicar que o público da editora não seja muito habituado a consumir poesia.

Figura 10: Publicações de Contos

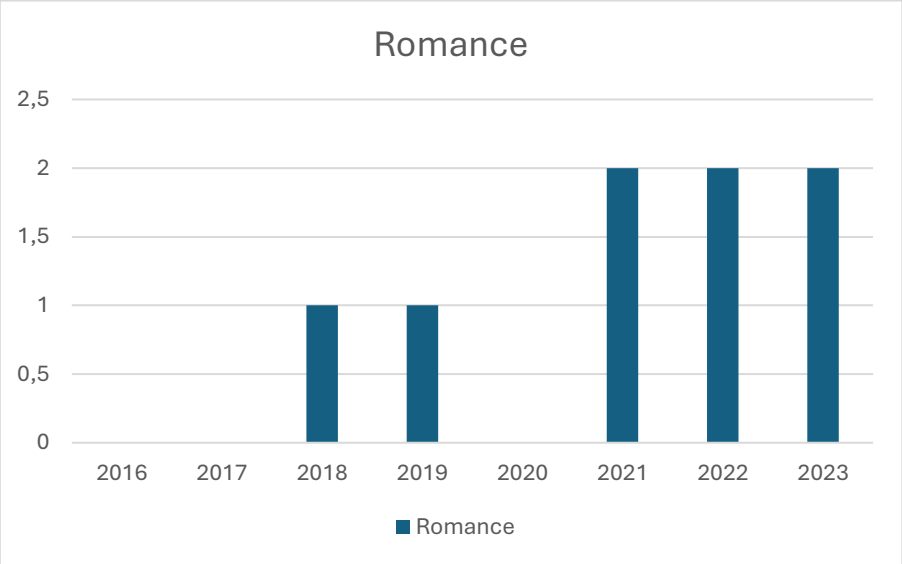


Fonte: elaborado pela autora.

Foram produzidos três títulos do gênero contos, “O hamburguer que matou Jorge” em 2017, que se trata de uma coletânea, “O voo dos fantasmas”, o qual teve sua primeira

edição em 2018 e uma segunda edição em 2021, “Nampula: antologia de histórias de uma cidade vibrante” em 2022. Este gênero literário foi o segundo mais produzido pela Ethale.

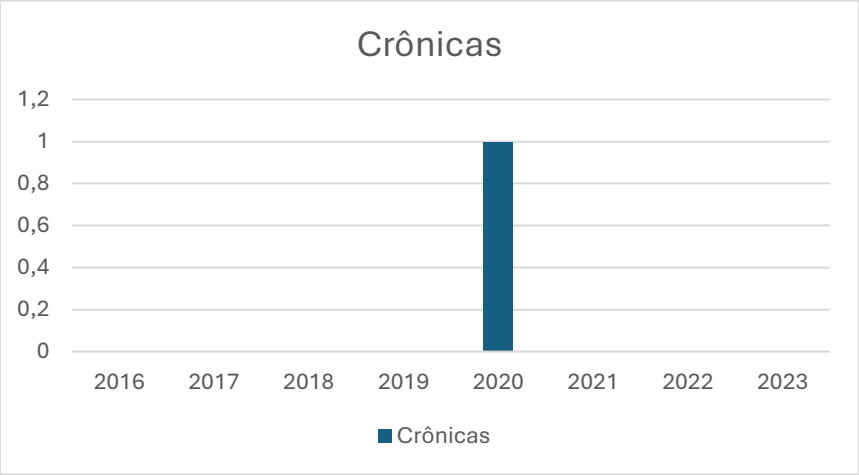
Figura 11: Publicações do gênero romance



Fonte: elaborado pela autora.

Constatamos que a casa editorial publicou oito títulos de romance no total, um em 2018, um em 2019, dois em 2021, dois em 2022 e dois em 2023. Observamos discrepância nas informações contidas no catálogo referente à obra “Paraíso”, de Abdulrazak Gurnah, pois embora conste no catálogo da casa editorial, não encontramos nenhuma referência no site e tampouco nas redes sociais, razão pela qual optamos por excluí-la do material de análise. Esse foi o gênero literário mais publicado pela Ethale, o que pode indicar uma maior preferência pelo romance por parte do público leitor da editora.

Figura 12: Publicação de crônicas



Fonte: elaborado pela autora.

Observamos que foi publicado um único livro no gênero crônicas em 2020, o que pode ser um indicativo de baixo consumo deste nicho pelo público consumidor da Ethale.

Figura 13: Produção de prosa narrativa

Fonte: elaborado pela autora.

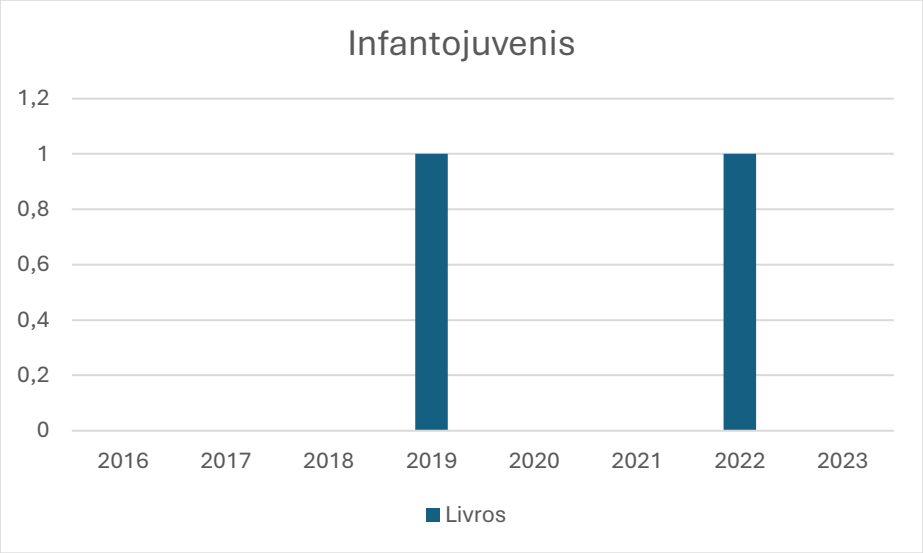
Notamos que das 18 obras literárias produzidas pela editora, há um único livro de prosa narrativa publicado em 2023, Kwashala Blues, do autor Jessemusse Cacinda que é também cocriador da Ethale Publishing, o que pode ser um indicativo de que a casa editorial esteja expandindo os gêneros que produz. Esta é uma das obras que não consta em nenhum dos catálogos oferecidos pela editora, mas que consta no site da Ethale, sendo inclusive de onde veio a classificação apresentada.

Figura 14: gênero dramático produzido ao longo dos anos

Fonte: elaborado pela autora.

Constatamos que dentre o acervo literário da editora, a Ethale publicou um único livro do gênero drama em 2021, trata-se de “A morte e o cavaleiro real” de Wole Soyinka, obra essa que levou à vitória do Prêmio Nobel de literatura ao autor nigeriano.

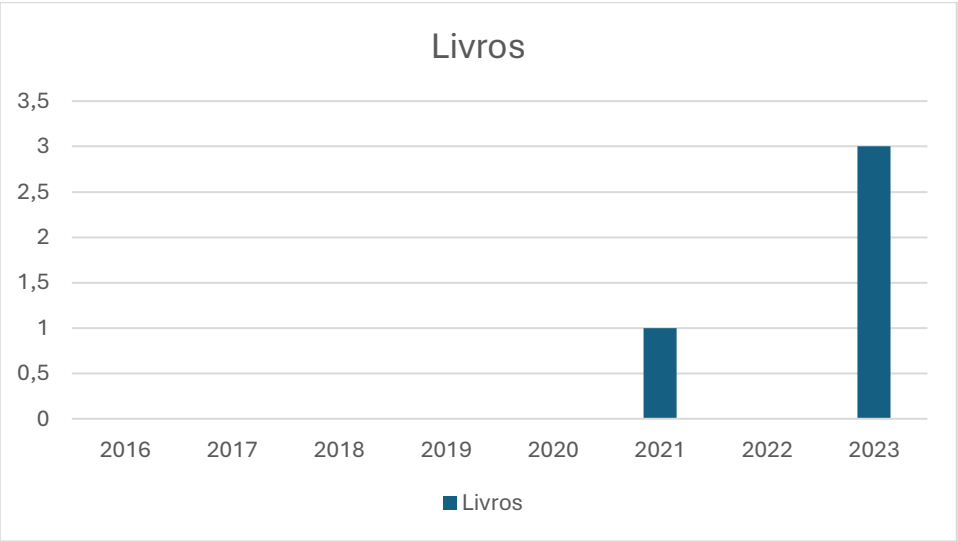
Figura 15 – Produção de infantojuvenis



Fonte: elaborado pela autora.

Observamos a existência de dois livros de infantojuvenis constantes no catálogo da Ethale Publishing, “Filho da Nana”, de Meshack Asare e publicado em 2022, e “O senhor da dança”, de Veronique Tadjo em 2019. Contudo é importante ressaltar que as obras em questão foram publicadas pela Falas Afrikanas em parceria com a Ethale.

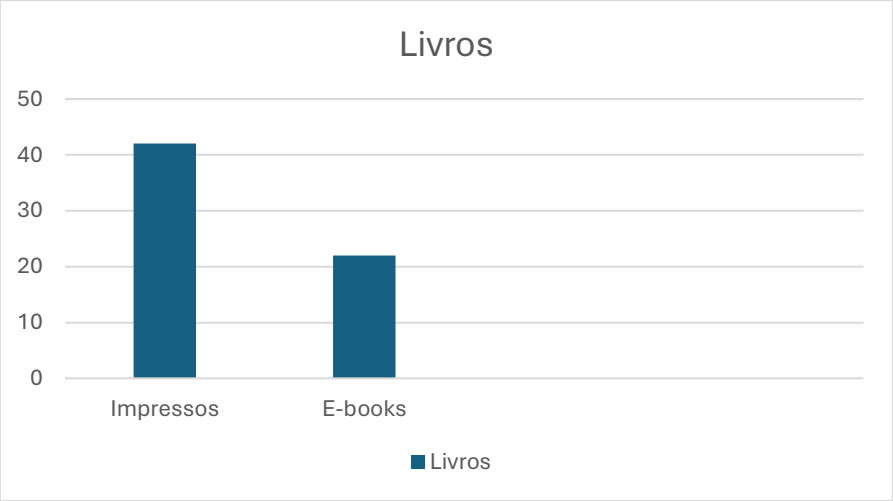
Figura 16 – Obras de sociofilosofia



Fonte: elaborado pela autora.

Dentre os não ficcionais, notamos a existência de quatro livros de sociofilosofia, “Do quarto ao quinto homem”, que se trata de uma coletânea publicada em 2021, e os demais, “Análise Social para Leigos”, de Elisio Macamo, “O Fim do Império Cognitivo”, de Boaventura de Souza Santos, e “Filosofemas”, de Luis Kandjimbo, são de 2023.

Figura 17 – Formatos de Publicação

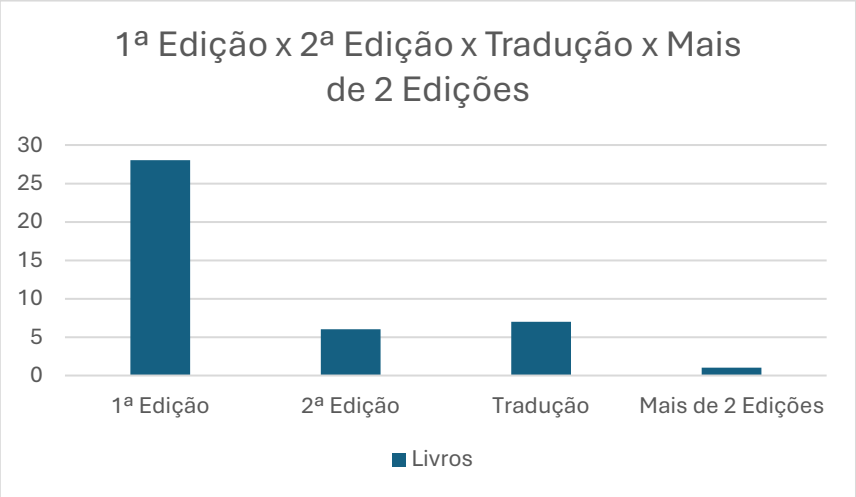


Fonte: elaborado pela autora.

Ao contabilizarmos as duas versões do catálogo disponibilizadas pela editora e ao analisarmos as informações contidas no site, e também, nas redes sociais, contabilizamos um total de 42 títulos impressos. Quanto a e-books, a Ethale possui um aplicativo no qual os comercializa e ao qual fizemos download a fim de obter dados acurados, contudo obtivemos entraves que nos impossibilitaram de dar prosseguimento ao processo, como a exigência de o cartão de crédito cadastrado ser necessariamente de um banco moçambicano. Apesar da impossibilidade de uso do aplicativo, utilizamos prints das redes sociais contendo *e-books* disponíveis, dos quais contabilizados 22, sendo que quatro deles fazem parte da coletânea de contos “O hamburguer que matou Jorge”[11].

[11] Essa informação foi retirada da conta da Ethale Publishing no facebook.

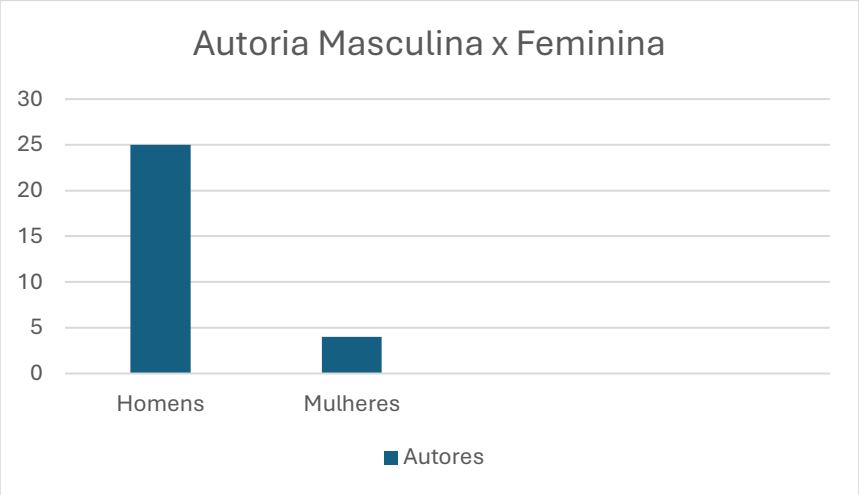
Figura 18 – Contraposição entre livros de primeira edição, segunda edição e traduções



Fonte: elaborado pela autora.

Ao analisarmos os materiais coletados, observamos a existência de 28 primeiras edições, seis segundas edições, sete traduções e um que possuía mais de duas edições. Dos 41 títulos publicados, dois deles constam tanto na lista de primeira quanto no de segunda edição, sendo eles, "O voo dos fantasmas", de Melio Tinga em 2018 (1ª ed.) e 2021 (2ª ed.), bem como "Democracia e outras coisas de Moçambique", de Arcénio Cuco em 2021 (1ª ed.) e 2023 (2ª ed.). Os demais livros que figuram como segundas edições são "Comboio de sal e açúcar", de Licínio Azevedo em 2021, "A problemática ambiental da mineração artesanal em Manica – Moçambique: propostas de solução", de Olavo Alberto Deniasse em 2020, "Retorno do bom selvagem", de Severino Ngoenha em 2023, e "Filosofemas", de Luis Kandjimbo em 2023. Observamos um total de sete traduções, sendo elas "Matigari", de Ngugi Wa Thiong'o em 2018, "A greve dos mendigos", de Aminata Sow Fall em 2019, "Morte e o Cavaleiro real", de Wole Soyinka em 2021, "Filho da Nana", de Meshack Asare em 2022, "O senhor da dança", de Veronique Tadjo em 2019, "As madames", de Zukiswa Wanner em 2022, e "Sacrificar um continente", de Nnimmo Bassey em 2021. Por fim, "O fim do império cognitivo", de Boaventura de Souza Santos em 2023, é uma obra estrangeira famosa de língua portuguesa que já foi publicada várias vezes e em múltiplos países, figurando como a única a possuir mais de duas edições.

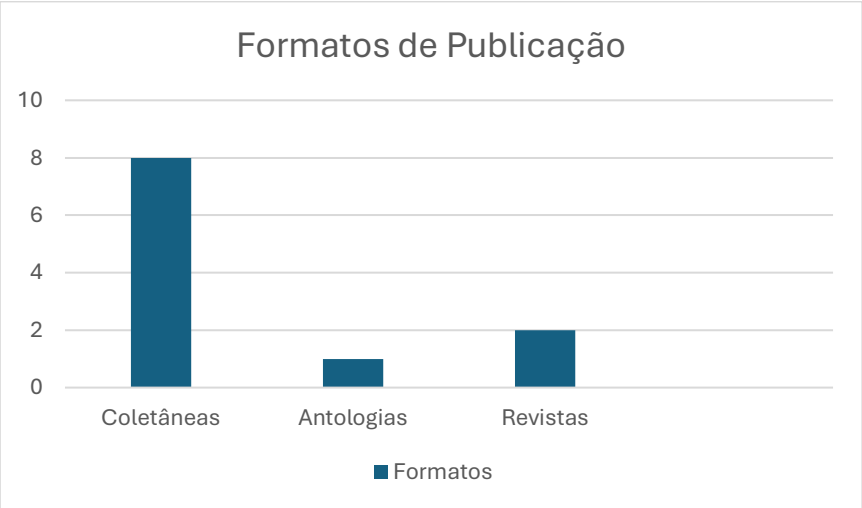
Figura 19 - Autoria masculina em contraposição à feminina



Fonte: elaborado pela autora.

Observamos que dos 29 autores da casa, 25 deles são do gênero masculino ao passo em que apenas quatro são do feminino, destacando-se a baixa produtividade feminina que pode ocorrer por uma série de dados as quais abordaremos mais à frente.

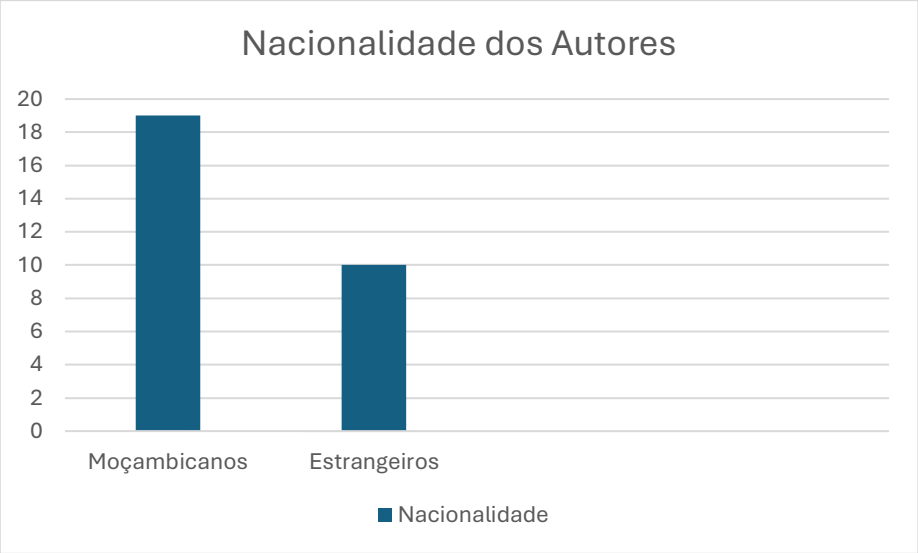
Figura 20 – Produção de Antologias, Coletâneas e Revistas



Fonte: elaborado pela autora.

Observamos que do total de obras, uma era de antologias, duas revistas e oito coletâneas. Observamos que os 11 livros em questão possuem uma pluralidade de autores, motivo pelo qual esses autores não foram contabilizados na presente pesquisa.

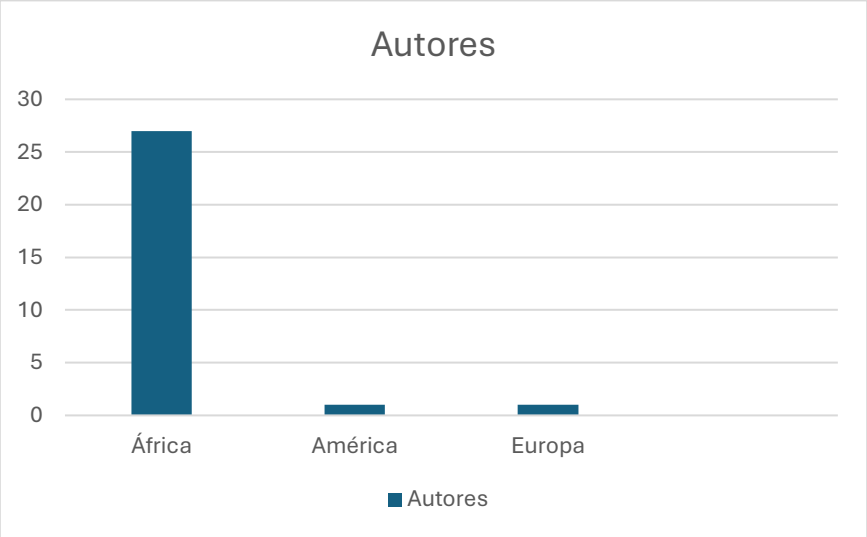
Figura 21 – Nacionalidade dos Autores



Fonte: elaborado pela autora.

Dos 29 autores contabilizados, 19 deles são moçambicanos, ao passo que dez são estrangeiros, sendo um brasileiro, um queniano, um senegalês, dois nigerianos, um português, um angolano, um ganês, um da Zâmbia, e um da Costa do Marfim.

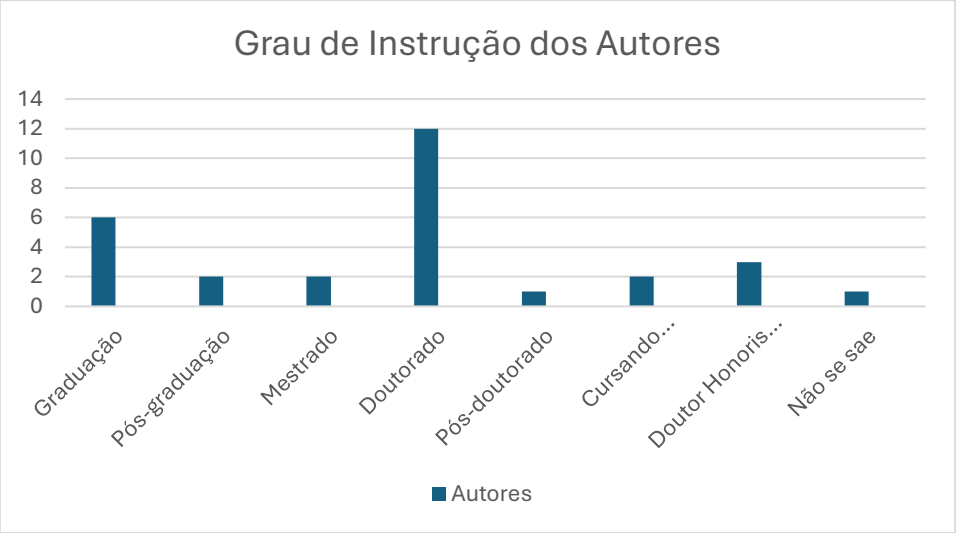
Figura 22 – Continente dos Autores



Fonte: elaborado pela autora.

Notamos que dos 10 autores estrangeiros, oito são africanos, ao passo em que um é originário do continente americano enquanto o outro é proveniente da Europa.

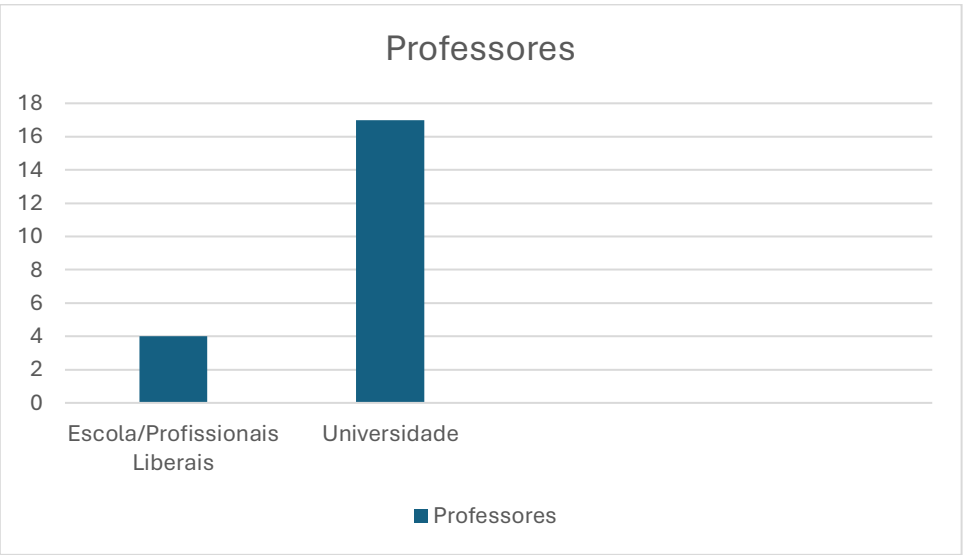
Figura 23 – Grau de Instrução dos Autores



Fonte: elaborado ela autora.

Contemplamos que dos 29 autores contabilizados, seis possuem graduação completa, dois possuem pós-graduação (Lato Sensu), dois têm mestrado, 12 têm doutorado, um possui pós-doutorado, dois estão cursando o doutorado, três possuem o título de Doutor Honoris Causa, e não conseguimos essa informação de um dos autores. Logo, quase todos possuem ao menos graduação e mais da metade possui ao menos o título de doutor, o que nos leva a refletir que os autores da Ehale Publishing são de grande erudição.

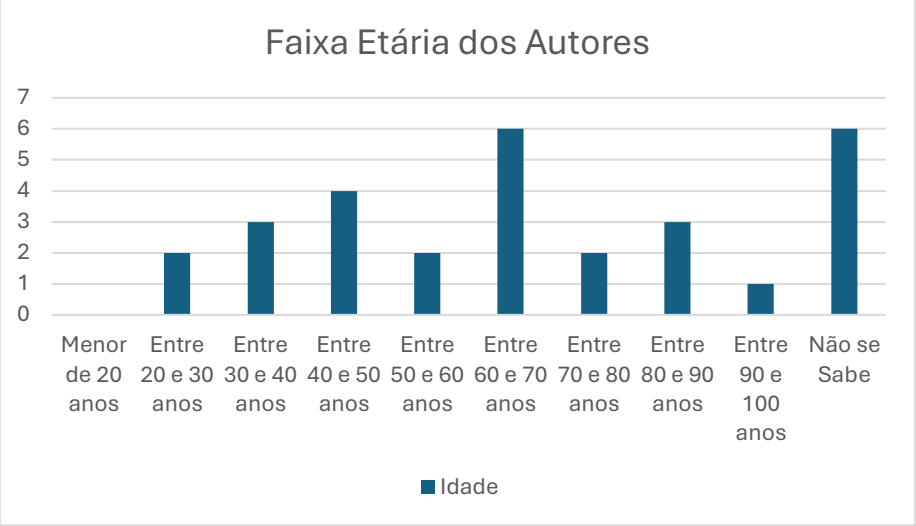
Figura 24 – Autores que são Professores



Fonte: elaborado pela autora.

Notamos que do total de autores, quatro deles lecionam em escolas e/ou atuam como profissionais liberais, ao passo em que 17 deles são docentes em universidades, o que reitera o perfil erudito dos autores da casa e sua dedicação à educação e ao conhecimento.

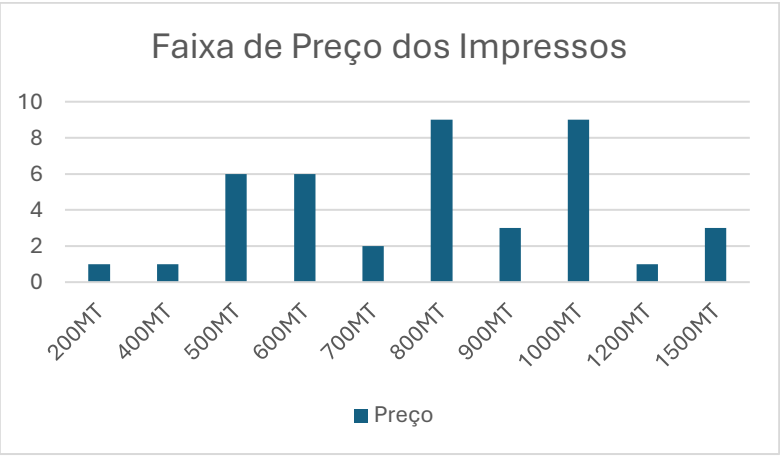
Figura 25 – Faixa Etária dos Autores



Fonte: produzido pela autora.

A faixa etária dos autores da Ethale é bastante diversificada, tendo dois autores entre os 20 e 30 anos, três entre 30 e 40 anos, quatro entre 40 e 50 anos, dois entre 50 e 60 anos, seis entre 60 e 70 anos, dois entre 70 e 80 anos, três entre 80 e 90 anos, e um entre 90 e 100 anos. Dessa forma, não contabilizamos seis dos autores por não termos tal dado, mas ainda assim pudemos notar que a editora só não possui autores muito jovens, ou seja, abaixo de 20 anos, mas notamos que os autores da casa são mais velhos.

Figura 26 – Preço dos Livros Impressos



Fonte: elaborado pela autora.

Observamos que a Ethale possui livros em uma faixa de preço bastante variada, o que torna o consumo de livros acessível até mesmo para as pessoas de renda mais baixa. Preços mais baixos reforçam o compromisso com a cultura com a arte e com o acesso ao conhecimento por parte da população moçambicana.

3.2.3 Análise dos dados da Ethale Publishing

A análise dos dados obtidos revela que há um relativo equilíbrio entre a produção de obras ficcionais e não ficcionais pela Ethale. Embora o número de publicações não ficcionais seja ligeiramente superior, o gênero mais recorrente é o romance, com oito títulos, seguido por publicações em ciências políticas, com seis obras. Essa prevalência de títulos voltados às ciências humanas pode ser compreendida à luz da trajetória de Cacinda, cofundador da Ethale e editor anterior, cuja formação em Filosofia parece exercer influência direta sobre as escolhas curatoriais da editora. Nesse sentido, evidencia-se a centralidade do capital cultural na constituição da linha editorial da Ethale, na medida em que os saberes e disposições do editor moldam os critérios de seleção e legitimação das obras publicadas.

Verificamos também um crescimento progressivo no número de publicações ao longo do período analisado, o que pode sinalizar uma expansão gradual das atividades da editora, indicando um possível fortalecimento de seu capital econômico. No entanto, não é possível afirmar com precisão se há uma predominância de livros impressos sobre os digitais, dado que a Ethale opera com uma plataforma própria para a comercialização de *e-books* e, futuramente, de *audiobooks*. Tal iniciativa revela uma estratégia de diversificação de formatos que, além de ampliar o alcance das publicações, também evidencia o investimento em capital tecnológico e simbólico, na medida em que busca consolidar a imagem da editora como inovadora e atenta às transformações do mercado editorial.

Outro dado relevante é a predominância de primeiras edições no catálogo da editora, o que corrobora sua proposta de fomentar novos autores e ampliar o acesso ao campo literário. Simultaneamente, a presença de traduções, embora em menor número, reafirma o compromisso da Ethale com a circulação de narrativas africanas e diaspóricas, o que pode ser interpretado como uma estratégia de acumulação de capital simbólico transnacional, voltada à legitimação de sua atuação em um campo literário mais amplo, para além das fronteiras nacionais.

Em relação à precificação dos livros impressos, observa-se uma política editorial diversificada, com obras acessíveis ao lado de títulos mais onerosos. Essa estratégia revela um esforço de equilíbrio visando a sustentabilidade econômica do projeto. Tal ação assegura seu capital econômico, ao mesmo tempo em que democratiza o acesso ao livro, conferindo-lhe capital social e alcance em diferentes segmentos do público leitor.

Quanto ao perfil autoral, verificamos a prevalência de escritores moçambicanos do sexo masculino, mas com presença expressiva de autores africanos estrangeiros, o que está em consonância com o projeto editorial da Ethale de promover uma literatura pan-africana. Esses autores, em sua maioria, são intelectuais consagrados, com titulação de doutorado, idade entre 60 e 70 anos e atuação no ensino superior. Tal perfil indica um elevado grau de capital cultural acumulado, o qual é mobilizado pela editora como estratégia de consagração simbólica, conferindo prestígio e legitimidade ao seu catálogo.

Dessa forma, a Ethale acumula e articula diferentes formas de capital, cultural, econômico, social e simbólico, de modo a consolidar sua posição no campo editorial independente, com ambições de expansão que permitam o trânsito das produções literárias a fim de que elas extrapolem os limites geográficos e culturais de Moçambique.

3.3 Oleba Editores

Já a Oleba Editores foi criada em 2015 pelo escritor Paulo Alexandre Dauto da Conceição, mais conhecido como Alex Dau, originário de Quelimane, na Zambézia. Essa província é marcada pela diversidade linguística, sendo suas línguas: echuabo, elomwe, echuwabo, cisena, lolo/malolo, emakhuwa, além do próprio português (Visit Zambézia, 2023). Dau deu a sua editora o nome de Oleba que em echuabo significa “escrever”, em clara homenagem às suas raízes de Quelimane (Santana; Coutinho, 2020). A casa editorial independente foi desenvolvida inicialmente para atender às necessidades de Dau enquanto autor, uma vez que Moçambique possui uma quantidade muito pequena de editoras, entre 20 e 25 segundo a estimativa do editor e a maioria delas está localizada em Maputo, a capital do país. A falta de uma editora que o atendesse levou Dau a criar a Oleba, e logo percebeu que muitos escritores passavam pelo mesmo problema, de forma que poderia ajudar outros que passavam pelas mesmas dificuldades (Santana; Coutinho, 2020).

No âmbito de educação formal, Dau é formado em literaturas Portuguesa e Africana na Faculdade de Letras da Universidade Eduardo Mondlane, tendo dado

seguimento pelo caminho das letras e assumido sua veia de escritor (Moreira, 2019). As dificuldades de recebimento de seus direitos autorais levaram Dau a buscar caminhos alternativos para a sua situação, tendo as plataformas de edição se apresentado como mais vantajosas. Contudo ainda existia um outro empecilho para se autopublicar, as gráficas em Moçambiques cobram preços inacessíveis para autores, principalmente os iniciantes e de menor alcance do público, o que levou o escritor a imprimir seus livros na África do Sul, onde os valores são mais acessíveis à realidade de um escritor moçambicano (Santana; Coutinho, 2020).

3.3.1 Informações sobre a entrevista de Alex Dau

Nos propusemos a entrevistar Alex Dau[12], criador e editor da Oleba Editores, a partir da qual pudemos vislumbrar melhor a forma de funcionamento da casa editorial em questão. Já era de nosso conhecimento que o ofício de editor não é a profissão primária de Dau, uma vez que o entrevistado possui formação em Letras com ênfase em literatura portuguesa e africana, mas que havia assumido a profissão de escritor como sua principal atividade laboral. Diante da necessidade de publicar seus trabalhos e das condições desfavoráveis aos autores, Dau cria sua própria editora com o objetivo de se autopublicar, o que o leva a aprender a realizar a função de editor, a qual ele próprio sintetiza como atividade de coordenador.

Frente a um mercado editorial incapaz de absorver a nova leva de autores que chegava, o escritor criou a Oleba para sanar uma necessidade sua. O fato de isso não ter prejudicado a qualidade de seus trabalhos acabou por atrair outros autores que passavam pelos mesmos problemas. Percebemos, então, que a editora não foi criada com o objetivo de dar espaço aos novos autores, mas houve um reconhecimento mútuo de que os dois lados eram novos e isso gerou uma relação simbiótica. Por um lado, a casa editorial obteve reconhecimento por meio das novas obras desses escritores até então desconhecidos, à medida que a qualidade de tais trabalhos foi atestada pelo próprio mercado, gerando capital simbólico para a editora. Por outro lado, esses autores saíram de uma posição de fragilidade junto às editoras que os publicava e passaram a uma relação mais equilibrada.

[12] Apresentamos a seguir o conteúdo da entrevista concedida por Alex Dau, editor da Oleba Editores, conforme aprovado pelo Comitê de Ética no CAAE nº 59492122.8.0000.8507.

Por sua fala, percebemos que Dau precisou se adaptar à realidade de seu país, em que o preço de produção nas gráficas é tão alto que inviabilizaria a existência da própria editora, o que o levou a buscar serviços gráficos em países vizinhos. Ao nos dar um vislumbre acerca da forma de funcionamento da casa, o entrevistado nos permite visualizar seu mecanismo de funcionamento e divisão de funções, como a constatação de que a editora se concentra na pessoa de Dau e que os demais que trabalham consigo são apenas colaboradores, logo o capital do empreendimento é 100% moçambicano. Assim, o editor não possui sócios e tampouco empregados, apenas profissionais autônomos que são remunerados por trabalho, o que torna a casa editorial uma microeditora e justifica o espaço físico diminuto em que a Oleba opera, que nada mais é do que uma sala da qual o editor gerencia os trabalhos enquanto seus colaboradores prestam seus serviços a partir de um local próprio.

Na concepção de Dau, ser independente está relacionado a fugir da lógica tradicional de mercado, em que a obtenção de lucro é o objetivo final da empreitada. Editoras de maior porte, normalmente, trabalham com autores que já fizeram um nome para si no mercado, situação em que a expectativa de venda é bastante alta, assim como o lucro obtido. Contudo, a Oleba segue a lógica de seu editor de ser independente ao dar espaço de publicação a autores desconhecidos, os quais possuem muito pouco em termos financeiros para investir, resultando em um número diminuto de tiragens. Editoras independentes são marcadas pela promoção da cultura em detrimento de ganhos financeiros. No caso de editoras moçambicanas como a Oleba, em que o aspecto econômico é ainda mais precário, o lucro é suficiente apenas para a editora sobreviver e continuar a promover a literatura moçambicana. Seria necessário um grande crescimento do mercado consumidor no país para que as editoras independentes moçambicanas pudessem realmente lucrar com a produção de livros.

Dau demonstra bastante consciência sobre as motivações quanto ao surgimento da editora e, à medida em que uma nova realidade foi se configurando a partir de um público/cliente específico que enxergou na Oleba um espaço de oportunidades, uma nova gama de autores foi apresentada ao mercado e, assim, a casa editorial despontou como uma editora que se aventura no desconhecido. Observamos ainda pela fala de Dau que a realidade e a relação forjada com os autores foram o que gerou os valores da casa, reiterando a nossa posição acerca de uma relação simbótica entre a Oleba e seus autores.

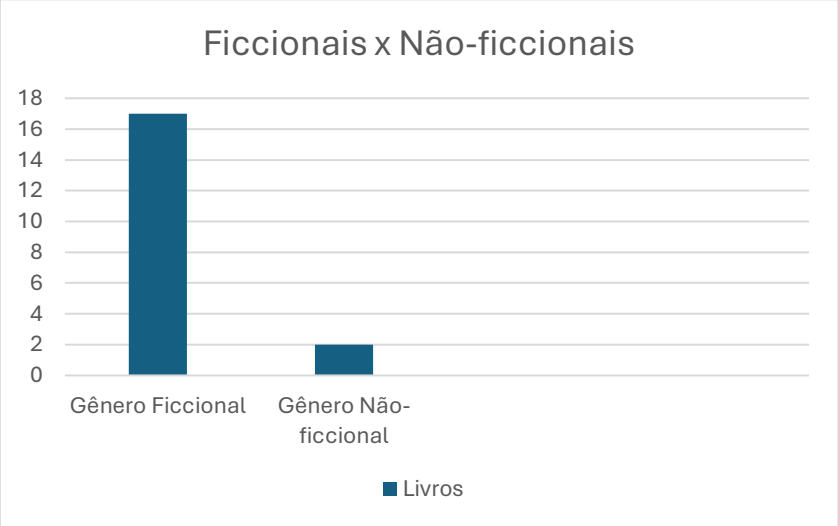
Por fim, é interessante observar como a Oleba não possui uma estratégia de vendas atualmente, se pautando exclusivamente na demanda do mercado e no nome e

credibilidade que a editora construiu para si desde sua abertura. Essa postura se deu em razão de a casa editorial ter exposto seu trabalho nas redes sociais e em um website, mas não ter observado diferenças de resultado em termos de venda. Contudo, o mundo sofreu grandes transformações em termos de comportamento após a pandemia gerada pela COVID-19, e as pessoas parecem cada vez mais voltadas às redes e ao mundo digital. Notamos que a Oleba fez poucas postagens e, ainda assim, não foram realizadas de forma contínua, o que justificaria a ausência de maiores resultados no âmbito comercial. Assim, a história da casa é marcada pela necessidade de reinvenção constante para sobreviver em um mercado restrito e instável, consolidando-se como um exemplo de resistência e compromisso com a literatura moçambicana.

3.3.2 Catálogo da Oleba Editores

Desde sua abertura, a Oleba Editores publicou um total de 19 livros até o final de 2021, correspondendo a 7 anos de funcionamento.[13] Observamos que a casa editorial não constituiu selos e tampouco produziu coleções durante esse período.

Figura 27: Descrição de livros publicados no gênero ficcional e não ficcional

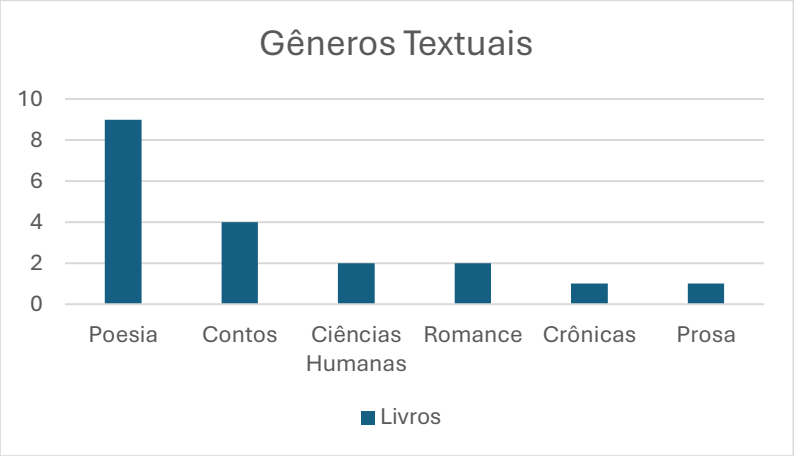


Fonte: elaborado pela autora.

Observamos que a Oleba possui um catálogo abrangente ao abarcar tanto livros de caráter ficcional quanto não ficcional, embora seja visível a prevalência do gênero ficcional com 17 títulos.

[13] Ressaltamos que buscamos um catálogo mais atualizado junto à editora, contudo nossa solicitação não foi atendida.

Figura 28 – Gêneros textuais produzidos pela casa editora

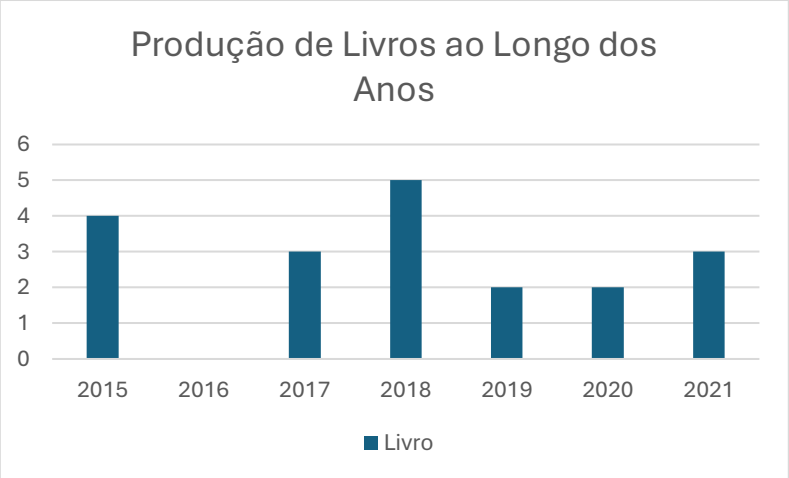


Fonte: produzido pela autora

Observamos que do total produzido, os dois títulos não ficcionais são de ciências humanas, ao passo que os 17 ficcionais abrangem cinco gêneros literários, sendo eles: poesia, com um total de nove publicações; contos, os quais possuem quatro títulos; romance, com dois; e crônica e prosa com uma única publicação cada.

Uma vez que uma das análises do catálogo se dá em relação aos gêneros literários produzidos pela casa editorial, destacamos que o gênero narrativo se subdivide em espécies narrativas em prosa, dentre elas temos os contos, as crônicas e o romance. Destacamos essa distinção em razão de um dos livros se tratar de uma coletânea de textos no qual logo na contracapa já esclarece se tratar de uma coletânea de prosa, muito provavelmente por se tratar de textos híbridos, o que dificulta uma classificação segundo a espécie literária.

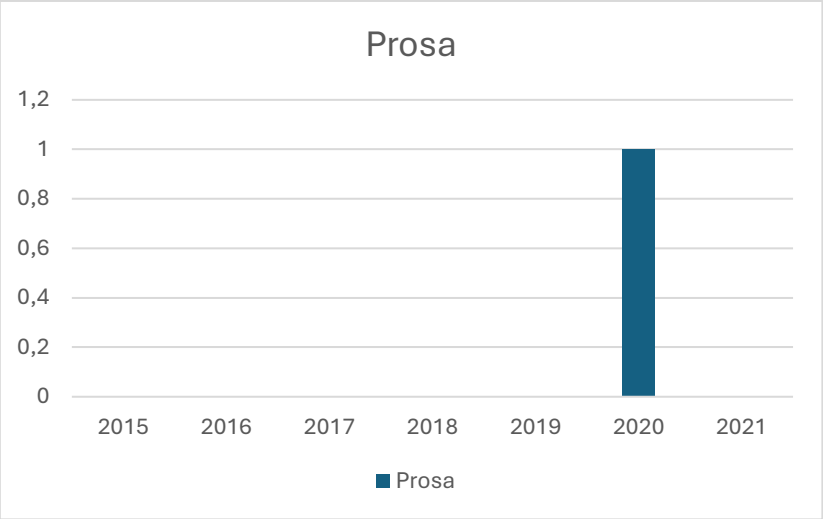
Figura 29 – Produção da Editora ao longo dos anos



Fonte: elaborado pela autora.

Conforme pode ser observado acima, houve inconstância na produção da casa editorial, uma vez que no ano de abertura da editora foram produzidos quatro livros, uma quantidade até mesmo expressiva para uma editora independente. Contudo, em 2016 não foi publicado nenhum livro, tendo retomado sua produção a partir de 2017 quando foram produzidos três títulos. A editora aumentou sua produtividade ao publicar cinco livros em 2018, enquanto em 2019 foram dois, ao passo em que em 2020 também foram publicados dois, e em 2021 foram produzidos três. Destacamos o fato de que a editora continuou suas atividades mesmo durante os dois anos de pandemia da COVID-19.

Figura 30 – Produção do gênero prosa desde a criação da editora



Fonte: elaborado pela autora.

Observamos que em um período de sete anos, a Oleba produziu um único título do gênero prosa e foi no ano de 2020, durante o período da pandemia de coronavírus. O livro em questão se trata de uma coletânea de 19 cartas destinada à COVID-19, mas que não possuem a forma padrão de uma carta, motivo que leva à classificação da obra como uma prosa conforme dito no prefácio que as cartas combinam subjetividade com poeticidade em seu conteúdo.

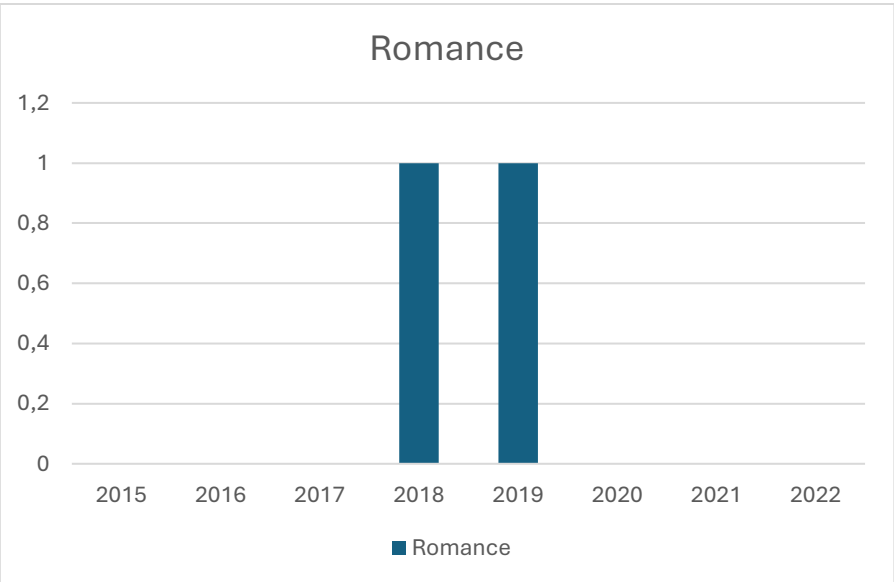
Outro aspecto a se destacar é o fato de a ideia de produzir o livro ter partido da Associação Cultural Xitende, grupo proveniente da Província de Gaza e comprometido com a arte e com a cultura de Moçambique, que buscou usar da arte para fruição das pessoas ao mesmo tempo que as esclareceu sobre a necessidade do isolamento social.

Figura 31 – Produção de crônicas desde a criação da editora

Fonte: elaborado pela autora.

Verificamos que o gênero “crônica” foi publicado uma única vez durante os sete anos analisados e justamente no ano de criação da editora, o que pode indicar um nível de consumo muito baixo de tal gênero literário.

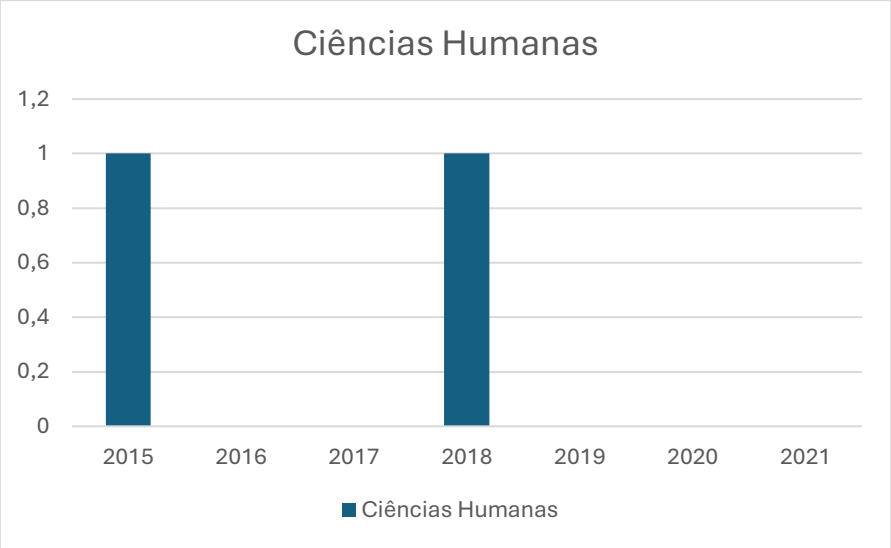
Figura 32 – Produção de romances desde a criação da casa editorial



Fonte: elaborado pela autora.

Observamos que o gênero romance possui apenas dois títulos, um deles publicado em 2018, período de auge produtivo da casa, e outro em 2019.

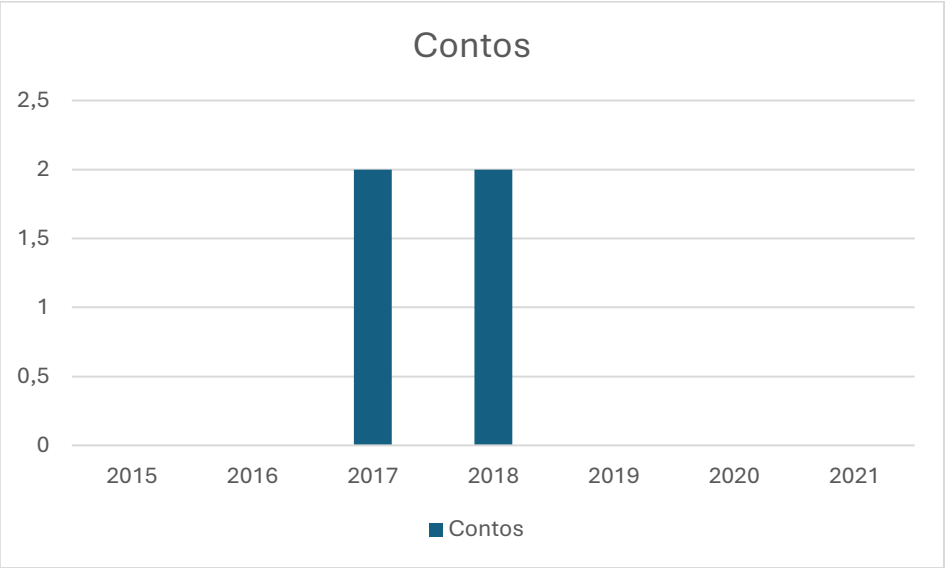
Figura 33 – Produção de livros de ciências humanas/Não ficcionais



Fonte: elaborado pela autora.

Destacamos que, neste trabalho, entendemos por ciências humanas todas as obras de caráter não ficcional e que, portanto, abarcam outros gêneros textuais. Dessa forma, foram publicados dois livros de ciências humanas, um em 2015 e outro em 2018.

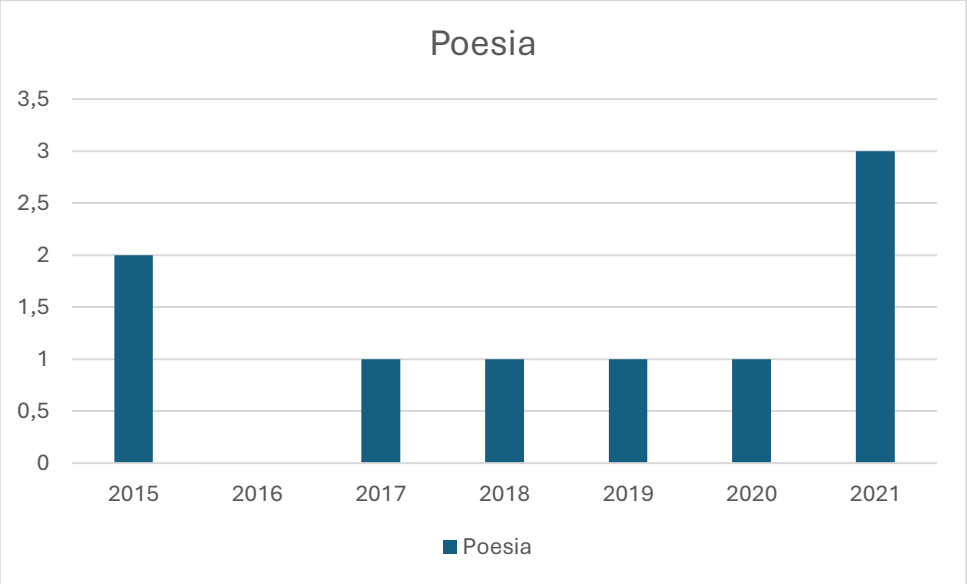
Figura 34 – Produção do gênero contos desde a criação da casa editorial



Fonte: elaborado pela autora.

A Oleba publicou quatro livros de contos, sendo dois deles em 2017 e os outros dois em 2018.

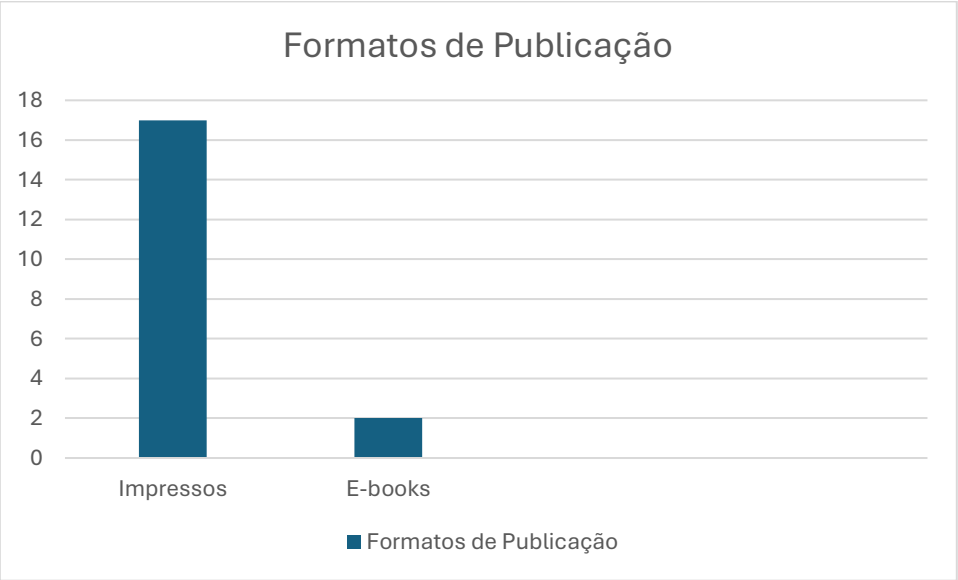
Figura 35 – Produção do gênero literário poesia entre 2015 e 2021



Fonte: elaborado pela autora.

Constatamos que foram publicados nove livros de poesia e, conforme pode-se observar acima, foi o gênero mais produzido. Inclusive, o gênero literário poesia foi o único publicado nos anos de 2020 e 2021.

Figura 36 – Formatos dos livros produzidos pela editora

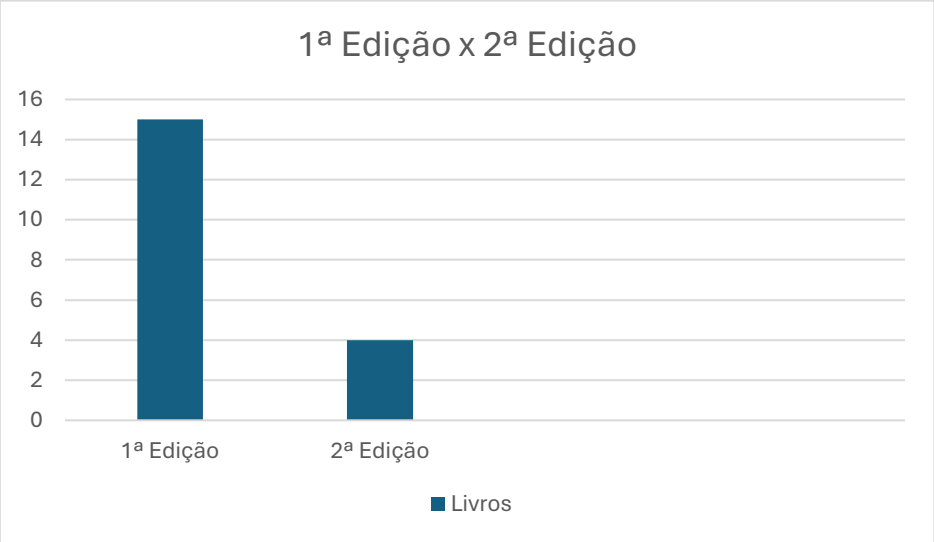


Fonte: elaborado pela autora.

Ao analisarmos o catálogo, observamos que dos 19 livros totais, 17 deles foram impressos ao passo em que apenas dois foram desenvolvidos como e-books no formato pdf. Destacamos que ambos os e-books foram produzidos durante o primeiro ano da

pandemia de COVID-19, momento de maior vulnerabilidade da população, através de uma parceria entre a Associação Cultural Xitende e a Oleba Editores, na qual escritores atuantes no âmbito cultural de Moçambique se uniram para demonstrar seu apoio à sua população por meio de sua arte e, simultaneamente, conscientizá-la da importância do isolamento social. A casa editorial ofertou os e-books gratuitamente, demonstrando seu compromisso com a cultura.

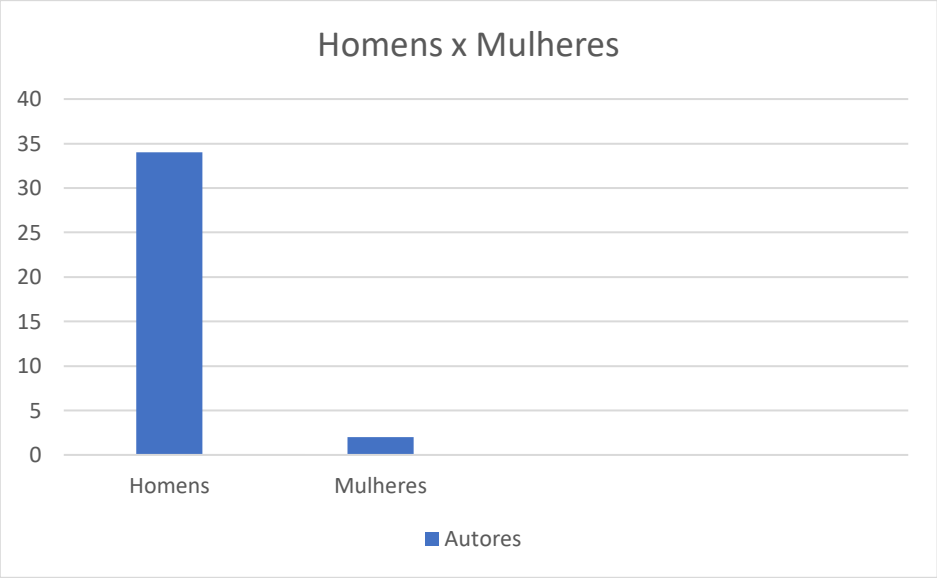
Figura 37 – Contraposição na produção de livros de 1ª e de 2ª edição



Fonte: elaborado pela autora.

A Oleba surgiu em um contexto em que os autores não conseguiam publicar seus trabalhos em Moçambique a menos que já fossem reconhecidos pelo publico e/ou pela crítica, razão pela qual a casa sempre se propôs a dar voz e espaço aos escritores novos e desconhecidos no mercado. Por tal razão, constatar que a casa publicou um total de quatro livros de 2ª edição causa surpresa, sendo o primeiro deles de autoria do próprio Alex Dau, o qual relançou o 1º livro de sua carreira com uma nova aparência e a adição de dois contos, sendo um deles inédito. O livro de Heliodoro Baptista Júnior foi o segundo da lista, embora exista uma contradição, uma vez se tratar de seu livro de estreia ao mesmo tempo em que consta como uma segunda edição no catálogo. O terceiro se trata da segunda edição do livro de estreia do consagrado poeta Heliodoro Baptista. Por fim, o quarto se trata da 2ª edição do livro de Almeida Cumbane publicado por outra editora em 2016.

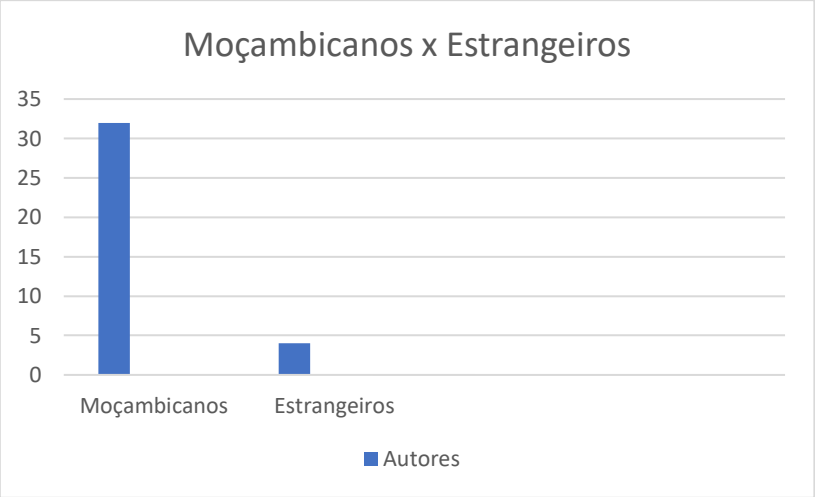
Figura 38 – Contraposição entre autoria feminina e masculina



Fonte: elaborado pela autora.

O catálogo é composto por 19 obras, contudo algumas delas são coletâneas o que implica em uma multiplicidade de autores, mas tendo-se em vista que conseguimos identifica-los, optamos por agregá-los, de forma que foram contabilizados um total de 36 escritores. Desse total, 34 deles são do gênero masculino enquanto apenas duas são do feminino, ainda assim, essa participação é proveniente das coletâneas. Percebemos grande disparidade na produção de autoria feminina e masculina, o que poderia ser por uma gama de possibilidades como: alta taxa de analfabetismo no país, principalmente do sexo feminino. Em dados coletados pelo INE (Instituto Nacional de Estatísticas), foi constatado que a taxa média de analfabetismo na população adulta moçambicana é de 53,6%, e desse total 36,7% são do sexo masculino ao passo que a população feminina corresponde a 68% (Sitoe, 2022). A alta taxa de analfabetismo entre as mulheres envolve também fatores socioeconômicos, estigma social e até mesmo por proibição do parceiro (Sitoe, 2022).

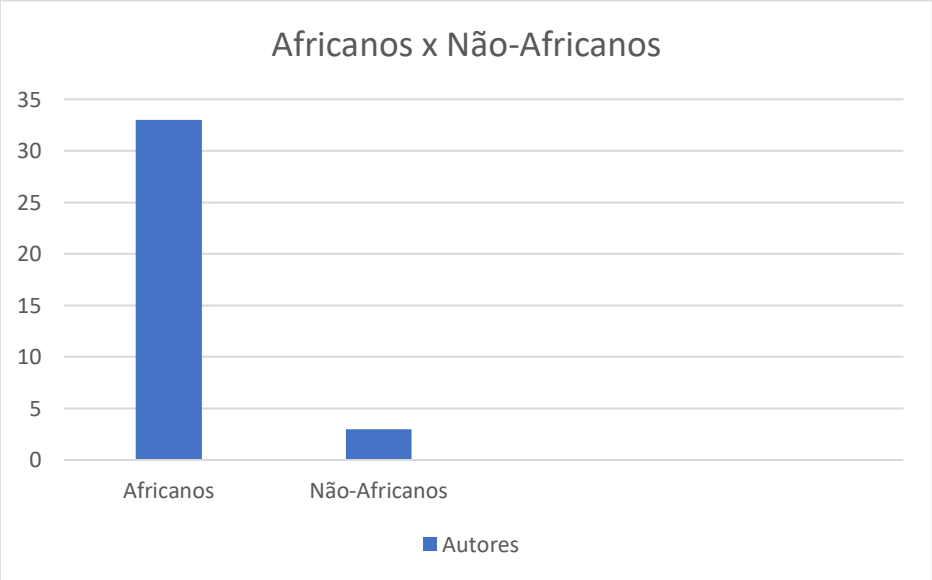
Figura 39 – Nacionalidade dos autores



Fonte: elaborado pela autora.

Do total de autores, observamos que 32 deles são moçambicanos enquanto apenas quatro são estrangeiros. Dessa forma, fica claro que a Oleba possui um catálogo composto principalmente por autores nacionais.

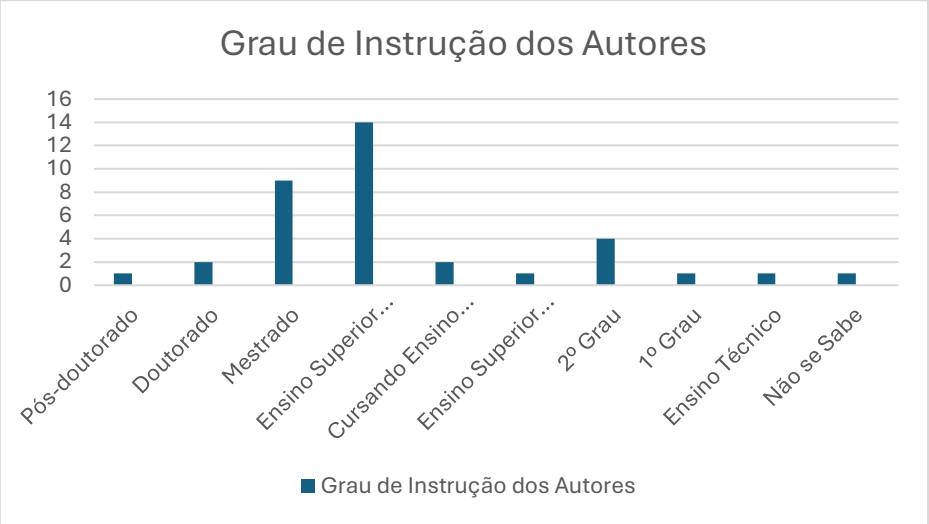
Figura 40 – Continente dos autores



Fonte: elaborado pela autora.

Dos 36 autores, 33 são provenientes do próprio continente africano, enquanto três deles são originários de Portugal, e, portanto, de outro continente.

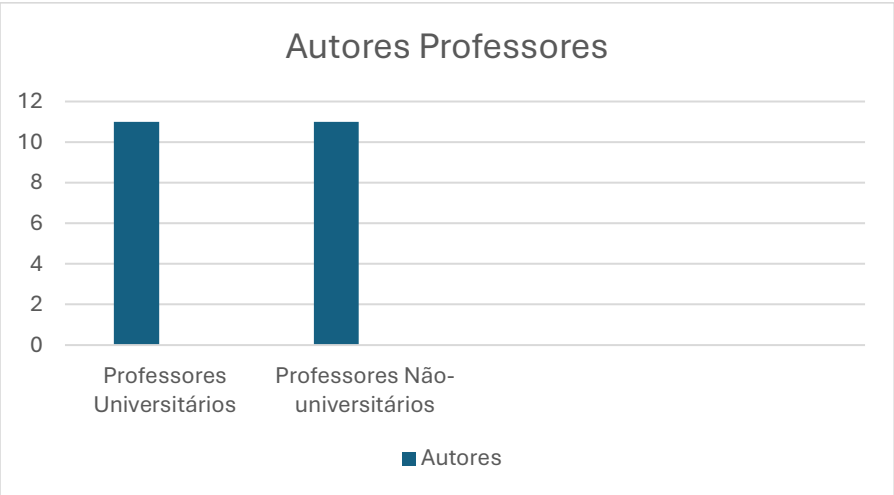
Figura 41 – Grau de Escolaridade dos Autores



Fonte: elaborado pela autora.

Quando analisamos o grau de instrução dos autores publicados pela Oleba, constatamos que um deles possui pós-doutorado que é o título mais alto da academia; dois têm doutorado; nove possuem mestrado; 14 possuem ensino superior completo; dois estão cursando o ensino superior; um deles possui o ensino superior incompleto; quatro possuem o 2º grau completo; um possui o 1º grau, um possui ensino técnico e não conseguimos esse dado de um dos autores. Com base nos dados acima ilustrados, podemos concluir que 72,2% dos autores cursaram o ensino superior, o que implica em uma elite de caráter intelectual e cultural.

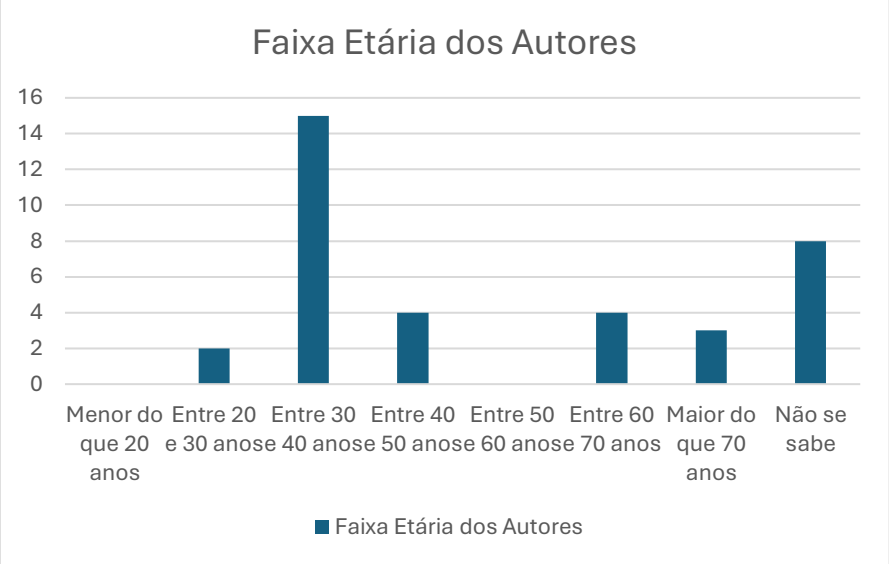
Figura 42 – Autores que atuam como docentes



Fonte: elaborado pela autora.

Observamos que dos 36 autores publicados pela casa, 22 deles são professores, de forma que 11 são docentes do ensino superior enquanto os outros 11 lecionam em escolas ou trabalham como profissionais autônomos. Percebemos que a divisão entre ensino superior e ensino em escolas é bastante equilibrada.

Figura 43 – Faixa etária dos autores



Fonte: elaborado pela autora.

Ao avaliarmos a faixa-etária dos autores, constatamos que não há nenhum abaixo dos 20 anos; dois deles estão entre os 20 e 30 anos; existem 15 entre 30 e 40 anos; quatro estão entre os 40 e 50; não há nenhum autor entre 50 e 60 anos; existem quatro entre 60 e 70 anos; três estão acima dos 70, contudo não conseguimos obter essa informação em relação a oito dos escritores. Logo, podemos constatar que há uma prevalência da faixa-etária entre os 30 e 40 anos.

3.3.3 Análise dos dados da Oleba Editores

Com base nos dados coletadas ao longo da pesquisa, pudemos delinear algumas considerações relevantes sobre o perfil editorial da Oleba Editores. Observamos que a casa editorial publica tanto obras de ficção quanto de não ficção; entretanto, evidencia-se um direcionamento mais acentuado para a produção literária, notadamente nos gêneros conto e poesia. Destaca-se, nesse contexto, a predominância da poesia, cuja produção ultrapassa a metade da quantidade de publicações em prosa ficcional, indicando uma clara orientação estética e editorial voltada à valorização do gênero lírico. Notamos também

que a média anual de publicações se encontra entre duas e três obras, com exceção de 2016, ano em que não foram identificadas publicações, ainda que a editora tenha mantido suas atividades regulares inclusive durante o período pandêmico. Desse modo, a poesia constitui-se como o único gênero com presença constante ao longo dos anos de existência da editora, com exceção de 2016, quando a editora esteve inativa, e em 2019.

Verificamos também uma ênfase na publicação de livros impressos, sendo os poucos títulos em formato digital disponibilizados gratuitamente, o que aponta para uma postura editorial comprometida com o acesso democrático à cultura e com a promoção da literatura moçambicana. Aproximadamente 80% dos títulos correspondem a primeiras edições, o que está em consonância com a missão institucional da Oleba Editores, centrada na promoção de novos autores e na abertura de espaço para vozes emergentes no campo literário. E no que tange ao perfil autoral, observamos uma prevalência de escritores moçambicanos do sexo masculino, embora a editora também contemple autores de outras nacionalidades africanas e não africanas. A maioria possui formação superior completa, situando-se predominantemente na faixa etária entre 30 e 40 anos. Ressalte-se, ainda, que mais da metade desses autores atua na docência, com distribuição harmônica entre os níveis de ensino básico e superior.

É prática comum entre editoras independentes de pequeno porte, como é o caso da Oleba Editores, operar com recursos econômicos limitados, o que demanda uma gestão financeira pautada na racionalidade e no uso parcimonioso do capital disponível. O capital simbólico da editora ainda se encontra em fase inicial de consolidação, resultado de sua história ainda curta no cenário editorial moçambicano, 10 anos de atuação até o presente momento, embora tenhamos analisado o catálogo apenas até o final de 2021 em razão de a editora não ter nos fornecido uma versão mais recente. Ainda assim, observamos um crescimento gradual e consistente da casa editorial à medida que seu catálogo se expande e amadurece, evidenciando um progressivo ganho em capital simbólico. Dessa forma, a relação entre capital simbólico e capital econômico revela-se aqui como dinâmica diretamente proporcional, o que implica que à medida em que a editora ganha reconhecimento e prestígio, capital simbólico, amplia-se também sua capacidade de conversão desse prestígio em recursos financeiros, capital econômico.

Mas destacamos que apesar da limitação financeira, a Oleba Editores demonstra um compromisso com a qualidade editorial de suas publicações. No que tange ao capital cultural, os dados evidenciam um patamar elevado: 72,2% dos autores publicados pela editora possuem formação superior completa, sendo que dentro desse grupo há títulos

acadêmicos mais elevados, como mestrado, doutorado e até pós-doutorado. Adicionado a isso, a erudição do corpo autoral é ainda reforçada pelo fato de 61,1% dos escritores exercerem a docência, com uma divisão equilibrada entre os níveis de ensino básico e superior, destacando-se que metade destes atua em instituições de ensino superior, o que contribui significativamente para o fortalecimento do capital cultural da editora.

Por outro lado, o capital social da Oleba Editores permanece indefinido no escopo desta investigação, e isso se dá em razão de essa modalidade de capital estar intrinsecamente associada às redes de relacionamento e ao acúmulo de vínculos profissionais e pessoais do editor e de sua equipe ao longo do tempo. Como a Oleba apresentou uma participação incipiente e descontinuada nas redes sociais, postando apenas dois eventos e quase nenhum livro, essa falta de interação online dificulta o acesso a informações sobre a própria editora e nos impossibilita de conjecturar sobre o capital social acumulado pela casa editorial, embora a conta de Dau no *linkedin* ateste esse *networking*. Embora haja indícios de que a editora seja reconhecida e mantenha boas relações no campo editorial independente moçambicano, sua ausência na Rede de Editoras Independentes de Moçambique e a limitada presença em eventos culturais dificultam uma avaliação mais precisa desse aspecto.

3.4 Kulera:

Ao pesquisarmos sobre a Kulera, não encontramos muitas informações online e tampouco entrevistas que nos permitissem conhecer um pouco sobre a editora. Dessa forma, no subtópico a seguir apresentamos dados obtidos partir da entrevista realizada com Emílio Cossa[14], editor da Kulera.

3.4.1 Informações sobre a entrevista de Emílio Cossa

A Kulera é uma sociedade unipessoal crida por Emílio Cossa em 2019 com o objetivo de autopublicação, o nome da editora é oriundo da língua xishangana, comum no sul de Moçambique, e significa ler. A casa editorial opera oficialmente na residência

[14] Apresentamos a seguir o conteúdo da entrevista concedida por Emílio Cossa, editor da Kulera, conforme aprovado pelo Comitê de Ética no CAAE nº 59492122.8.0000.8507.

de Cossa, especificamente em seu escritório de 2m x 11m, no qual executa seu trabalho como editor e diretor executivo, espaço em que também se reúne com os designers gráficos. O entrevistado atua de forma sazonal junto de seus colaboradores que também atuam como avaliadores e revisores de originais, o que implica que cada um assume a revisão de um dos livros por vez, com isso os únicos que trabalham de forma fixa na casa editorial são os três designers gráficos incumbidos da arte nas capas e da diagramação. Há também um produtor de vídeo responsável pela publicidade e marketing.

A história de Cossa e seu percurso como editor são bastante diferenciados, uma vez que possui uma dupla formação, em oceanografia e em psicopedagogia e ainda se dedica ao estudo de um terceiro curso superior, jornalismo, embora não exerça nenhum de seus títulos em caráter profissional. O entrevistado lecionava física, matemática e ciências naturais nos ensinos primário e médio antes de ser aprovado em seu atual concurso aonde atua como inspetor de atividades econômicas. Dessa forma, o trabalho como funcionário público é a principal atividade profissional realizada por Cossa assim como o que lhe garante independência financeira para se aventurar em outras frentes. O trabalho na casa editorial é executado enquanto tenta equilibrar seu trabalho no serviço público e a faculdade de jornalismo.

Durante a época em que atuava como professor, o entrevistado se dedicou a escrever um livro, intitulado “Ritmo, Alma e Poesia: A História e as Estórias do Hip Hop em Moçambique”. Contudo, Cossa teve problemas para conseguir publicar seu livro, pois havia poucas editoras independentes em Moçambique e, ainda assim, quase todas negaram em razão de o livro de Cossa fugir da linha editorial delas, posto que a obra em questão se tratava de um ensaio e as casas editorias existentes se concentrarem nos gêneros prosa, poesia e livros escolares. Foi nesse contexto que o entrevistado decidiu publicar a obra de forma independente, o que implica nessa situação não fazer uso de uma editora, mas se deu conta de que seu livro não seria validado por uma casa editorial e isso o impulsionou a criar sua própria editora a fim de conseguir publicar sua obra e assim que o fizesse, a extinguiria.

Cossa deu seguimento a seus planos, constituiu a casa editorial conforme exigido pela legislação moçambicana e saiu à procura de gráficas para orçar o valor da impressão. Porém, a gráfica TPC – Tipografia Prelo Clássico – estava em processo de transição para editora e tiveram interesse em publicar seu livro, como de fato fizeram. Cossa se deu conta de que possuía uma editora e de que havia muitos autores que desejavam publicar mas não possuíam espaço para isso, assim o entrevistado se uniu a amigos e abriu uma

chamada de publicação gratuita de *e-books* e os que se mostraram mais populares junto ao público através do grande nº de *downloads*, foram vendidos no formato impresso através de pré-vendas que os financiava e sempre em pequenas tiragens. Dessa forma, a Kulera passou a ser conhecida tanto por autores quanto por leitores, tanto internamente quanto fora de Moçambique.

Na perspectiva de Cossa, independente implica não apenas em não se submeter a uma autoridade superior que detém o poderio econômico, mas ser capaz de escolher o que deseja publicar, quando e como irá fazê-lo, pois um editor independente é também um autor, o que lhe confere um olhar literário e é essa concepção que determina a publicação ou não de uma obra. Ainda sob essa perspectiva, o entrevistado conceituou a Kulera como uma editora pequena, com poucos autores em seu catálogo, que publica poucos títulos por ano e com o máximo de 300 exemplares, que possui uma linha editorial flexível, pois apenas analisa se o livro está apto a publicação e, destarte, veicula uma vasta gama de gêneros. Embora o tamanho da editora permita uma relação próxima com seus autores, Cossa e seus colaboradores aspiram migrar de porte justamente para terem condição de procurar novos autores bem como financiar de forma integral a sua produção e publicação, algo que não podem fazer enquanto estão economicamente limitados por seu porte. Além do mais, as estratégias para se manterem no mercado implicam em trabalharem por demanda, sempre publicando tiragens dentro do mínimo que têm a certeza de que irão vender a ponto de esgotar, além de atuarem de acordo com o que têm e podem fazer, sem criarem grandes expectativas.

No que diz respeito à formação dos editores, boa parte da equipe é formada por autores que procuraram os serviços da casa e acabaram por se unir a ela. São profissionais com formação nas áreas de humanas assim como o próprio entrevistado que tem formação em jornalismo, e juntos moldaram os valores que pautam a existência da Kulera: excelência, pioneirismo, inovação, sustentabilidade, diversidade, otimismo, disciplina e comprometimento. Contudo, salientamos que a editora não opera segundo ideologias, da mesma forma que possui um público leitor diversificado, bem como uma gama de autores de origem nacional e estrangeira. Além disso, a casa editorial sabe quais gêneros literários são sucesso editorial, porém definir uma linha editorial iria contra a proposta de dar espaço de publicação a outros autores, motivo pelo qual a Kulera não se limita a certos gêneros literários ou textuais, estando aberta a todos, inclusive a publicar nas línguas locais de Moçambique, embora isso limite o alcance do livro bem como o fato de não existir uma padronização das línguas nacionais concluída dificulte essa iniciativa.

A Kulera é uma editora que não possui selos, e que utiliza da imprensa e das redes sociais para divulgar seus lançamentos bem como o seu catálogo, além de possuir uma página na web para transacionar seus livros, ainda que esteja temporariamente fora do ar. A casa editorial posta os livros recém publicados assim como os eventos de lançamento promovidos pelos autores em sua página no *facebook* e no *instagram*, além de também emitir notas de imprensa bem como agendar entrevistas dos autores e rádios, jornais e canais de televisão, estratégia essa que tem se mostrado eficaz. E mesmo que a Kulera e demais editoras independentes estejam conseguindo sobreviver, a atuação estatal no âmbito cultural tem sido decepcionante.

Existem muitas formas de o Estado moçambicano ajudar as editoras independentes de seu país, uma delas seria adquirir certo nº de exemplares, levando-se em consideração que o país possui bibliotecas públicas provinciais e municipais. Porém, ao invés disso, vigora o Decreto nº. 8/2015 o qual estabelece o depósito de 16 unidades de qualquer material bibliográfico produzidos em ou sobre Moçambique, de forma que o Estado moçambicano não apenas não ajuda como dificulta a sobrevivência das editoras nacionais ao tornar o depósito compulsório independente do porte da casa editorial e das dificuldades financeiras que essa imposição acarreta (Moçambique, Decreto nº 8/2015, art. 7).

A casa editorial é bastante atuante no cenário cultural de Moçambique, apoia ou realiza rodas de conversa, espetáculos de teatro, concertos musicais, *stand up comedies*, comunicações em clubes de livros, e demais eventos que buscam promover não apenas os livros lançados pela editora, mas impulsionar a promoção das artes, principalmente da literatura. Além de promover a cultura, a Kulera ainda cultiva redes de sociabilidade por meio da Rede de Editoras independentes de Moçambique, a qual foi criada em novembro de 2022 e busca desenvolver ações conjuntas com o fim de se ajudarem mutuamente.

Cossa concorda com Dau quanto a Moçambique possuir questões estruturais, mas considera que seja um problema realmente no âmbito agrícola por uma questão de escoamento. No que tange a área editorial, existe sim certa dificuldade para fazer os livros chegarem às áreas mais internas do país, contudo, a kulera tem conseguido levar seus livros aonde eles são solicitados, ainda que a velocidade com que eles cheguem a certas áreas seja mais lento do que em outras.

No que diz respeito a dificuldades encontradas ao longo de sua trajetória, Cossa cita a falta de capacitação à época, mas as redes de sociabilidade que já se formavam desde os primórdios da editora preencheram essas lacunas até o ponto em que se encontram hoje. Tiveram um problema inicial para que seus livros chegassem às livrarias,

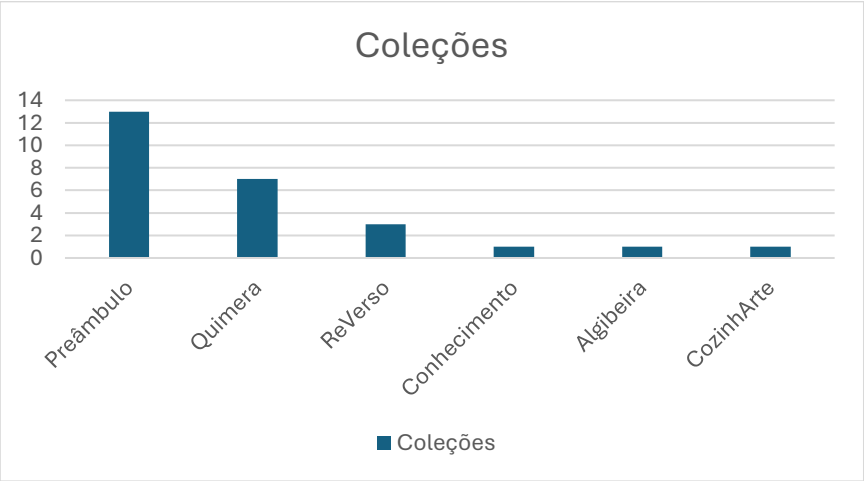
mas por questões atinentes a documentos formais que faltavam, algo que a maioria das editoras passa no início de suas atividades. Porém, o grande desafio da Kulera e da maioria das casas editoriais é justamente a impressão dos livros, justamente pela maioria dos produtos serem estrangeiros, o que eleva muito o custo. Apesar disso, a editora trabalha com três gráficas, uma em Moçambique quando se trata de livros menores, uma na África do Sul quando são maiores, e uma em Portugal. Apesar de trabalhar com as três, a Kulera faz mais uso dos serviços da gráfica da África do Sul.

A Kulera apresentou uma diminuição no nº de títulos produzidos no ano da entrevista que foi dezembro de 2022, ao que Cossa atribuiu ao fato de a Kulera ter elevado seu padrão literário somado ao fato de a casa manter a qualidade do design e materiais empregados, o que gera implicações financeiras, já que o custo de seus serviços acaba sendo mais elevado do que o de outras editoras.

3.3.2 Catálogo da Kulera

O catálogo disponibilizado pela Kulera é composto por 26 livros divididos em seis coleções cuja composição foi determinada pela temática ou pelo aspecto textual/literário. O catálogo objeto de análise na presente pesquisa está atualizado até o ano de 2022, e embora tenhamos buscado uma versão mais atualizada, não obtivemos retorno, contudo isso não nos impediu de coletar os dados do material que já tínhamos, conforme pode ser observado abaixo.

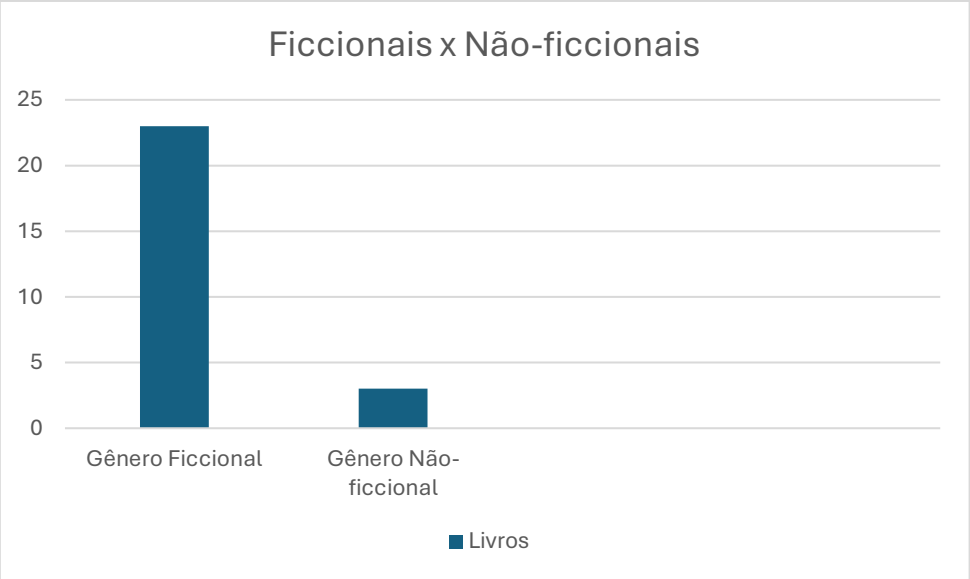
Figura 44: Livros divididos por coleção



Fonte: elaborado pela autora.

Os 26 livros do catálogo foram divididos em seis coleções, de acordo com a temática, com o gênero dos livros, ou por outro aspecto escolhido pela editora. A primeira coleção foi denominada Preâmbulo, sendo composta por 13 títulos e sendo voltada a autores iniciantes; a segunda se chama Quimera, é formada por sete títulos e é voltada a textos em prosa; a terceira se chama ReVerso, conta com apenas três títulos, e é dedicada exclusivamente à poesia; a quarta é denominada Conhecimento e é formada por um único livro de caráter não ficcional; a quinta é chamada Algibeira e também é composta por apenas um título e é dedicado a livros de bolso; já a sexta e última é chamada de CozinhArte e também contém apenas um título e é voltada a obras gastronômicas.

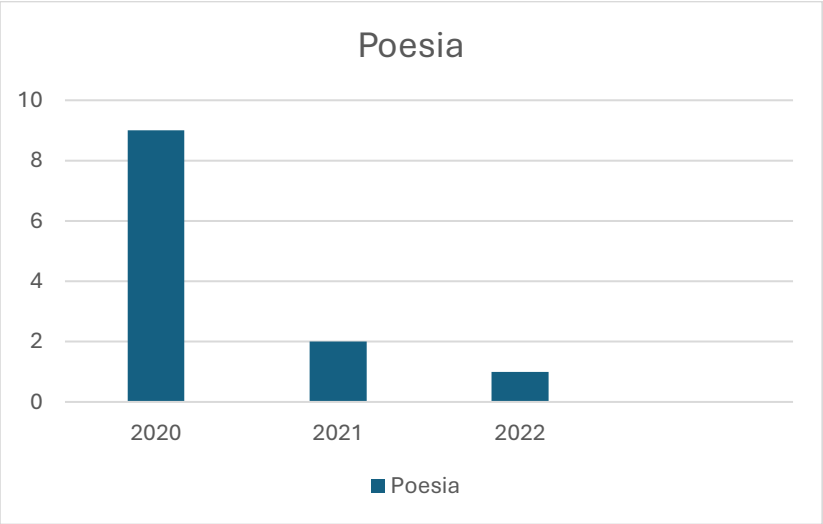
Figura 45 – Livros produzidos de caráter ficcional e livros não ficcionais



Fonte: elaborado pela autora.

Do total de livros, constatamos que 23 deles são de caráter ficcional enquanto os outros três restantes são de caráter não-ficcional.

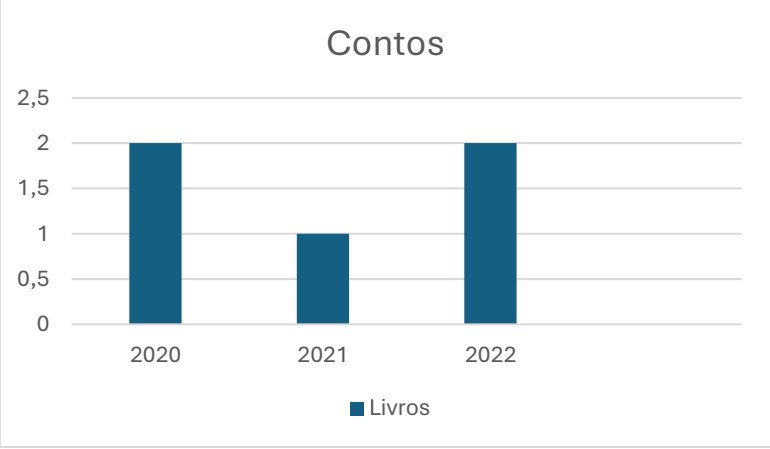
Figura 46 – Produção do Gênero Poesia



Fonte: elaborado pela autora.

Verificamos que foram produzidos 12 livros do gênero poesia, tendo nove deles sido publicados no ano de 2020, em 2021 foram produzidos apenas dois deles, ao passo em que foi produzido apenas um em 2022, o que revela uma diminuição significativa na produção desse gênero depois de 2020, o que pode indicar que tal gênero não tenha sido tão bem aceito pelo público. Cabe ressaltar que embora a Kulera tenha desenvolvido uma coleção voltada ao gênero poesia, ela também desenvolveu a coleção Preâmbulo, a qual deu início às atividades da editora e se caracteriza justamente por ser dedicada à publicação de autores que ainda não teriam sido oficialmente publicados, razão pela qual a maioria dos livros de poesia se encontra na coleção Preâmbulo ao invés da coleção ReVerso.

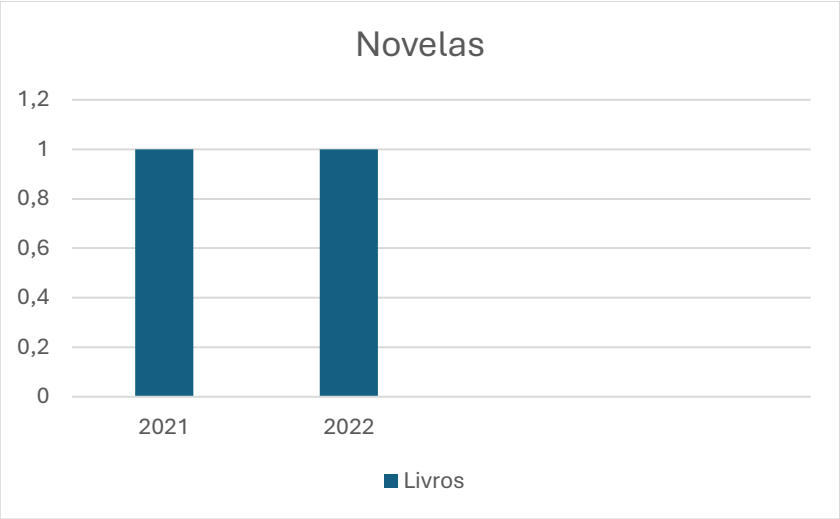
Figura 47 – Produção de Contos



Fonte: elaborado pela autora.

A casa editorial publicou um total de cinco contos entre 2020 e 2022, tendo produzido dois títulos em 2020, apenas um em 2021, e dois em 2022. Destacamos que os contos são uma espécie dentro do gênero prosa.

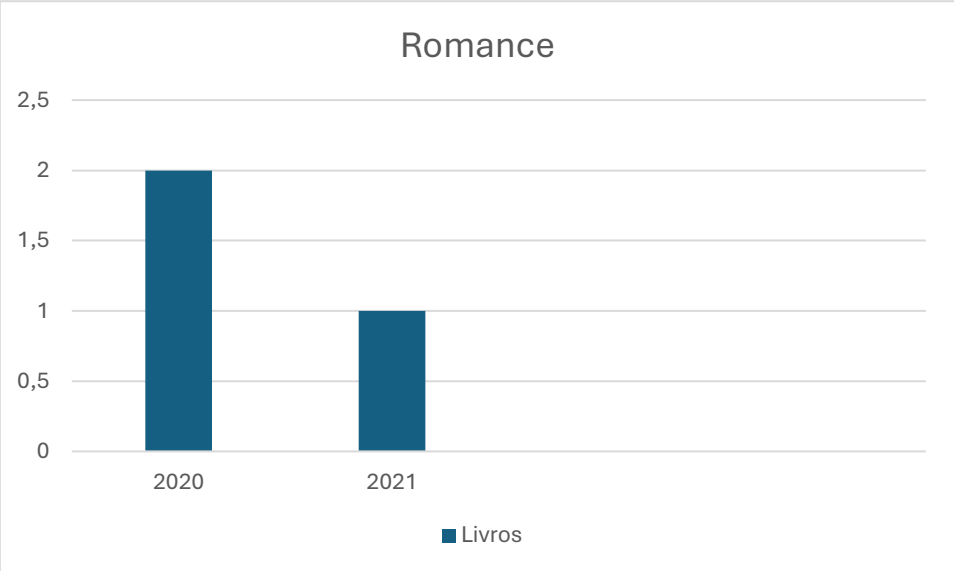
Figura 48 – Produção de Novelas



Fonte: elaborado pela autora.

Notamos que foram publicados dois livros de novelas, sendo um deles publicado em 2021 e o outro em 2022. Ressaltamos que as novelas são uma espécie de narrativa dentro do gênero prosa.

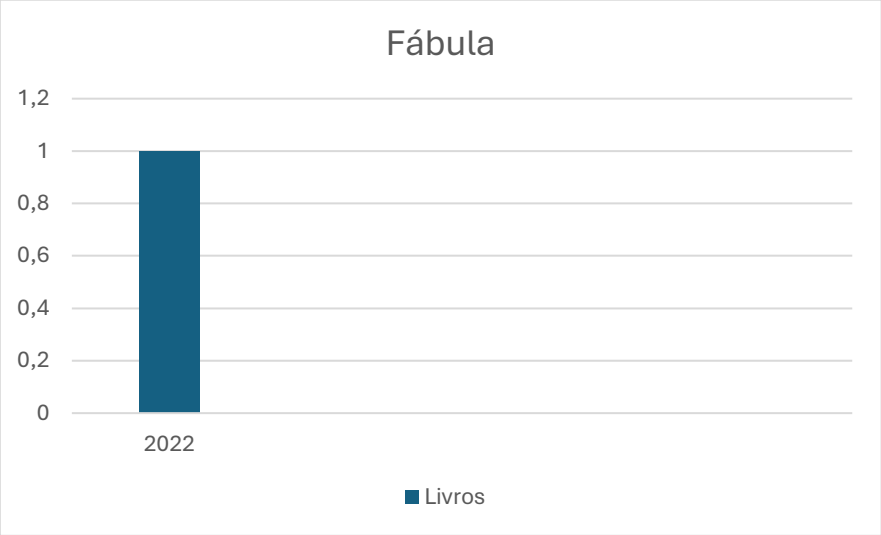
Figura 49 – Produção de Romances



Fonte: elaborado pela autora.

Observamos que a editora produziu três títulos de romance, de forma que dois foram publicados em 2020 e apenas um em 2021. Destacamos o fato de que o romance se trata de uma espécie dentro do gênero prosa.

Figura 50 – Produção de Fábulas



Fonte: elaborado pela autora.

Observamos um único título que se insere como fábula e que foi produzido em 2022. A classificação nesse caso não é tão óbvia, o livro Meticalinho faz parte da coleção Algibeira, voltada a livros de bolso, sendo tal título sobre educação financeira. Contudo, o autor cria um universo lúdico e um reino inventado para que um personagem transmita ensinamentos de caráter financeiro, razão pela qual se insere como fábula.

Figura 51 – Produção de Ensaios

Fonte: elaborado pela autora.

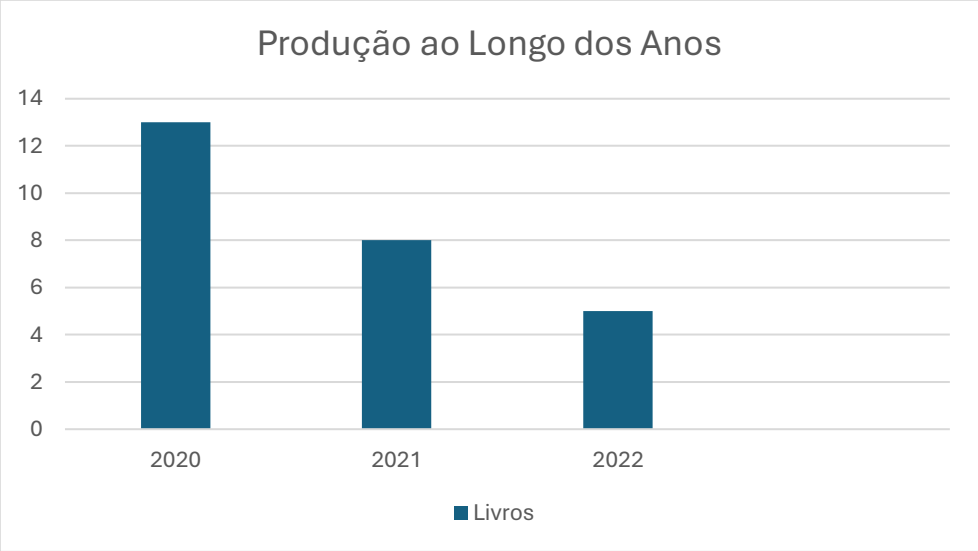
Foram produzidos somente dois títulos de ensaio, tendo ambos os livros sido publicados em 2021.

Figura 52 – Produção de Receitas

Fonte: elaborado pela autora.

Observamos que foi publicado um único título que envolve o gênero textual injuntivo, uma vez que se trata de um livro de receitas culinárias, logo, são dadas instruções de preparo.

Figura 53 – Produção ao longo dos anos

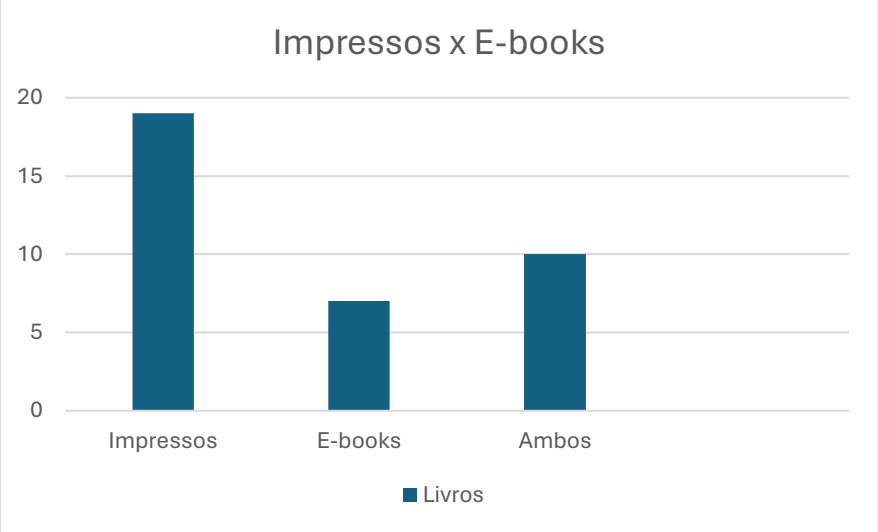


Fonte: elaborado pela autora.

Ao analisarmos a produção ao longo dos anos, notamos alta produtividade no ano de 2020 momento em que a casa editorial começou a publicar os seus livros, tendo sido

um total de 13 nesse primeiro ano, mas notamos uma diminuição progressiva nos três anos analisados. Em 2021, foram produzidos oito títulos, ao passo em que foram publicados cinco livros em 2022. Com base no exposto, concluímos que houve uma redução na produção de títulos nessa passagem de tempo.

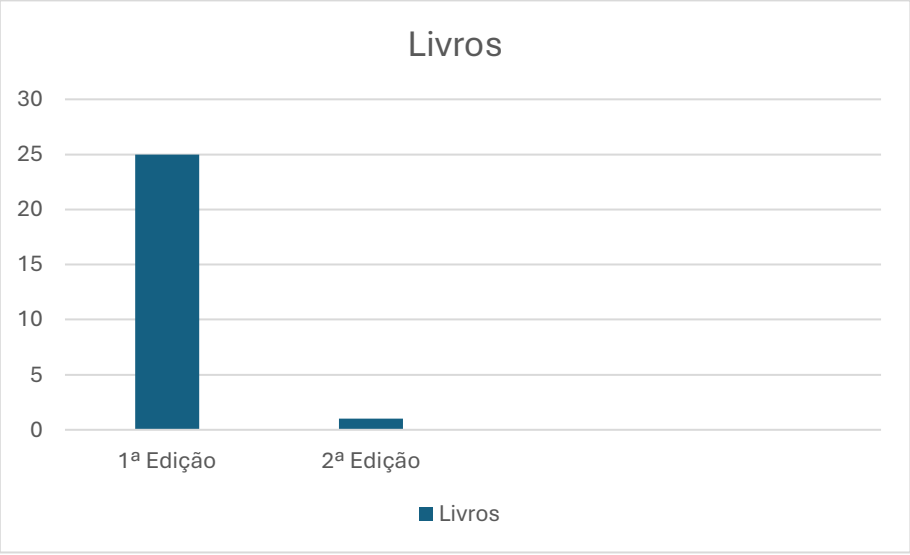
Figura 54 – Formatos de Publicação



Fonte: elaborado pela autora.

Do total de livros da Kulera, observamos que 19 deles são impressos, ao passo em que sete são e-books. Também observamos que 10 títulos foram publicados tanto no formato impresso quanto como e-book.

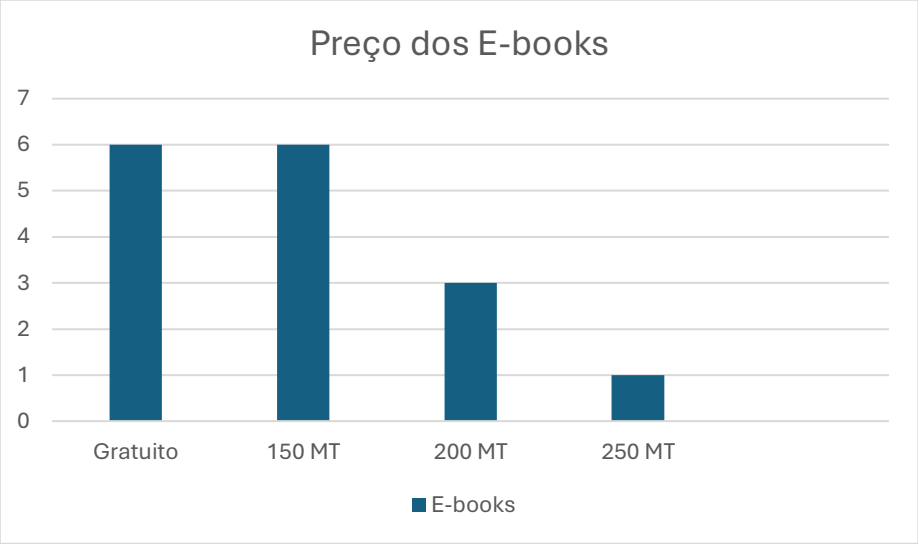
Imagem 55 – Produção de livros de 1ª e de 2ª edição



Fonte: elaborado pela autora.

Verificamos que dos 26 livros produzidos, 25 deles são de primeira edição, ao passo que apenas um deles é de segunda edição, o que implica que a KULERA possui um quadro de autores que ainda está iniciando sua jornada no campo editorial.

Imagem 56 – Preço dos E-books

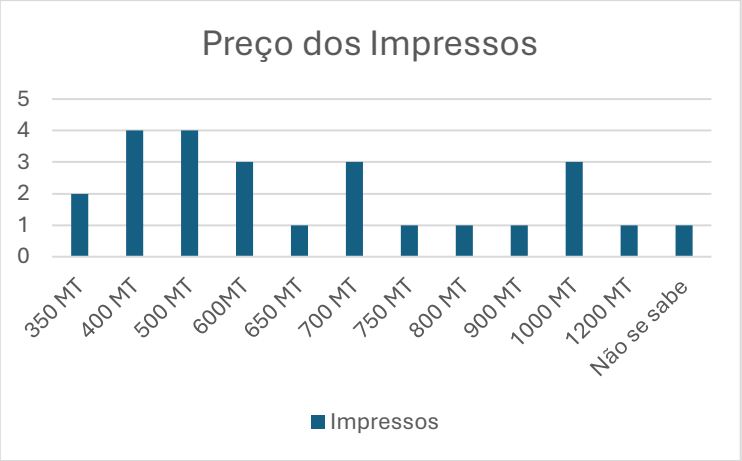


Fonte: elaborado pela autora.

Foi produzido um total de 15 e-books, nos quais pudemos notar uma variação de valores. Observamos que seis deles foram ofertados gratuitamente, outros seis foram oferecidos no valor de 150 MT[15], três foram comercializados a 200MT, um título foi ofertado a 250 MT, ao passo em que não descobrimos o valor de um dos livros. Nos atentamos ao fato de que houve variação em dois e-books, um deles foi oferecido a 150 MT a título de pré-venda, tendo sido ajustado posteriormente para 200MT, já o outro foi lançado com o valor de 200MT, mas se tornou gratuito meses depois. Com base nessas informações, constatamos que a editora possui certo apelo social, dada a quantidade de conteúdo gratuito oferecido ao público, assim como seus e-books costumam ter um valor mais baixo e acessível aos leitores.

[15] A sigla MT faz referência à moeda adotada em Moçambique chamada metical.

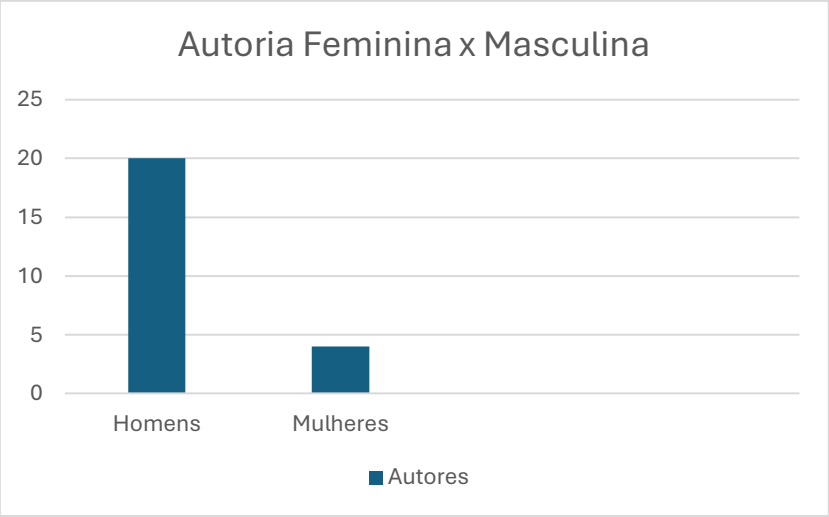
Imagem 57 – Preço dos Impressos



Fonte: elaborado pela autora.

Dos 22 livros impressos, dois foram oferecidos ao valor de 350 MT, quatro foram ofertados ao preço de 400 MT, quatro ao valor de 500 MT, três à importância de 600MT, um à quantia de 650 MT, três ao preço de 700MT, um à importância de 750 MT, um à quantia de 800 MT, um ao preço de 900 MT, três ao custo de 1000 MT, e um ao valor de 1200 MT. Constatamos que houve variação no preço de três livros impressos, um deles foi oferecido ao valor de 500 MT e, em outro momento, a 750 MT; o outro foi inicialmente vendido a 900 MT e em outro momento foi ofertado a 1200 MT, embora acreditemos que essa discrepância possa se dar em razão de ter sido publicada uma 2ª edição da obra em questão, e, por fim, o terceiro foi disponibilizado inicialmente à 600MT em razão de pré-venda, tendo sido reajustado posteriormente no valor de 700 MT.

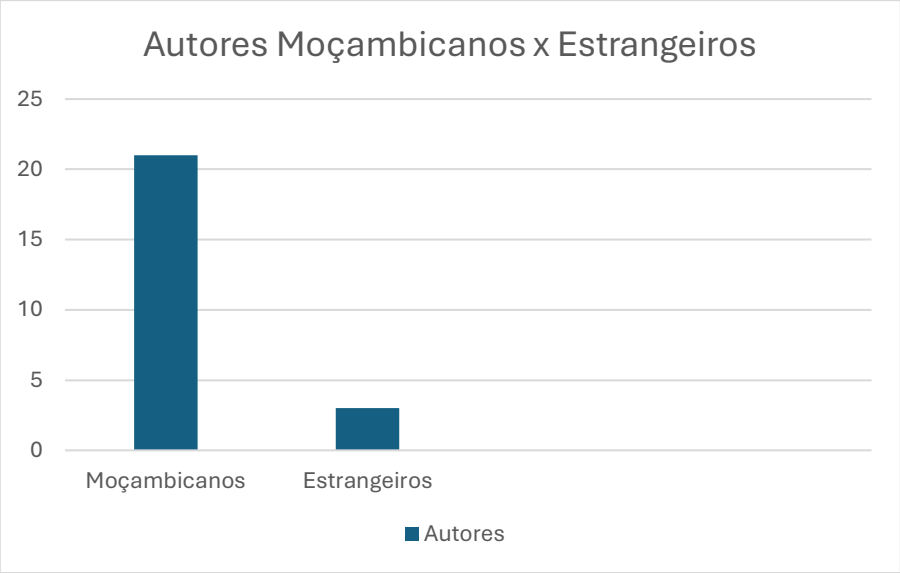
Imagem 58 – Autoria feminina e masculina



Fonte: elaborado pela autora.

Nos 26 livros que compõem o catálogo, identificamos um total de 24 autores, sendo 20 deles do gênero masculino, ao passo que quatro são do feminino. Não contabilizamos as antologias devido à grande quantidade de autores envolvidos e à impossibilidade de obter maiores informações a respeito deles. Contudo, foram adicionadas as coautorias, as quais não passavam de dois escritores em uma mesma obra.

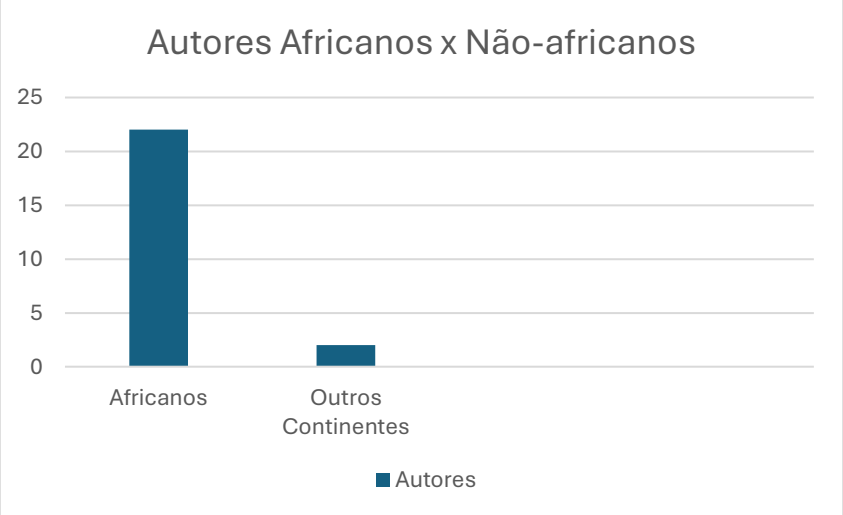
Imagem 59 – Autores moçambicanos e estrangeiros



Fonte: elaborado pela autora.

Dos 24 autores analisados, notamos que 21 deles são oriundos de Moçambique, enquanto três deles são estrangeiros, sendo um angolano, um português e o outro neerlandês.

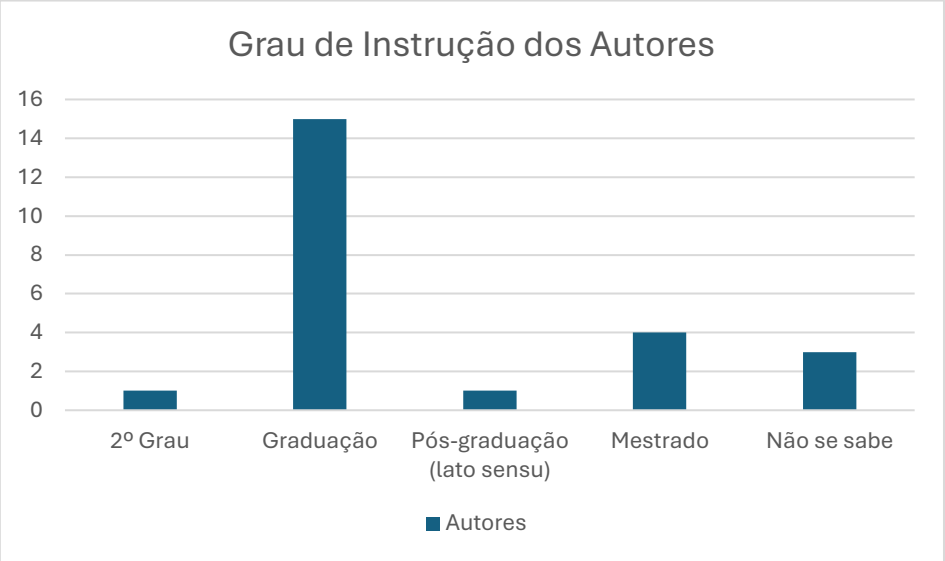
Imagem 60 – Autores africanos e não-africanos



Fonte: elaborados pela autora.

Concluímos que dos 24 autores, 22 deles são africanos, enquanto dois são provenientes da Europa.

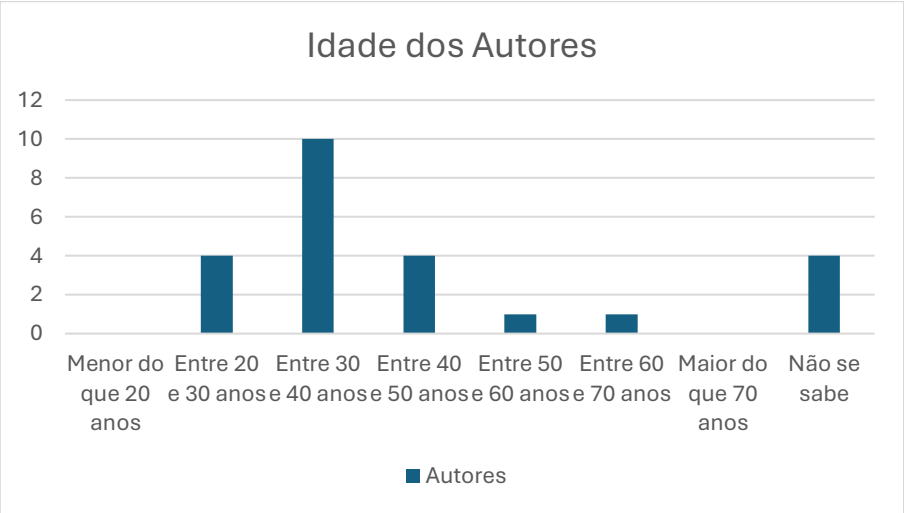
Imagem 61 – Grau de instrução dos autores



Fonte: elaborado pela autora.

Ao analisarmos os dados acerca dos autores, notamos que apenas um deles possui 2º grau completo, 15 possuem graduação ou licenciatura, quatro possuem mestrado, um possui pós-graduação lato sensu e não conseguimos obter essa informação em relação a três deles. Dessa forma, constatamos o letramento dos autores, já que a maioria possui graduação acadêmica, embora poucos tenham buscado uma titulação mais alta.

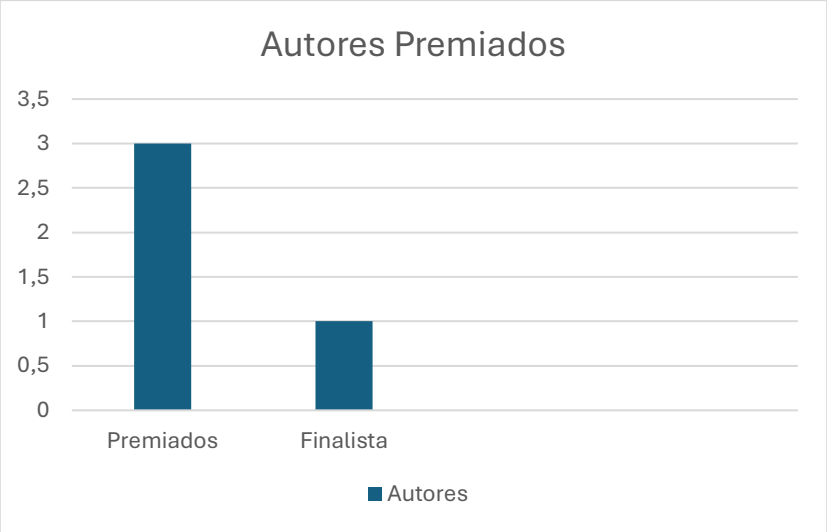
Imagem 62 – Idade dos Autores



Fonte: elaborado pela autora.

Ao examinarmos, notamos que não há nenhum autor abaixo de 20 anos, há quatro entre 20 e 30 anos, 10 entre 30 e 40 anos, quatro entre 40 e 50 anos, um entre 50 e 60 anos, um entre 60 e 70 anos, nenhum acima de 70 anos, e não conseguimos essa informação em relação a quatro deles. Dessa forma, percebemos que a faixa-etária majoritária da Kulera é de autores entre os 30 e 40 anos.

Imagem 63 – Autores Premiados



Fonte: elaborado pela autora.

Ao pesquisarmos, descobrimos que 3 (três) autores foram premiados, sendo dois concursos de âmbito internacional, o Concurso de Poesia Livre ARLACS e o Concurso Internacional de Poesia Lusófona Floriano Martins; já o terceiro prêmio, de caráter interno, é o Prêmio Literário TDM. Ressaltamos que um dos escritores foi finalista no Prêmio Literário 10 de Novembro.

3.4.3 Análise dos dados da Kulera:

Com base nos dados obtidos, pudemos chegar a algumas conclusões a respeito da Kulera. A primeira delas é de que a editora não é um meio de subsistência para seu editor e criador e tampouco para seus colaboradores, mas um *hobbie* de pessoas extremamente apaixonadas e comprometidas com a produção da literatura, das artes e da cultura. Tal configuração revela uma preponderância do capital cultural em detrimento do capital econômico, uma vez que os agentes envolvidos parecem mobilizar saberes e disposições simbólicas mais do que recursos financeiros ou objetivos mercadológicos. Outro aspecto relevante é a predominância da produção literária, especialmente do gênero poesia, no

catálogo da editora. Ainda que, em seus primeiros anos, a Kulera tenha se proposto a publicar livros curtos e gratuitos em formato *e-book*, estratégia que atraiu um número expressivo de autores estreantes, verificamos atualmente uma coexistência equilibrada entre as publicações digitais e impressas. Isso se dá em razão de os títulos inicialmente lançados como e-books e que obtiveram maior repercussão junto ao público terem sido posteriormente transpostos para o formato físico, revelando uma gestão editorial atenta à recepção dos leitores, ainda que distante de estratégias comerciais convencionais. Tal prática sugere um investimento em capital simbólico, na medida em que se prioriza o reconhecimento cultural e o valor atribuído às obras por parte de uma comunidade leitora.

A prevalência de primeiras edições no catálogo da editora reforça sua vocação para o fomento de novos escritores, reiterando o compromisso com a democratização do acesso ao campo literário. Essa orientação também se manifesta nas políticas de precificação adotadas pela Kulera, uma vez que diversos e-books foram disponibilizados gratuitamente, enquanto os que foram comercializados mantiveram-se dentro de uma faixa acessível à população economicamente mais vulnerável. A mesma lógica se aplica aos livros impressos, cuja precificação, ainda que variável, permanece amplamente acessível, revelando um esforço deliberado de equilibrar capital econômico com a ampliação do capital social, ao construir redes de leitores mais amplas e diversificadas.

No que se refere ao perfil autoral, constata-se a predominância de escritores moçambicanos do sexo masculino, com idade entre 30 e 40 anos e com formação superior completa, ainda que poucos demonstrem interesse em alcançar títulos acadêmicos mais elevados. Nota-se também a escassa presença de autores premiados, o que pode ser explicado pelo caráter ainda inicial da trajetória de muitos desses escritores no campo literário. O número reduzido de autores africanos de outras nacionalidades e a presença pontual de escritores de outros continentes sugerem uma inserção ainda limitada da editora em redes internacionais de circulação, o que indica uma mobilização relativamente restrita do capital social transnacional.

Desse modo, a atuação da Kulera evidencia uma forte valorização do capital cultural e simbólico, com um modelo editorial que prioriza a formação de novos autores e o acesso à produção literária, mesmo que em detrimento de maiores ganhos econômicos. Esse posicionamento a inscreve dentro de um campo de produção autônoma, tal como descrito por Bourdieu, no qual a lógica da consagração simbólica sobrepõe-se à lógica mercadológica.

3.5 Análise comparativa entre as 3 casas editoriais:

Na presente pesquisa, tivemos a oportunidade de conhecer e estudar as três editoras objeto do presente estudo, desse modo pudemos observar que embora se trate de editoras independentes, elas possuem similaridades assim como diferenças que oferecem um retrato plural da produção editorial contemporânea moçambicana e seus modos de resistência, adaptação e reafirmação. Seus projetos editoriais distintos, inclusive pela forma como movimentam seus capitais, confere-lhes uma identidade editorial própria, conforme apresentaremos a seguir.

Quadro 2: Comparativo entre as editoras

Oleba Editores	Kulera	Ethale Publishing
Perfil literário (Poesia)	Perfil literário (Poesia)	Equilíbrio entre o ficcional e o não ficcional (Romance/Ciência Política)
Impressos +	Impressos+-	Impressos/E-books
1ª edição	1ª edição	1ª edição
_____	_____	Tradução
E-books (gratuitos)	E-books (Vendidos/Gratuitos)	E-books (Vendidos/Gratuitos)
_____	_____	Audiobook (futuro)
Autopublicação (criação)	Autopublicação (criação)	Objetivos sócio-culturais (criação)
Editor-autor	Editor-autor (Hobbie)	Editor-autor
Autoria masculina	Autoria masculina	Autoria masculina
Moçambicanos (local)	Moçambicanos (local)	Moçambicanos (Pan-africanismo)
Graduação	Graduação	Doutorado
Entre 30 e 40 anos	Entre 30 e 40 anos	Entre 60 e 70 anos

Fonte: elaborado pela autora.

Primeiramente, destacamos que a Kulera se apresenta como uma microeditora que opera à margem das exigências do mercado tradicional, funcionando como um projeto de interesse pessoal e comunitário sustentado pela paixão e comprometimento de seu fundador e sua equipe para com a literatura, arte e cultura. Apesar disso, a editora ainda

é uma empresa e por isso mesmo precisa equilibrar sua ânsia de produzir e levar literatura para o máximo possível de pessoas com as limitações econômicas impostas por seu próprio porte. Contudo, observamos que o fato de seu criador e seus colaboradores não dependerem dos ganhos da editora para sua subsistência permite que a mobilização do capital econômico seja revertida, em sua potência, no desenvolvimento de seus projetos, conferindo à casa editorial uma clara inserção no polo autônomo do campo editorial. Sua baixa exigência de retorno financeiro e seus preços acessíveis, e gratuidade no caso de *e-books*, evidencia a secundarização do capital econômico, conferindo-lhe um caráter contra-hegemônico.

O capital simbólico da Kulera é construído por meio de uma ética da partilha e da promoção cultural acessível, sem depender de reconhecimento institucional, e o expande por meio do apoio a novos autores, isto é, da valorização de obras poéticas e autorais, com ênfase em escritores iniciantes e majoritariamente moçambicanos, assim como ao optar pelo acesso democratizado ao livro. Dessa forma, ao priorizar primeiras edições e manter preços acessíveis, a editora constrói prestígio por meio de uma ética do compartilhamento e do fomento cultural, mesmo sem grandes prêmios ou nomes consagrados em seu acervo.

A comunicação da Kulera parece ser mais restrita, isto é, voltada à comunidade local e a um público interessado em literatura emergente. Essa limitação, porém, não diminui seu valor dentro do campo cultural, pois fortalece laços comunitários, ou seja, a relação com autores e leitores de contextos periféricos, contribuindo para que se tornem mais ativos e participativos. O foco em primeiras edições e a presença equilibrada entre impressos e *e-books* refletem uma curadoria voltada à experimentação e à formação de novos públicos e autores.

Em contraste com a Kulera e com a Oleba, a Ethale demonstra maior estruturação empresarial, com sinais de expansão progressiva e estratégias de diversificação de produtos, como o desenvolvimento de uma plataforma própria para *e-books* e o futuro investimento em *audiobooks*. Essa expansão sugere uma busca mais evidente por sustentabilidade econômica, ainda que sem perder de vista sua função cultural. A presença de obras com valores mais elevados também aponta para uma tentativa de equilibrar capital econômico com qualidade editorial.

O capital cultural da Ethale é construído a medida em que a casa oferece voz a autores já consagrados no meio acadêmico, com alta titulação e atuação em universidades, o que intensifica o peso do capital cultural institucionalizado em seu catálogo. Já o capital

simbólico é mobilizado de forma mais estratégica ao incorporar autores com trajetórias acadêmicas reconhecidas, e ao investir em traduções e obras que dialogam com narrativas africanas e diaspóricas. Sua projeção simbólica, portanto, está mais associada à legitimação intelectual e à internacionalização de vozes africanas. Seu capital social parece ser o mais alto dentre as três casas editoriais, isso se explica por alguns fatores, como o fato de seu cofundador, Alex Macbeth, ser oriundo do Reino Unido, o que transcende as fronteiras nacionais expandindo a rede de sociabilidade da editora de forma intercontinental. Outro aspecto seria por incluir autores africanos de diferentes países de forma a colaborar na construção de um espaço editorial pan-africano, ajudando assim a promover diálogos com países vizinhos.

Por outro lado, a Ethale articula uma lógica de mercado mais clara, sem abandonar os princípios culturais e políticos que a orientam. Observamos também que a Ethale atua por meio de uma linha editorial mais estruturada, voltada à literatura de não-ficção, sobretudo ciências humanas e políticas. Podemos atribuir a isso a influência direta da formação filosófica de um dos cofundadores, Jessemusse Cacinda, sobre a curadoria da casa e, consequentemente, na composição do catálogo, formado por autores com títulos de doutores e professores universitários, institucionalizando o capital cultural da casa.

Por sua vez, a Ethale acumula capital simbólico por meio da legitimação acadêmica de seus autores e do prestígio associado à erudição. Ao investir na publicação de autores africanos de fora de Moçambique e em traduções, a editora amplia seu alcance simbólico, inserindo-se em um circuito transnacional de circulação de ideias. A Ethale constrói um capital social mais amplo, estabelecendo conexões com autores africanos de diversos países e ampliando sua rede de circulação. A aposta na plataforma própria de venda e no projeto de audiobooks tende a fortalecer ainda mais essas conexões.

A Ethale Publishing se insere como um modelo próximo ao que Muniz Jr. (2016) define como editor "girafa", ou seja, uma microempresa cultural que busca equilibrar engajamento com a produção intelectual, o investimento em edições impressas, e a participação em feiras. Outro aspecto é o investimento na publicação de obras de autores reconhecidos, como Wole Soyinka, laureado com o Prêmio Nobel de Literatura por sua peça “A morte e o cavaleiro real”, Boaventura de Sousa Santos e Aminata Sow Fall, vencedora do Grande Prêmio Literário da África Negra, dentre outros escritores consagrados, seja pela academia ou pela destacada qualidade de sua obra publicada.

Por sua vez, a Oleba Editores é uma microempresa editorial com perfil literário, voltado principalmente à publicação de poesia, sobretudo em formato de impressos e de

primeiras edições. Também observamos que ainda que tenha disponibilizado alguns *e-books* gratuitamente, a editora mantém um posicionamento que evidencia seu engajamento cultural e social, privilegiando o acesso e a valorização da produção literária local.

O perfil dos autores publicados pela Oleba evidencia um acúmulo considerável de capital cultural na medida em que são majoritariamente homens moçambicanos, com formação superior, na faixa etária entre 30 e 40 anos, que atuam como docentes no ensino superior ou na educação básica. Embora tenham domínio da linguagem, esses autores frequentemente não possuem capital econômico suficiente para arcar com os altos custos tradicionais de publicação. Ciente dessa realidade, a Oleba adota uma política de preços acessíveis, assumindo uma postura que prioriza o valor simbólico da literatura em detrimento do retorno financeiro imediato.

A relação entre a editora e seus autores pode ser caracterizada como simbiótica na medida em que ao oferecer espaço de publicação para escritores em início de carreira, a Oleba contribui para sua inserção no campo literário, favorecendo a legitimação de suas obras. Em contrapartida, as publicações desses novos autores, ainda que com baixo retorno financeiro, funcionam como vetores de reconhecimento simbólico para a editora, a qual passa a ser percebida como um agente legítimo e comprometido com a cultura. Assim, o investimento em capital simbólico converte-se, paulatinamente, em prestígio no campo editorial, o que pode, futuramente, gerar capital social e ampliar a rede de colaboradores, leitores e parceiros. Nesse sentido, a experiência da Oleba evidencia um modelo editorial que resiste à lógica puramente mercadológica.

A partir dos dados coletados e de sua análise, nos propomos a delinear o perfil editorial da Kulera, Ethale Publishing e Oleba Editores. Essa reflexão remete, inevitavelmente, à tese de doutorado de Muniz Jr. (2016), na qual o autor investiga o campo das editoras independentes nos contextos brasileiro e argentino, empreendendo uma análise comparativa entre as realidades editoriais desses dois países. Ao término de sua investigação, Muniz Jr. (2016) identifica a existência de dois perfis predominantes no âmbito editorial independente: o editor “girafa” e o editor “bonsai”. O primeiro caracteriza-se por atuar como empresário cultural, equilibrando o comprometimento com a produção simbólica e artística com a atenção à viabilidade econômica do empreendimento. Já o segundo são microempresas editoriais que, por suas limitações operacionais e financeiras, concentram suas atividades em um número reduzido de

agentes, o que restringe significativamente suas possibilidades de expansão e sustentabilidade no mercado.

De maneira convergente à perspectiva de Muniz Jr. (2016), Coutinho (2020) dedica-se à análise do comércio de publicações oriundas de editoras independentes, tendo como foco a Banca Tatuí, localizada na cidade de São Paulo. A partir da seleção de alguns produtores que estabeleceram parcerias com essa banca, a pesquisadora realiza estudos de caso que lhe permitem observar transformações significativas no panorama editorial independente brasileiro. Em função dessas mudanças, Coutinho (2020) opta por não adotar a tipologia "girafas" e "bonsais" proposta por Muniz Jr. (2016), preferindo denominar o universo investigado como um "microcosmo gráfico-independente". Sua pesquisa revela a emergência de perfis editoriais que se situam em posições intermediárias em relação ao modelo dicotômico anteriormente identificado por Muniz Jr. (2016), sugerindo uma maior complexidade e heterogeneidade no campo.

Por sua vez, Nascimento (2022, p. 136) em sua pesquisa seleciona múltiplas casas editoriais independentes e as analisa segundo uma série de variáveis referentes às práticas e estratégias empregadas por essas editoras dentro da cadeia editorial capitalista. A partir dos dados coletados, o pesquisador buscou determinar os diferentes Graus de Independência/Dependência dentre as casas que compunham seu corpus e verificar se "suas práticas e estratégias se aproximem mais da centralidade das práticas e estratégias do mercado editorial capitalista".

A partir dos estudos mais recentes, buscamos delinear qual seria o perfil editorial das casas selecionadas e concluímos que as práticas editoriais da Kulera a aproximam do modelo de empreendimento "bonsai" apresentado por Muniz Jr. (2016). Tal conclusão não se pauta apenas no fato de a casa ser uma microempresa e possuir capital econômico diminuto e sem perspectivas de crescimento, mas reitera que a casa só continua a operar pela relação afetiva de seu criador e de seus colaboradores com a literatura. Cossa declarou na entrevista que a ocupação de editor é uma atividade de fruição, tendo-se em vista que sua fonte de renda é seu trabalho como funcionário público e tampouco tem a pretensão de lançar outros livros próprios, mas seguir lançando obras de terceiros. O gosto pela literatura somado à consciência da importância do trabalho realizado pela Kulera é o que o impulsiona a continua-lo, até mesmo porque não o faz por dinheiro, mas por prazer.

Seguindo a mesma lógica, notamos que a Oleba Editores também parece mais próxima do perfil editorial "bonsai" de Muniz Jr. (2016) na medida em que a casa se

apresenta como um empreendimento de porte micro, com capital econômico limitado e sem grandes perspectivas de crescimento, além da concentração do trabalho. A Oleba, assim como a Kulera, foi criada para autopublicação, mas a qualidade das obras publicadas por Dau levou outros autores iniciantes que não conseguiam espaço junto a outras editoras a publicarem com a Oleba. O entrevistado cobra valores simbólicos de seus clientes e sempre se associa a profissionais que, como ele próprio, cobra valores mínimo pelos serviços prestados. Dessa forma, como afirmado pelo próprio Dau, a Oleba se concentra em sua pessoa. Outro aspecto a se considerar é a relação simbiótica entre a editora e os novos autores em que a casa os legitima ao inseri-los no campo literário e, em contrapartida, a soma do trabalho desses escritores se converte em capital simbólico para a editora na forma de seu catálogo.

Diferente das outras duas editoras, a Ethale Publishing apresenta maior afinidade com o perfil "girafa" de Muniz Jr. (2016) ao ser capaz de equilibrar o comprometimento com a arte e com a cultura através dos livros que publica assim como por meio de iniciativas engajadas com a reflexão, debate e valorização da cultura africana. Ao mesmo tempo, embora também seja de porte micro e tenha capital econômico parco, se mostra mais vanguardista ao desenvolver tecnologia própria por meio de um aplicativo de *e-books*, no qual os comercializa e disponibiliza alguns deles gratuitamente, com a pretensão de inserir *audiobooks* à plataforma em um futuro próximo. Outro aspecto diferencial é o fato de a Ethale possuir dois fundadores, Cacinda, que é moçambicano, e MacBeth, que é britânico. O capital híbrido não implica em maior capital econômico, embora importe em maior capital social em razão do networking de MacBeth se revelar intercontinental. Também notamos como a função de editor deixou de ser exercida por Cacinda e passou a ser executada por Mauro Brito, o que demonstra o alcance da casa editorial, a qual não está limitada a pessoa de seus fundadores.

Levando-se em conta que a pesquisa de Nascimento (2022) envolve validação estatística a partir de dados obtidos por meio de questionário, não nos encontramos na posição de analisar o Grau de Independência/Dependência das editoras do presente estudo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Considerando a relevância dos estudos sobre editoras independentes, observamos a falta de pesquisas voltadas para esse tema no contexto moçambicano. Essa ausência motivou a realização do presente trabalho, que se propõe a analisar os dados extraídos das entrevistas assim como dos catálogos da editora Kulera, Ethale Publishing assim como Oleba Editores, a fim de responder às questões norteadoras da investigação a partir das informações coletadas.

O primeiro capítulo se propôs a abordar sobre os estudos editoriais, o que implica discorrer sobre o objeto norteador de toda casa editorial, ou seja, falar sobre livros, desde seu conceito, suportes, tecnologias de produção e, inclusive, sua dicotomia entre aspecto material e simbólico. Em seguida, discorremos sobre a figura do editor, conceituando-a e apresentando suas atribuições assim como sua evolução ao longo do tempo, assim como seu papel central na produção editorial. Em seguida, retratamos sobre o que vem a ser independente, suas diferentes acepções e sua aplicação no âmbito editorial, discorrendo sobre o Estado da Arte, sobre as teorias desenvolvidas assim como características atribuídas às editoras independentes. Após abordamos sobre os conceitos elaborados por Bourdieu como o campo e seus capitais, sendo eles: econômico, simbólico, cultural e social. A partir deles, discorremos sobre as áreas do campo e, mais especificamente, sobre o campo editorial independente e suas regras de funcionamento. Por fim, abordamos sobre as redes de sociabilidade bem como sobre os coletivos dada a sua importância no fortalecimento e sobrevivência das editoras independentes.

Após a apresentação das casas editoriais e da lógica mercadológica que rege o campo em que estão inseridas, o segundo capítulo dedicou-se à apresentação do método adotado, de natureza quanti-qualitativa, uma vez que a investigação se baseia na coleta e análise de dados referentes às entrevistas e publicações realizadas pela Kulera, Ethale Publishing e Oleba Editores, embora tenha havido diferenças no que diz respeito à atualização dos catálogos disponibilizados.

O terceiro capítulo foi voltado à apresentação do conteúdo das entrevistas bem como dos dados coletados sobre os catálogos das editoras selecionadas, os quais foram perscrutados separadamente e, por fim, analisados em caráter comparativo. A partir do exame das entrevistas e dos títulos publicados, além de outras informações relevantes, foi possível responder às questões norteadoras da pesquisa. Os dados analisados indicam que as três casas editoriais se configuram como independente de porte micro, caracterizadas

por um capital econômico limitado, um capital simbólico ainda incipiente, porém em processo de expansão, e um capital cultural significativo, reflexo do elevado nível de letramento dos autores publicados. Contudo, apesar dos aspectos comuns, observamos a existência de diferenças entre elas, as quais apontaremos a seguir.

Notamos que as práticas editoriais da Kulera a constituem como "Bonsai" opera à margem das exigências do mercado tradicional, funcionando como um projeto de interesse pessoal de Cossa e sustentado por seu comprometimento e de seus colaboradores. Seu capital simbólico é proveniente do apoio dado aos novos autores e a seu empenho na democratização do livro. O capital social da Kulera é menor em razão de sua rede de sociabilidade possuir um alcance local, isto é, restrito a Moçambique. No que diz respeito a seu capital cultural, ele se constitui a partir do fato de sua curadoria privilegiar a produção literária poética e autoral de novos escritores, o que reforça a função da casa como espaço de descoberta e experimentação literária. Desse modo, concluímos que a Kulera se constitui como uma editora "Bonsai" dada a concentração de trabalho nas mãos de Cossa e de seus colaboradores, além das dificuldades de sobrevivência a longo prazo. Contudo, o que mantém a casa operando é justamente a paixão de seu fundador e de seus colegas, os quais atuam em prol da arte e da cultura.

A Ethale, por outro lado, se articula como um empreendimento "girafa" pautado em uma lógica de mercado mais clara, sem com isso abandonar seus princípios e objetivos, uma vez que investiu em novas tecnologias as quais lhe conferiram maior viabilidade econômica. Já o seu capital simbólico é oriundo do perfil de seus autores, homens provenientes da elite intelectual de Moçambique somado ao investimento da editora em traduções de narrativas africanas e diaspóricas. Seu capital cultural é proveniente de sua linha editorial mais marcada por obras nas áreas das ciências humanas e políticas. Já o seu capital social se revela igualmente alto em face de a casa publicar literatura oriunda de outros países africanos, gerando um pan-africanismo.

Já a Oleba se apresenta mais próxima de uma editora "bonsai", com capital econômico restrito, um capital simbólico ainda pequeno, mas em crescimento, um capital cultural elevado em razão do letramento de seus autores publicados e um capital social desconhecido em razão da falta de informações a respeito do networking formado por Dau somado à completa inércia nas redes sociais que impossibilita a obtenção de notícias.

Cabe destacar que se trata de um estudo e recorte sincrônico, que as três editoras independentes são jovens e seu catálogo ainda está em expansão, de forma que o capital simbólico delas aumenta de forma proporcional ao tempo de existência da casa assim

como de acordo com a maturação de seu catálogo. Seu capital simbólico também aumentará de acordo com a curatela das editoras, isto é, de acordo com o perfil de autores e tipos de obras que publicar. Seu capital social crescerá a medida em que as editoras forem capazes de estabelecerem novos networkings, principalmente além dos limites geográficos de Moçambique.

Com base nos dados e análise apresentados, acreditamos que o estudo tenha cumprido a sua função de contribuir para a pesquisa científica não apenas acerca da edição independente, mas tenha dado algum vislumbre sobre algumas das realidades editoriais em Moçambique, um local que ainda carece de estudos na área.

REFERÊNCIAS:

ARAÚJO, Diná Marques Pereira; REIS, Alcenir Soares dos. **Bibliografias setecentistas e os conceitos de livro raro.** Perspectivas em Ciência da Informação. V. 22, p.168 – 184, 2017.

ASARE.Meshack. **Filho da Nana**. Lisboa: Falas Afrikanas/Ethale Publishing. 2022.

AZEVEDO, Licínio. **Comboio de sal e açúcar**. Maputo: Ethale Publishing, 2021.

BARCELLOS, Marília de Araújo. Dispositivos e Leituras Novos Contornos para a Edição. *In*: BOMFÁ, Cláudia Regina Ziliotto (Org.). **Desafios: Editoração em Tempos de Convergência**. 1ª ed. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Ed. Experimental pE.com UFSM. 2018.

BARCELLOS, Marília de Araújo. **O Sistema Literário Brasileiro Atual: Pequenas e médias editoras.** 2006. 149 f. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

BARRIOS DIAZ, José Sebastian Alejandro. A Invenção Colonial de Moçambique: dos impérios africanos à colônia e província ultramarina. **Revista Brasileira De Estudos Africanos,** v.8, n.16, 2024.

BASSEY, Nnimmo. **Sacrificar um continente**. Maputo: Ethale Publishing, 2021.

BÉRTOLO, Constantino. **La cena de los notables**. Buenos Aires: Mardulce, 2015.

BOTTO, Malena. La concentración y la polarización de la indústria editorial. José Luiz de Diego (dir.). Editores y políticas editoriales em Argentina, 1880-2000. Buenos Aires: FCE, 2006.

BOTTO, Malena. Territorios del presente, fronteras de la literatura: pequeñas editoriales y editoriales alternativas. *VIII Congresso Internacional Orbis Tertius de Teoria e Crítica Literária* , 2012, La Plata, Argentina. EM: T. Basile e E. Foffani (Dir.). Procedimentos 2012. La Plata: UNLP. FAHCE. Centro de Estudos de Teoria e Crítica Literária.

BRIGNOL, Liliane Dutra. Novas Lógicas de Produção e Consumo. *In*: BOMFÁ, Cláudia Regina Ziliotto (Org.). **Desafios: editoração em tempos de convergência.** 1ª ed. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Ed. Experimental pE.com UFSM. 2018.

BOURDIEU, Pierre. **As Regras da Arte**: Gênese e Estrutura do Campo Literário. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **Os Usos Sociais da Ciência**: Por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

BOURDIEU, P. O Campo Econômico. **Revista Política e Sociedade**. Florianópolis, Santa Catarina. v.4, n.6, p. 15-57, 2005.

BOURDIEU, Pierre. ***Os três estados do capital cultural***. 10 ed. IN: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (orgs.). Escritos de Educação. Petrópolis: Vozes, p. 71-79. 2008

BOURDIEU, Pierre. **Estruturas, habitus, práticas**. In: BOURDIEU, Pierre. O senso prático. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

BOURDIEU, Pierre. Uma Revolução Conservadora na edição. Política e Sociedade: **Revista de Sociologia Política**. v.17, n.39, 2018.

CHARTIER, Roger. O Livro e seus Poderes. *In*: COUTINHO, E. G.; GONÇALVES, M. S. **Letra impressa: Comunicação, Cultura e Sociedade**. Porto Alegre: Sulina, p.15-52. 2009.

CLARO, Adriana Thomazotti. Entre o livro e o leitor: o editor e a forma das ideias. **Cenários da Comunicação**. São Paulo. V. 6, n. 1, p. 73-80, 2007.

COLLEU, Gilles. **Editores Independentes: da idade da razão à ofensiva?** Rio de Janeiro: LIBRE – Liga Brasileira de Editoras, 2007.

COUTINHO, Samara Mírian. Um Mercado de Peculiaridades: a banca Tatuí e as estratégias de comércio e legitimação das casas editoriais do microcosmo gráfico-independente. Dissertação. (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens. Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. Belo Horizonte. 2020.

CRESWELL, John W. **Projeto de Pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Porto Alegre, 2ª ed. Artmed, 2007.

CUCO, Arcénio. **Democracia e outras coisas de Moçambique**. Maputo, Ethale Publishing, 2021.

DADOS MUNDIAIS, 2024. Disponível em: https://www.dadosmundiais.com/africa/mocambique/index.php. Acesso em 08 de maio 2024.

DECLARAÇÃO INTERNACIONAL DE EDITORES E EDITORAS INDEPENDENTES. Disponível em: https://www.alliance-editeurs.org/IMG/pdf/declaracao_internacional_dos_editores_e_editoras_independentes_2014_brazil.pdf

DENIASSE, Olavo Alberto. **A problemática ambiental da mineração artesanal em Manica – Moçambique: propostas de solução**. Maputo, Ethale Publishing, 2020.

DEPEXE, Sandra. O Campo Gráfico: Muito Além do Papel. *In*: BOMFÁ, Cláudia Regina Ziliotto (Org.). **Desafios: editoração em tempos de convergência**. 1ª ed. Santa Maria: Ed. Experimental pE.com, UFSM. 2018.

DI LELIO, Vittoria. Ethale Publishing : Uma Editora que Promove Narrativas Africanas. **Revista Índico**, v.4, n. 72, 2022.

EDITORA KULERA, 2024. Disponível em: https://www.editorakulera.com/. Acesso em 25 de agosto de 2024.

EDITORA KULERA, 2024. Disponível em: https://www.facebook.com/editorakulera/. Acesso em 25 de agosto de 2024.

EDITORA KULERA/MAGUS DA SIDERURGIA, 2024. Disponível em: https://www.instagram.com/magusdasiderurgia/. Acesso em 25 de agosto de 2024.

EDITORA KULERA, 2024. Disponível em: https://www.youtube.com/@editorakulera6491/featured. Acesso em 25 de agosto de 2024.

Editoras independentes realizam feira de livro em Maputo. Catalogus, 2025. Disponível em: https://catalogus.co.mz/editoras-independentes-realizam-feira-de-livro-em-maputo/. Acesso em: 01 de março de 2024.

ETHALE PUBLISHING, 2025. Disponível em: https://www.ethalebooks.com/. Acesso em 12 de janeiro de 2025.

ETHALE PUBLISHING, 2025. Disponível em: https://www.facebook.com/EthalePublishing/. Acesso em 12 de janeiro de 2025.

ETHALE PUBLISHING, 2025. Disponível em: https://www.youtube.com/@ethaletalks4328. Acesso em 12 de janeiro de 2025.

ETHALE PUBLISHING, 2025. Disponível em: https://www.instagram.com/ethale_publishing/?hl=es-la. Acesso em 12 de janeiro de 2025.

FALL, Aminata Sow. **A greve dos mendigos**. Maputo: Ethale Publishing, 2019.

GOMES, Letícia Santana. A edição de livros em Moçambique: o caso da Oleba Editores e do editor Alex Dau. **Anais do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2019.

GONÇALVES, Márcio Souza. A Atualidade da Produção Editorial. *In*: BOMFÁ, Cláudia Regina Ziliotto (Org.). **Desafios: editoração em tempos de convergência**. 1ª ed. Santa Maria: Ed. Experimental pE.com, UFSM. 2018.

GRAVIER, Marina Garone. Los catálogos editoriales como fuentes para el estudio de la bibliografia y la historia de la edición. El caso del Fondo de Cultura Económica. **Palavra Clave**, v.9, n.2, p.1-19, 2020.

GREJO, C. B. **Carlos Octavio Bunge e José Ingenieros: entre o científico e o político. Pensamento racial e identidade nacional na Argentina (1880-1920).** Dissertação (Mestre em História) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista. Assis, 2009.

HASLAM, Andrew. **Livro e o Designer II, O. Como Criar e Produzir Livros.** 2. ed. São Paulo: Edições Rosari, 2007.

KANDJIMBO, Luís. **Filosofemas Africanos: ensaio sobre a efectividade do direito à filosofia**. Maputo: Ethale Pubishing, 2023.

KLEBER, Magali Oliveira. A Rede de Sociabilidade em Projetos Sociais e o Processo Pedagógico-Musical. **Revista da ABEM**, Londrina, v.19, n.26, p.37-46, 2011.

LARRAZ, Fernando et al. **Pliegos Alzados: La historia de la edición, a debate**. 3ª edição. Gijón: Ediciones Trea, 2020.

LAHM, Lucio Ziegelmann. **Por que "Campeão de Vendas"?** A construção da imagem do produto cultural best-sellers nos meios de comunicação de massa. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Universidade de Brasília. Brasília, p. 161. 2006.

LEÃO, Andréa Borges; MINDOSO, André Victorino. O livro escolar na reinvenção política do Moçambique pós-independente. **Dossiê Práticas Editoriais e Intermediações da Cultura Arquivos do CMD**, v.7, n.1, 2018.

LIBRE. Quem somos, 2024. Disponível em: https://libre.org.br/quemsomos/. Acesso em: 06 de janeiro de 2024.

LOCANE, Jorge. **De la literatura latinoamericana a la literatura (latinoamericana) mundial***:* condiciones materiales, procesos y actores. 1ª ed. Berlin/Boston: de Gruyter, 2019.

MACBETH, Alex. **Alex MacBeth Journalist, editor, publisher, filmmaker, writer and multilingual communications specialist**. Disponível em: https://www.alexmacbeth.com/p/about-contact.html. Acesso em: 05 de março de 2025.

MAGALHÃES, Flávia Denise Pires de. **Feiras de Publicações Independentes**: uma análise da emergência desses encontros em Belo Horizonte (2010-2017) e dos eventos Faísca – Mercado Gráfico e Textura (2017-2018). 2018. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem). Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens - Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

MALUMIÁN, Víctor; WINNE, Hernán López. **Independientes, de qué? Hablan los editores de América Latina**. Ciudad de Máxico, México. 2016.

MANJATE, Teresa. Leituras e Escritas em Movimento, em Moçambique. **Pontos de Interrogação**. v.10, n.2, 2020.

MASSIMACULO, Albino; et al. Desafios da democratização em Moçambique (1990-2014): uma análise crítica da geopolítica nacional. **Contemporânea**, v.11, n.2, p.686-701, 2021.

MEDEIROS, Nuno. Notas sobre o mundo social do livro: a construção do editor e da edição. **Revista Angolana de Sociologia**, n.9, p. 33-48, 2012.

MEDEIROS, Nuno. Sociologia Histórica do Livro, da edição e da leitura: pistas para uma proposta panorâmica. **Revista Fontes Documentais**, v.4, p.177-186, 2021.

MICHAELIS, **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa,** 2024. Disponível em: https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/independencia. Acesso em 08 de março de 2024.

Moçambique: Instituto Nacional de Estatística. Disponível em: http://www.ine.gov.mz/estatisticas/estatisticas-demograficas-e-indicadores-sociais

MOREIRA, Terezinha Taborda. Um galo sozinho não tece uma manhã: entrevista com o escritor Alex Dau. **Scripta**, v.23, n.47, p.215 – 220, 2019.

MUNIZ JÚNIOR, José de Souza. **Girafas e Bonsais: editores "independentes" na Argentina e no Brasil (1991-2015).** 2016. Tese (Doutorado em Sociologia) – Curso em Sociologia – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2016.

MUNIZ JÚNIOR, José de Souza. Regimes de propriedade, modelos de financiamento e formação de catálogo: esboço metodológico para o estudo comparado das editoras de livros. Anais do XI Congreso Latinoamericano de Investigadores de la Comunicación, 2012.

NASCIMENTO, Marcos Roberto. **Graus de Independência/Dependência GIDs): um instrumento de análise das práticas e estratégias das casas editoriais brasileiras.** Tese (Doutorado em Estudos de Linguagens) – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.

NGOENHA, Severino Elias. **O retorno do bom selvagem**. Maputo: Ethale Publishing, 2023.

OLEBA EDITORES, 2015. Disponível em: http://olebaeditores.blogspot.com/. Acessado em: 29 de setembro de 2024.

OLEBA EDITORES, 2015. Disponível em: https://www.facebook.com/oleba.mz/?locale=pt_BR. Acessado em: 29 de setembro de 204.

OLIVEIRA, Guilherme dos Santos. **Coletivos de estudantes negros no ensino superior brasileiro: políticas da diversidade e organização política estudantil**. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2019.

OLIVEIRA, Guilherme; GONÇALVES, Maria Alice Rezende. Organização Política dos Coletivos de Estudantes Negros no Ensino Superior Brasileiro. **Revista Interethnica**, v.23, n.1, p.17-37, 2022.

OLIVEIRA, Lídia. Convergência Mediática e Cultura da Conexão. *In*: BOMFÁ, Cláudia Regina Ziliotto (Org.). **Desafios: Editoração em Tempos de Convergência**. 1ª ed. Santa Maria: Ed. Experimental pE.com, UFSM. 2018a.

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de. Os Quilombos Editoriais como Iniciativas Independentes. **Aletria**, Belo Horizonte, v.28, n.4, p.155-170, 2018b.

REIMÃO, Sandra. **Mercado Editorial Brasileiro**. São Paulo: ECA-USP, 2018.

REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE. **Decreto n.º 8/2015**. Boletim da República, Imprensa Nacional de Moçambique, E. P.. I SÉRIE – NÚMERO 44. Disponível em: https://archive.gazettes.africa/archive/mz/2015/mz-government-gazette-series-i-dated-2015-06-03-no-44.pdf. Acesso em: 6 de novembro de 2024.

RIBEIRO, Ana Elisa. Do Livro e suas Tecnologias, seja lá o que for. *In*: BOMFÁ, Cláudia Regina Ziliotto (Org.). **Desafios: editoração em tempos de convergência**. 1ª ed. Santa Maria: Ed. Experimental pE.com, UFSM. 2018.

SAFERSTEIN, Ezequiel A.; SZPILBARG, Daniela. El espacio editorial "independiente": heterogeneidade, posicionamentos y debates: hacia uma tipologia de las editoriales em ele período 1998-2010. **Actas del Primer coloquio argentino de estudios sobre el libro y la edición**, 2012.

SANTANA, Letícia; COUTINHO Samara (Orgs.). Alex Dau. Belo Horizonte: CEFET-MG, LED. 2020.

SORÁ, G. A.; El mundo como feria: In(ter)dependências editoriales em la Feria de Frankfurt. **Comunicación y Medios. Universidad de Chile**. n.27, p.102-128, 2013.

SOUZA, Wiliian Eduardo Righini de. O catálogo editorial e a bibliografia como fontes de pesquisa: avanços e desafios na era digital. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, v.7, p. 202-223, 2016.

SITOE, Neila. Continuam Baixos os Níveis de Retenção de Mulheres em Programas de Alfabetização. **Evidências**, 2022. Disponível em: https://evidencias.co.mz/2022/02/24/continuam-baixos-os-niveis-de-retencao-de-mulheres-em-programas-de-alfabetizacao/. Acesso em: 13 de dezembro de 2024.

SOUZA, Antonio Paulino de. Gênese Social do Editor e as Novas Condições de Produção do Livro. **Caderno CRH**, v.28, n.73, p.215-230, 2015.

SOYINKA, Wole. **A morte e o cavaleiro real**. Maputo: Ethale Publishing, 2021.

TADJO,Veronique. **O senhor da dança**. Lisboa: Falas Afrikanas/Ethale Publishing, 2019.

THATTO COMUNICAÇÃO, 2023. Disponível em: https://thatto.com.br/tipos-de-catalogo-conheca-os-principais-e-escolha-o-ideal-para-sua-empresa/. Acesso em: 12/05/2023.

THOMPSON, John B. **Mercadores de Cultura: o mercado editorial no século XXI**. 1ª edição. São Paulo: Editora Unesp, 2013.
UCCLA – União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa.

THIONG'O, Ngugi Wa. Matigari. Maputo: Ethale Publishing, 2018.

TINGA, Mélio. **O voo dos fantasmas**. Maputo: Ethale Publishing, 2018.

Visit Zambézia. Disponível em: https://www.visitzambezia.com/zambe-zia/culturas-e-linguas.html

WANNER, Zukiswa. As madames. Maputo: Ethale Publishing, 2023.

WINIK, Marilina; RECK, Matías. Un possible final para un certero inicio: acerca de los nuevos desafios de las editoriales independientes. **Actas del primer coloquio argentino de estudios sobre el libro y la edición**, 2012.

APÊNDICE A

Tabela 01 – Catálogo da Oleba Editores

TÍTULO	AUTOR	GÊNERO	ANO	EDIÇÃO
O curandeiro contratado pelo meu edil	Dany Wambir	crônica	2015	impresso 1ª Edição
Um presente para o futuro (os jovens da literatura Moçambicana por volta 2015)	P. Manuel Ferreira	Ciências humanas	2015	impresso 1ª Edição
As Vozes d(o) Eus d (e) Eu	Beni Chaúque	poesia	2015	impresso 1ª Edição
Vozes Malogradas	Euse Patrício	poesia	2015	impresso 1ª Edição
Detalhes de uma vida de silêncio	Heliodoro Baptista Júnior	poesia	2017	impresso 1ª Edição
Reclusos do tempo	Alex Dau	contos	2017	impresso 2ª Edição
Habitante do inóspito	Alex Dau	contos	2017	impresso 1ª Edição
Círculo da vida	Hélder Libelela	Ficção/ drama	2018	impresso 1ª Edição
A velha aliança renovada	Domingos Castande	política	2018	impresso 1ª Edição
Gona Dzololo e outros contos	Sérgio Vinga	contos	2018	impresso 1ª Edição
Mulher de Khumpeia	Mukuda Pinho	contos	2018	impresso 1ª edição
Detalhes de uma vida de silêncio	Heliodoro Baptista Júnior	poesia	2018	impresso 2ª Edição
Por cima de toda folha	Heliodoro Baptista	poesia	2019	impresso 2ª Edição
Ilusão à primeira vista	Almeida Cumbane	romance	2019	impresso 2ª Edição
Fique em casa amor	Grupo Cultural Xitende	poesia	2020	impresso 1ª edição
19 Cartas para o Covid 19	Grupo Cultural Xitende	prosa	2020	impresso 1ª edição
A liturgia do Silêncio	Salvador Muchidão	poesia	2021	impresso 1ª edição
A frequência do silêncio	Alex Dau	poesia	2021	impresso 1ª edição

Possível freios para caos	Britos Baptista	poesia	2021	impresso 1ª edição

Fonte: elaborado pela autora.

Tabela 02 – Catálogo da Ethale Publishing

TÍTULO	AUTOR	GÊNERO	ANO	EDIÇÃO
A Morte e o Cavaleiro Real	Wole Soyinka	teatro (prémio nobel da literatura)	2021	impresso 1ª edição
O fim do império Cognitivo	Boaventura Souza Santos	ciências sociais e humanas	2023	impresso 1ª edição
Matigari	Ngugi Wa Thiongo	romance político	2018	impresso 1ª edição
A greve dos mendigos	Aminata Sow Fall	romance político	2019	impresso 1ª edição
Gole de Lâminas	Albert Dalela	romance	2021	impresso 1ª edição
O Voo dos Fantasmas	Mélio Tinga	conto	2018 (1ª edição)	impresso 2ª edição (2021)
Comboio de sal e açúcar	Licínio Azevedo	romance	2021	impresso 2ª edição
Do Quarto ao Quinto-Homem	Severino Ngoenha	antropologia filosófica	2021	impresso 1ª edição
Nampula: Antologia de hi-estórias de uma cidade vibrante	Jessemusse Cacinda	contos	2022	impresso 1ª edição
Moçambique – emergência, reconstrução e resiliência	Adelino Assane, Adriano Félix, Fidel Terrenciano e Jessemusse Cacinda	ciências sociais e ambientais	2022	impresso 1ª edição
Os pores do sol	Lahissane	poesia	2022	impresso 1ª edição
Da pele do rosto/A coisa do tempo	Guita Júnior	poesia	2020	impresso 1ª edição
O Hamburguer que matou Jorge	Alex Macbeth e Jessemusse Cacinda	contos	2017	impresso 1ª edição
Moçambique neoliberal	José Castiano, Dulce Passades Pereira, Ricardo Raboco e Manuel Morais	ciências sociais e filosóficas	2019	impresso 1ª edição

Pensamento Pedagógico de Samora Machel	Adelino Assane e Mussa Abacar	ciências de educação	2018	impresso 1ª edição
Democracia e outras coisas de Moçambique	Arcénio Cuco	ciências sociais e políticas	2020 (1ª edição)	impresso 2ª edição (2023)
Sacrificar um continente	Nninimo Bassey	ambiente e mudanças climáticas	2021	impresso 1ª edição
Aporias do Moçambique pós-colonial	Boaventura Monjane e Régio Conrado	ciências sociais e ambientais	2021	impresso 1ª edição
As madames	Zukiswa Wanner	romance	2023	impresso 1ª edição
O tempo que rouba amores	Valter Chamo	romance	2022	impresso 1ª edição
Ausências, intermitências e outras incompletudes	Valério Maunde	romance	2023	impresso 1ª edição
Ser espiritual	Felisberto Botao	auto-ajuda	2023	impresso 1ª edição
Gajos bons	Ercínio de Salema	crônicas	2020	impresso 1ª edição
Retorno do bom selvagem	Severino Ngoenha	filosofia	2023	impresso 2ª edição
Análise social para leigos	Elísio Macamo	sociofilosofia	2023	impresso 1ª edição
A problemática ambiental da mineração artesanal em Manica-Moçambique: propostas de solução	Olavo Alberto Deniasse		2020	impresso 2ª edição
Filosofemas africanos	Luís Kandjimbo	sociofilosofia	2023	impresso 2ª edição
As fronteiras da discórdia	Eduardo Sitoe	sociopolítica	2023	impresso 1ª edição
A diversidade linguística e o ensino de línguas oficiais em contextos pós-coloniais	coletânea	linguística	2021	impresso 1ª edição
Kwashala blues	Jessemusse Cacinda	prosa narrativa	2023	impresso 1ª edição
Eleições para a paz ou para a guerra?	Coletânea	sociopolítica	2023	impresso 1ª edição

A cabana	Hosten Yassine Ali	romance	2023	impresso 1ª edição
Cidadania digital	Celestino Joanguete e Dércio Tsamdzana	ciência política	2023	impresso 1ª edição
A corrida ao poder na autarquia de Nampula: uma análise da cobertura radiofônica das eleições intercalares de 2018	Yolanda Manuel Tembi Dambi	ciência política	2021	impresso 1ª edição
O senhor da dança	Veronique Tadjo	literatura infanto-juvenil	2019	impresso 1ª edição
Filho da Nana	Meshack Asare	literatura infanto-juvenil	2022	impresso 1ª edição
Maputo street art	Múltiplos	revista	2023	impresso 1ª edição
Estudos de segurança pública	Rodrigues Nhiuane Cumbane	didático	2022	impresso 1ª edição
Riscos de incêndio	Rodrigues Nhiuane Cumbane	didático	2022	impresso 1ª edição
Governar e pensar	Elísio Macamo	sociopolítica	2021	impresso 1ª edição
Nampula: antologia de histórias de uma cidade vibrante	Antologia	contos	2022	impresso 1ª edição

Fonte: elaborado pela autora.

Tabela 03 – Catálogo da Editora Kulera

TÍTULO	AUTOR	GÊNERO	ANO	EDIÇÃO
Duquesa	Glória Vilbro	poesia	2020	e-book 1ª edição
Seio da Mãe Negra	Antologia Poética	poesia	2020	e-book 2ª edição
Sereia do Zambeze	Franklin Gravata	poesia	2020	e-book impresso 1ª edição
Retroalimentações do Ego	Elísio Miambo	poesia	2020	e-book impresso 1ª edição
Hibernação	Hélder Tsemba	poesia	2020	e-book 1ª edição
Poesia Líquida	Hélio Zyld Guerra	poesia	2020	e-book e impresso 1ª edição
A Voz Filosófica da Deusa Africana	Milton Chambal	ensaio	2021	e-book impresso 1ª edição
Karinganas do Índico	Minyetani Khosa	contos	2020	e-book impresso 1ª edição
Vértices da Alma	Sérgio dos Céus Nelson	poesia	2020	e-book impresso 1ª edição
Espiritualidade Poética	Joel Caetano e Jeconias Mocumbe	poesia	2020	e-book impresso 1ª edição
Teia de Sentimentos	Luciano Dias Pires	poesia	2021	e-book
Construtores de Palavras	Manuel Gimo (org)	Antologia (contos)	2021	e-book

No cais do amor - Antologia	Emílio Cossa e Elísio Miambo (org)	contos	2022	e-book impresso
A caneta do balcão	Zaiby Manasse	romance	2020	impresso 1ª edição
Lhokoza Mamboza: O Rei das Terras Inóspitas	Nhanisse Jah	novela	2021	e-book impresso 1ª edição
As asas decepadas	Lex Mucache	contos	2020	impresso 1ª edição
O entroncamento	Zaiby Manasse	romance	2020	impresso 1ª edição
As Raízes do Rei	Suzana Machamale	romance	2021	impresso 1ª edição
Carla: uma historia de paixão e dor	Negro	novela	2022	impresso 1ª edição
A distante proximidade	Almeida Cumbane	contos	2020	impresso 1ª edição
(Au)sente	Tlare Matlare	poesia	2020	impresso 1ª edição
O perfume do pecado	Matilde Chabana	poesia	2022	impresso 1ª edição
O livro desalmado	Rito Nobre	poesia	2021	e-book impresso 1ª edição
Breviário da Guerra Híbrida na Síria	Wilker Dias	ensaio	2021	impresso 1ª edição
Meticalinho	Joao Mindo II	educação financeira	2022	impresso 1ª edição

Cozinhar Moçambique	Cristina Machava e Henk Tukker	receitas de cozinha	2021	impresso 2ª edição

Fonte: elaborado pela autora.

APÊNDICE B

1 de Dezembro de 2022

Maputo – Moçambique

COMUNICADO DE IMPRENSA

Editoras independentes realizam feira de livro em Maputo

A Rede de Editoras Independentes de Moçambique, uma iniciativa que junta cerca de 10 editoras moçambicanas, realiza a sua primeira acção entre os dias 5 e 6 de Dezembro. Trata-se de uma feira de livro, a ter lugar no Centro Cultural Franco-Moçambicano, em Maputo, que, para além de exposições de livros, envolve lançamentos, conversas, assinaturas de autógrafos, oficinas e jogos.

Durante dois dias, entre às 10h00 e 17h30, editoras como Ethale Publishing, Kuvaninga, Fundza, Kulera e TPC terão os seus títulos expostos e os seus autores poderão conceder autógrafos, para além de conversas sobre os livros.

A título de exemplo, a Ethale Publishing, logo no primeiro dia da feira, propõe-se a realizar um 'jogo literário', que consiste na narração de factos inspirados na leitura de imagens em dados.

Já a Kuvaninga, durante dois dias, irá protagonizar uma oficina de livro com capa de cartão reaproveitado ao livro "Cartas e outras crónicas", de Mário Teixeira a ser lançado no dia seguinte no âmbito da feira.

A Editorial Fundza, por sua vez, propõe uma sessão de autógrafos com os seus autores ao longo dos dois dias e dois lançamentos de livro, um a cada dia, a frisar: "Mungadze e lenda do reino musical", de Agnaldo Bata e "Encontro em Rosebank", de Lex Mucache.

Ainda no primeiro dia, a Editora Kulera sugere uma conversa com o autor Zaiby Manasse à volta dos livros "A caneta do balcão 1" e "O entroncamento". Já a TPC Editora irá

apresentar, a seguir, “Mwambo wa Cisena”, gramática de cisena, da autoria de Marcos Muledzera e Padre Dionísio Simbe.

Importa realçar que as actividades propostas têm a duração máxima de uma hora, permitindo, assim, maior circulação no jardim para os utentes apreciarem o livro, aliás, o maior propósito da feira.

Portanto, esta é a primeira experiência da Rede de Editoras Independentes de Moçambique, um organismo recém-criado que visa, acima de tudo, criar sinergias entre pequenas editoras em defesa dos seus interesses, do mercado livreiro e da literatura moçambicana, através da realização de actividades conjuntas, como uma feira do livro anual, apresentação de um catálogo comum, financiamento colectivo, troca de experiências e formação.

Até ao momento, para além das já mencionadas, compõem à Rede de Editoras Independentes as seguintes editoras: Khupaya, Índico e Massinhane Edições.

Para mais informações sobre a Rede de Editoras Independentes de Moçambique e sobre a feira, bem como cobertura e marcação de entrevistas, por favor contacte: (+258) 84 817 19 64

APÊNDICE C

ENTREVISTA MAURO BRITO – ETHALE PUBLISHING

Entrevistadora: você poderia falar sobre alguns aspectos gerais da sua trajetória enquanto editor?
Mauro Brito: bem, como editor, a trajetória é bem recente. Estou desde o mês de outubro a atuar como editor, e nunca tinha trabalhado nessa área antes, então é tudo novo, uma experiência nova.
Entrevistadora: entendi. Antes de você, quem atuava como editor era o Jessemusse Cacinda, correto?
Mauro Brito: sim, correto.
Entrevistadora: e ele atuava junto com o Alex Macbeth, correto?
Mauro Brito: sim, é isso.
Entrevistadora: eles continuam a atuar na editora?
Mauro Brito: ambos continuam sempre a atuar, mas com um papel um pouco mais de auxiliar e aconselhar quando é necessário.
Entrevistadora: e o que seria independente para você, Mauro?
Mauro Brito: uma editora independente para mim é uma editora que não está associada ou que não recebe fundos de nenhuma instituição e nem recebe apoio do Estado, e que funciona com uma sede autônoma e tem tiragens muito reduzidas, entre 300 e 500 cópias por cada livro. E vai atuando de forma muito experimental, acho que poderia dizer assim.
Entrevistadora: e qual a sua formação?
Mauro Brito: bom, eu estudei contabilidade e auditoria, e estou neste momento a cursar aviação, curso de piloto aviador. Então não tenho nenhuma função (formação) que tenha a ver com literatura.
Entrevistadora: o que seria para você a Ethale Publishing?
Mauro Brito: para mim, a Ethale já é uma família. E é um projeto muito ambicioso, é mais do que uma editora em si, é uma ação, e é um trabalho que de certa forma é um ativismo literário, porque é como se estivéssemos a sonhar um trabalho muito complicado em um país cheio de dificuldades, que não tem financiamento a nível do livro. Então é um trabalho de muita fantasia, posso dizer. Estamos ali com muita esperança e cheios de ilusões, mas é isso que, por outro lado, nos guia, que nos faz querer continuar a fazer este trabalho. Então é isso, a Ethale é um projeto de luta.
Entrevistadora: e você poderia falar um pouco sobre como surgiu a editora? Você sabe o que inspirou o Jessemusse Cacinda e o Alex Macbeth a abrirem a editora? Você sabe como foi esse processo?
Mauro Brito: sim, eu conheço o Jessemusse e o Alex já há algum tempo, e começaram a organizar uma série de eventos que eram um pequeno festival que chama-se "Fim do Caminho", na ilha de Moçambique, em Nampula. Era um festival de cinema, de literatura e de poesia, que trazia sempre escritores jovens para a província de Nampula, para pensarem, para discutirem, para verem cinema. E ao fim de alguns anos, devido a dificuldades financeiras para dar continuidade a esse festival que já havia semeado algumas sementes, então o Alex e o Jessemusse tiveram a ideia de organizar uma antologia de contos policiais, também olharam o mercado e viram que não havia muita aposta nesse gênero literário. E, em contrapartida, começaram a cada vez mais atuar e pensar em alguma forma de dar uma contribuição, e a ideia de criar uma editora porque houve uma recepção muito boa nessa antologia, e daí surgiu a iniciativa de criar a Ethale Publishing.

Entrevistadora: e onde funciona a casa editorial? Onde funciona a Ethale? Houve mudança de endereço? Em caso afirmativo, quantas vezes?
Mauro Brito: a Ethale mudou uma vez, e neste momento continua na cidade de Maputo, na Av. Vladimir Lenine, bairro da Coop. São nessas instalações que funciona a nossa livraria, e devido às condições financeiras, nós concentramos tanto a livraria quanto os escritórios no mesmo espaço. Então, muitas das vezes nós estamos a trabalhar a partir de casa, mesmo porque o espaço onde nós trabalhamos é muito pequeno e muito apertado, então não tem condições para que estejam todos os colegas. Então, geralmente, eu e outros colegas trabalhamos a partir de casa, e de vez em quando, quando há necessidade, nós vamos à loja.
Entrevistadora: quem fundou a casa editorial foi o Jessemusse Cacinda e Alex Macbeth, correto? E quando foi isso?
Mauro Brito: correto. Foi entre o final de 2015 e 2016, sendo que 2016 foi quando a Ethale passou a operar.
Entrevistadora: e qual teria sido o objetivo ao abrir a editora?
Mauro Brito: o objetivo era explorar outros gêneros literários, de dar voz a outros autores de outras regiões do país, e, também, de trazer outras narrativas de outros países africanos para Moçambique.
Entrevistadora: e como é o espeço físico da editora? Menor ou mais amplo?
Mauro Brito: bom, é um espaço menor, pequeno, um espaço de mais ou menos um quarto. São mais ou menos 8 m². É um espaço bastante pequeno.
Entrevistadora: Qual é o nº de funcionários da editora?
Mauro Brito: Somos 6 fixos e temos agora uma estagiária que nós recebemos ontem.
Entrevistadora: E como é a divisão de funções entre eles?
Mauro Brito: temos responsabilidades bem divididas, mas tentamos fazer com que todos, independentemente da atuação, faça também o trabalho dos outros. Então, por exemplo, o designer, que é o Larson, fazemos também rotação, e ele tem também feito o trabalho de vendas na loja. Temos a Yara, que é mais ou menos da comunicação e marketing que também está na loja de vez em quando a fazer vendas. O Júnior, que é das operações e finanças, que está também sempre na loja a fazer vendas. O Elias que é o nosso responsável pelas tecnologias também está na loja de vez em quando a fazer vendas. E eu também estou como editor, mas também de vez em quando faço vendas e ajudo os outros colegas nas suas tarefas. Então fora das tarefas que cada um faz, todos fazem um pouco de tudo.
Entrevistadora: e no caso, vocês não possuem outros não, não é? Apenas essa equipe, não é?
Mauro Brito: somos só nós. De vez em quando, quando temos, assim, demanda de trabalho, nós contratamos, por exemplo, um designer para poder fazer algum trabalho. É mais ocasionalmente.
Entrevistadora: e quais são os valores da Ethale Publishing?
Mauro Brito: bom, os nossos valores assentam-se na integridade, no respeito, na transparência. São mais ou menos esses os valores que nós temos.
Entrevistadora: a editora possui ideologia? Em caso afirmativo, qual seria?
Mauro Brito: nós estamos investindo em narrativas africanas, que desde a formação está no nosso adn. Tanto é que nós, para além de publicar livros de autores nacionais, nós fazemos também traduções. Nós já traduzimos 3 livros, de 3 autores africanos, então essa é a nossa filosofia. E sempre, também, com base na cultura e identidade dos povos locais.
Entrevistadora: e você saberia me informar qual seria o perfil do público leitor da editora?

Mauro Brito: o público leitor, acho, é mais jovem. São jovens, estudantes, professores também que são acadêmicos. Mas nosso público é sobretudo jovem, que está no ensino superior ou que está a sair do ensino superior. Acho que esse é mais ou menos o nosso público.
Entrevistadora: qual o porte da Ethale? Micro, pequena, média ou grande porte? Vocês aspiram mudar o porte da editora? Torná-la maior?
Mauro Brito: bom, é uma microeditora, tanto pelo espaço físico quanto pelo número de tiragens que nós fazemos. São bastante reduzidas, de 300 a 500 cópias. Pretendemos chegar a cada vez mais leitores, mas a nível de porte, não temos grandes planos para nos tornarmos uma grande editora. Acho que o trabalho que já estamos a fazer já é importante e nos orgulha. Também implicaria em um grande investimento que nós não temos capacidade no momento.
Entrevistadora: e quais as estratégias da editora para se manter no mercado editorial?
Mauro Brito: nós temos, para além de editar e publicar livros, prestado serviços mesmo na área editorial. Nós fazemos, por exemplo, traduções, do português para outras línguas nacionais, produzimos conteúdos, fazemos trabalho de relações públicas de comunicação para terceiros, serviços também de design, de livros, revistas, de brochuras. Também prestamos serviços de impressão. Na maior parte das vezes, estamos a editar livros nossos, mas também estamos a editar livros de clientes que vêm e querem nosso serviço. A nível da livraria também não temos vendido tanto, então as nossas receitas vêm, sobretudo, desses serviços que temos prestado. Alguém, por exemplo, o cliente aparece querendo o design do livro tanto e tem o dinheiro, quer imprimir e nós fazemos esse trabalho todo. Imprimimos, seja a brochura ou manual ou à revista.
Entrevistadora: como é a Ethale em relação ao capital? Ele é 100% moçambicano? A editora possui sócios? Precisa prestar contas a uma junta de acionistas?
Mauro Brito: são dois sócios como mencionei no início, o Jessemusse e o Alex, além deles não temos nenhum outro sócio ou acionista, então só a eles que temos que prestar contas. Então, o capital é do Alex e do Jessemusse, então é dividido pela metade, então o capital é nacional e estrangeiro.
Entrevistadora: vocês se consideram uma editora independente? Por que?
Mauro Brito: bom, é uma editora que nasceu das mãos de duas pessoas, não é? Ela não nasceu das mãos de nenhuma empresa. E as pessoas são quem fazem acontecer, não é? E têm as suas perspectivas e os seus ideais, e é isso que torna a editora diferente de outras editoras, como a Escola Portuguesa, ou a Caminho, a Andira, que têm outro editorial. E isso, né? Porque temos sempre o espaço de pensar por nós, de decidir por nós, sem termos que pedir opinião a terceiros ou termos que dependermos deles para fazermos os nossos projetos. Tudo é decidido a nível interno, por nós próprios e conforme os caminhos que queremos trilhar. Então nós nos consideramos uma editora independente.
Entrevistadora: em que vocês se basearam e se baseiam para compor o catálogo?
Mauro Brito: nós no baseamos, sobretudo, em conteúdos que trazem novas abordagens, que são pouco experimentalistas, e também conteúdos que sejam educativos. Nós temos publicado também muitos livros acadêmicos também, ensaios, livros sobre filosofia, livros de crônicas também, livros de opiniões. Então é nisso que nos baseamos. Temos publicado muito pouco, quase nada de poesia, por exemplo, nós temos publicados só um ou dois livros. Portanto, escolhemos livros que têm novas formas ou novos caminhos na literatura, que não têm sido explorados em Moçambique. Então é isso que nós pegamos e tentamos explorar e oferecer ao mercado. Ver se também conseguimos captar novos públicos.

Entrevistadora: a Ethale possui uma proposta cultural? Isto é, ela oferece um catálogo com bibliodiversidade? Ou o catálogo é voltado a uma proposta mais comercial, cujos livros tenham uma vendagem mais garantida?
Mauro Brito: nós temos apostado em propostas mais culturais que trazem sempre um acréscimo ao conhecimento, à educação. Temos apostado pouco, pois não é a nossa intenção, nós chamamos livros de vaidade, esses livros que são um pouco cosméticos. Nós temos apostado mesmo, porque está na nossa raiz, esse é o nosso adn, nós queremos contribuir para a literatura, para o gosto pelo livro. E acreditamos que seja possível mesmo apostando em catálogos não tão vendáveis.
Entrevistadora: e quais linhas editoriais orientam o catálogo da Ethale?
Mauro Brito: bom, temos trabalhado com muitos professores e acadêmicos, então temos publicado até agora muitos livros didáticos, que versam sobre metodologia de ensino, metodologia de estudo, que versam sobre a sociedade, análise social de pesquisa também, muitos filosóficos, porque também o Jessemusse é formado em filosofia e é muito ligado a esse universo também, então consegue atrair e destacar essas linhas editoriais.
Entrevistadora: e em relação aos gêneros, quais gêneros a Ethale publica?
Mauro Brito: nós temos publicado muitos ensaios, prosa também, romance, contos, mas sobretudo livros que versam sobre filosofia, livros de ensaios baseados na pesquisa, são gêneros que nós exploramos bastante.
Entrevistadora: quais os principais títulos e autores publicados pela Ethale? No sentido de títulos que trazem mais destaque para a editora.
Mauro Brito: bom, temos Elísio Macamo que é um sociólogo que está baseado na Suíça, em Basiléia, e é um dos estudiosos aclamado, e sempre que publicamos algum livro dele, é bastante solicitado. E temos também Severino Ngoenha, filósofo e também professor, tem vendido bastante. E também autores jovens que temos publicado e tem sido um sucesso. O primeiro livro publicado pela Ethale, a antologia "O hamburger que matou Jorge" também vendeu bastante. Temos o Albert Dalela que publicou um livro conosco, o romance "Gole de Lâminas" também vendeu bastante. Um livro também de poesia, um poeta famosos, Francisco Guita Júnior. São algumas vozes que têm vendido bastante.
Entrevistadora: a Ethale publica livros apenas em português ou publica em outras línguas? Em caso afirmativo, em quais línguas?
Mauro Brito: nós publicamos apenas em português.
Entrevistadora: a Ethale possui selos?
Mauro Brito: não, não possuímos selo.
Entrevistadora: como é realizada a divulgação do catálogo da editora? Como é realizada a distribuição dos livros? Em livrarias, pela internet ou outros meios? Assim, eu sei que vocês têm a livraria de vocês, mas elas passam por outras livrarias também? Ou a editora desenvolveu meios próprios de distribuir seus produtos? Em caso afirmativo, quais meios?
Mauro Brito: nós fazemos a divulgação do nosso catálogo, nós disponibilizamos e atualizamos sempre a informação. Temos também as redes sociais que temos usado para divulgar o nosso catálogo e, para além disso, desenvolvemos um aplicativo através do qual as pessoas podem adquirir os nossos livros, livros editados e publicados por nós, e tanto baixando e comprando os livros a preços reduzidos e tem o setor móvel também, e tem trazido resultados. Apostamos nessa plataforma também e tem nos trazido resultados satisfatórios. E nós fazemos a distribuição dos nossos livros por conta própria, pegamos os livros e contactamos as outras livrarias e vamos lá deixar os livros. E também fazemos a distribuição a nível das outras províncias.

Entrevistadora: você acredita que editoras independentes precisem da ajuda estatal ou elas seriam capazes de se manterem por conta própria? Vocês recebem alguma ajuda do Estado por meio de subsídios esporádicos ou constantes?
Mauro Brito: não, como expliquei no início, não recebemos apoio e nem financiamento de nenhuma instituição e nem do Estado. Mas acreditamos que existem algumas formas de auxiliar, esse mercado é bastante difícil. Por exemplo, um pouco como faz o Brasil, com subvenção ou subsídio do livro, para que o preço do livro nas livrarias e no mercado seja acessível, porque isso iria permitir, de certa forma, que as pessoas de baixa renda possam comprar e adquirir os livros. Ao preço que os livros andam, é bastante difícil para que mesmos aquelas pessoas que tenham baixa renda, mas que gostam de ler, possam comprar.
Entrevistadora: a editora organiza ações culturais? Em caso afirmativo, quais?
Mauro Brito: nós temos organizado algumas atividades. Por exemplo, temos organizado alguns debates, na altura da pandemia organizamos vários, sobre literatura, sobre a cultura, sobre a filosofia. E também temos organizado, desde o ano passado, uma iniciativa chamada Afrocuration, que é um espaço de reflexão e de debate. É uma iniciativa financiada pela fundação Moleskine, essa é uma fundação italiana que tem como objetivo criar conteúdos em língua emacua, que é a principal língua falada em Moçambique, sobre datas e figuras importantes para a construção e preservação da língua e da cultura. Então temos organizado estes eventos e um dos objetivos é que depois se consiga criar uma página do wikipedia em língua emacua e onde esses conteúdos possam estar disponíveis para quem quer que seja.
Entrevistadora: e a editora possui redes de sociabilidade?
Mauro Brito: sim, nós participamos da criação da Rede de Editoras Independentes de Moçambique e fazemos parte dela.
Entrevistadora: e você poderia me dizer como que surgiu essa iniciativa?
Mauro Brito: bom, essa iniciativa surgiu já a algum tempo através de outras editoras, só que acho que não teve muita abertura e não vingou. E depois, no ano passado, eu estava em conversa com um dos fundadores de uma editora da cidade da Beira, Fundza, e ele voltou a colocar essa sugestão da Rede de Editoras Independentes, e eu achei a ideia interessante. E pronto, voltamos a contactar as outras editoras, como a Kulera, a Cavalo do Mar, Índico, Kuvaninga. E uma das coisas que me fez aderir à ideia foi porque senti que havia a necessidade de nos unirmos para conseguirmos fazer mais e para chegarmos a outros leitores, porque, individualmente, com a capacidade que cada uma tem, não conseguimos chegar longe. Então, em grupo, se cada um conseguir, por exemplo, participar de algum concurso para compra de livros para algumas organizações, que a nível individual seria um pouco difícil. E muitas vezes também para podermos partilhar experiências entre nós, porque às vezes uma editora pode estar a enfrentar alguma dificuldade ou estar bloqueada sobre determinado aspecto, e a outra editora que já passou por aquilo pode transmitir o conhecimento e a dificuldade ser ultrapassada com muito mais facilidade.
Entrevistadora: bom, eram essas as perguntas, encerramos aqui então. E agradeço muito pela sua boa vontade e disponibilidade em disponibilizar esse tempo para termos essa entrevista, Mauro.
Mauro Brito: foi um prazer. E qualquer coisa pode entrar em contato.

ENTREVISTA COM ALEX DAU – OLEBA EDITORES

Entrevistadora: você poderia falar um pouco, de forma geral, sobre a sua trajetória como editor?
Alex Dau: o ser editor foi uma consequência de eu ser escritor, foi consequência de uma ação. O fato de eu ser escritor fez com que eu me tornasse editor, isto porque as editoras que nós tínhamos em Moçambique à altura, por exemplo, não conseguiam responder à demanda que havia de muita gente nova querer editar. Então assim, por exemplo, eu não encontrava uma base boa em algumas editoras, ou melhor, as poucas editoras que existiam para eu editar o meu próprio livro como escritor. Então foi isso o que fez eu me tornar editor, a falta de uma editora que respondesse à necessidade do mercado editorial moçambicano.
Entrevistadora: Alex, o que seria independente para você?
Alex Dau: para mim, ser independente é eu sair, digamos, desta matriz tradicional de edição do livro. Tipo, as grandes editoras seguem um modelo de dição do livro, não é? Tipo assim, elas não escolhem ou optam por apostar em um autor que não tenha muita visibilidade no mercado, não é? Então, eu não olhava a edição como um elemento de negócio, mas como uma ferramenta para eu poder abrir caminhos para eu editar o meu próprio livro. Então, sair desse modelo tradicional das editoras, eu considero isso como a independência como editor e como editora, porque as grandes editoras têm pré-requisitos, se um indivíduo não vende, elas optam por não editar esse autor. Então eu saí dessa linha, eu não escolho editar, por exemplo, pessoas ou autores que tenham nome, porque a literatura moçambicana ainda está na fase embrionária, precisa muito do apoio das editoras. Então eu não olhei a editora como um modelo de negócio, mas como uma ferramenta para me ajudar e ajudar os outros autores que precisam de espaço para editar seus livros. Então eu olho independente nessa linha, saindo dessa base editorial das grandes editoras moçambicanas.
Entrevistadora: e qual seria a sua formação? Você fez algum curso para ser editor ou aprendeu na prática?
Alex Dau posso me considerar um editor autodidata. Não fiz nenhum curso, eu fui aprendendo trabalhando, né? Eu fui crescendo, enfrentando desafios, e foi assim que eu aprendi. Olha, praticamente eu coordeno a edição, sou o coordenador. Mas eu tenho os colaboradores que trabalham comigo para que o livro fique pronto. Tem a parte da diagramação, a parte da revisão, toda essa parte artística, não é? Então, eu coordeno essas atividades todas. Mas eu tive que aprender ao longo do tempo, a perceber algumas coisas, porque o mercado moçambicano, nessa parte de gráfica, é um mercado ainda muito difícil, porque as coisas ainda são caras, e eu trabalhei durante muito tempo com gráficas sul-africanas, é um país vizinho aqui de Moçambique.
Entrevistadora: agora enquanto você pensa na sua editora, você considera que a editora se centra na sua pessoa e o resto são apenas colaboradores? Ou seja, que você possa trocar, hoje é um e amanhã é outro. Mas fixo você consideraria apenas você?
Alex Dau: exatamente. É isto mesmo.
Entrevistadora: como você definiria a sua editora?
Alex Dau: eu definiria a minha editora como uma instituição nova no campo editorial moçambicano, que quer trazer respostas aos novos autores que estão surgindo no mercado. Nós tivemos que reinventar muitas ferramentas para poder estar no mercado editorial moçambicano, principalmente para responder aquele autor desfavorecido, principalmente porque eu também me considerei durante um tempo um autor desfavorecido. Eu definiria a Oleba, a editora, como uma instituição que procura se reinventar para enfrentar os desafios do mercado. Nós estamos em um mercado em

constante transformação, a coisa do livro, o livro em Moçambique, eu estou falando do livro literário, ele ainda é uma coisa muito nova, não temos um mercado, assim, muito grande. O mercado está concentrado na capital de Moçambique que é Maputo, nas cidades mais pequenas ainda não temos muito mercado, ainda não há muita absorção do livro. O mercado do livro em Moçambique ainda não é estável.
Entrevistadora: e como fica a questão da língua? Vocês publicam apenas em português ou publicam em outras línguas?
Alex Dau: olha, esse é um grande desafio para o governo de Moçambique. Em Moçambique, nós temos muitas línguas nacionais, mas não existe uma capacidade logística para traduzir os livros todos do português para as línguas nacionais. Então para tornar sustentável o livro em Moçambique, ainda temos que optar pela língua portuguesa. Existe um e outro autor que, por exemplo, prefere que seu livro seja bilíngue em português e mais uma língua nacional, mas são casos muito raros e, só para ver, isso encarece mais o próprio livro. Se o livro tinha um valor x, se o tornar bilíngue, por exemplo, o livro se torna mais caro. Então a opção é mesmo em português.
Entrevistadora: e onde que funciona a casa editorial? Houve alteração de endereço?
Alex Dau: a Oleba funcionava em um lugar e agora nós mudamos. Estamos sempre a procurar um lugar que possamos suportar em termos econômicos.
Entrevistadora: quem fundou a casa editorial? Quando? Com que objetivos?
Alex Dau: A Oleba foi fundada por mim em 2015 para que eu pudesse me autopublicar. Mas à medida em que eu fui publicando o meu próprio trabalho, os outros viram a qualidade que nós imprimíamos dos livros que fazíamos e eles nos procuraram. Foram esses outros autores desconhecidos que procuravam uma editora nova, porque eles também eram novos. Foi isso que fez a Oleba crescer.
Entrevistadora: como é o espaço físico da editora? Menor ou mais amplo? Qual é o nº de funcionários da editora? E como é a divisão de funções entre eles?
Alex Dau: É uma sala simples, um espaço físico pequeno. A Oleba sou eu, como a pessoa que coordena, mas nós temos muitos colaboradores em todo lugar. Esses colaboradores trabalham nos seus lugares. Eles enviam para nós e nós enviamos para a gráfica e assim afora. O trabalho editorial na Oleba começa comigo recebendo o material deste potencial escritor ou autor, fazer uma avaliação depois de eu apresentar uma cotação. Aí, quando o autor-cliente aprova a cotação, ele manda o material para nós. Eu recebo o material e trabalho com um diagramador, a gente diz aqui um designer, um designer gráfico para ele fazer um layout ou a diagramação do miolo e depois eu trabalho. Acabo entrando na parte técnica, por exemplo, no que diz respeito à concepção de capas. Então apresento uma proposta de capa para o autor, ele aprova e depois de todo o trabalho gráfico aprovado pelo autor, nós avançamos para a impressão de uma prova e a dividimos com o autor. Muitas das vezes, o autor mora fora de Maputo, então temos que mandar uma das provas para ele. Temos todo esse processo técnico de diagramador, revisor, depois é que vai para a gráfica. Mas antes temos os registros que a gente faz aqui em Moçambique, tem o registro legal que acredito que seja igual no Brasil, tem o ISBN que nós adquirimos a partir de Portugal. Moçambique ainda não tem autonomia para o ISBN, então a editora está gestada em uma plataforma em Portugal onde nós solicitamos o ISBN, aí nós seguimos toda essa burocracia legal para o livro chegar ao mercado.
Entrevistadora: quais são os valores da Oleba enquanto casa editorial?
Alex Dau: um dos grandes valores é a confiança que nós conseguimos dos nossos autores e qualidade. São esses dois valores que fizeram com que a Oleba chegasse aonde chegou. Muita gente procura por nós por causa de confiança, para ter um trabalho de qualidade. Essa confiança entre nós e os autores, do trabalho que a gente faz, esse é um grande valor da Oleba.

Entrevistadora: a editora possui ideologia? Em caso afirmativo, qual seria?
Alex Dau: eu acho que a ideologia foi se criando à medida em que nós fomos trabalhando, e é apostar nos jovens autores moçambicanos que não têm muitos recursos, porque muitos autores que publicam pela Oleba, eles muitas vezes investem seu próprio dinheiro para fazer a edição do livro. Então poderia se chamar a ideologia da Oleba em apostar muito em autores novos que não tinham oportunidade em outras editoras para editarem. Então essa seria a nossa ideologia e a maioria dos escritores que publicaram por nós são escritores que não residem em Maputo, eles residem em outras cidades de Moçambique que não têm tanto poder financeiro quanto se tem em Maputo. Então, jovens de outras cidades escolheram a Oleba e nós trabalhamos com eles e trabalhamos muito bem. Deixamos uma marca naquilo que nós fizemos.
Entrevistadora: qual é o perfil do público leitor da editora?
Alex Dau: olha, eu não poderia ir muito por aí para definir o perfil do público leitor da Oleba, porque poderia dizer o perfil de autores da Oleba, talvez. Poderíamos através do perfil dos autores ou escritores, nós podemos talvez chegar aos leitores, porque nós optamos basicamente pela edição de livros literários, de poesia, de crônica, de conto. Publicamos uma vez ou outra um livro técnico, mas é um caso muito raro. De uma maneira geral, são livros literários. O perfil, como consequência, da edição dos livros que nós fazemos dos autores que aparecem para a Oleba, por eles escolherem poesia e prosa, é o gênero literário.
Entrevistadora: a Oleba publica apenas autores moçambicanos ou inclui outras nacionalidades?
Alex Dau: a maioria das pessoas que apareciam para publicar pela Oleba eram pessoas que nunca antes publicaram, então nós tomamos isso como base. Nós não procuramos, foi algo que aconteceu, esse público que nunca publicou antes, veio e publicou com a gente. Então nós não procuramos autores com base se eles já publicaram ou não, nós vimos com base na leitora que fizemos dos trabalhos que a maioria nunca havia publicado, e eles eram jovens autores. E a maioria de autores que também publicou por nós, como eu disse no princípio, são pessoas que não residem em Maputo, então é por aí. Olha, nunca ocorreu de um autor estrangeiro procurar a Oleba para publicar os livros dele, mas também se você olhar para o mercado livreiro moçambicano, o consumidor moçambicano, por exemplo, nós vemos que os autores estrangeiros, eles têm os livros deles aqui nas livrarias, mas são livros que foram impressos ou editados fora. Não acontece muito, uma ou outra editora moçambicana que abre espaço para publicar autores estrangeiros aqui a parte de Moçambique, mas é um caso muito raro.
Entrevistadora: qual o tamanho da Oleba? Micro, pequena, média ou grande porte? Você aspira mudar o porte da editora? Torná-la maior?
Alex Dau: Bom, a Oleba seria uma microeditora, não é? Eu sou o único funcionário fixo da Oleba. Assim, tem muito a ver com o mercado, porque no princípio quando nós criamos a editora nós não olhávamos muito para a vertente comercial. Nós estávamos mesmo a olhar para a vertente do autor que queria publicar, mas não tinha muitos recursos. Então a editora não tinha ganhos com o pau, não tínhamos lucro, então não vinha o lucro, porque como você sabe, eu também sou autor e via e percebia os desafios que os novos autores enfrentavam, então nós viemos para colmatar esse problema. Mas se o mercado moçambicano realmente criar condições para haver muito mais consumo da literatura moçambicana, aí sim a Oleba pode transitar para uma outra fase, se tornando uma editora mais comercial, aí talvez eu vá deixar de ser independente. Aí é se tornar comum, como as outras grandes editoras, mas por enquanto ainda não. O mercado moçambicano ainda não está preparado para absorver essas editoras que vêm surgindo. Em Moçambique, por exemplo, dificilmente serão vendidos 1000 exemplares de um

título. A Oleba sempre trabalhou com pequenas tiragens, 200, 300, 500 no máximo, porque esse autor vai levar anos e anos para vender 1000 tiragens. Ainda não temos um mercado que absorva grandes tiragens, então acho que é por aí, sem contar um mercado que se eu fizer 1000 tiragens, será absorvido em 6 meses, aí já justifica, se torna uma coisa comercial, um negócio rentável, etc, senão não.

Entrevistadora: quais são as estratégias da Oleba para se manter no mercado editorial?

Alex Dau: bem, nós não temos uma estratégia definida, nós trabalhamos de acordo com a demanda que surge no mercado, e essa procura é consequência de trabalhos anteriores que nós fizemos. Eu não tenho uma estratégia comercial para vender, em que eu quero ir à procura, eu quero vender, buscar clientes, etc. Houve uma fase em que nós procuramos realmente divulgar muito a Oleba a nível de comunicação, divulgação em plataforma de redes sociais, facebook, websites, mas na altura em que nós fizemos isso não eram muitos que, por exemplo, tinham acesso a essas plataformas, então nós não atingíamos o alvo que nós queríamos. Então eu posso dizer que a nossa estratégia vai ser continuar a publicar com qualidade, e dando essa confiança para as pessoas que trabalham conosco para elas irem disseminar o trabalho que nós fizemos. Eu acho que falando assim, nós não tomamos isso como um plano estratégico, isso é como vamos trabalhar. Mas nós estamos abertos se, por exemplo, algum brasileiro vier para Moçambique e quiser investir na área de edição do livro, nós estamos abertos para cooperar e para irmos para outros patamares, não é? Mas antes temos que avaliar o mercado, nós não podemos investir em um negócio antes de fazermos um estudo desse negócio, não é? A Oleba vai vivendo, ela está focada naquelas pessoas que a procuram.

Entrevistadora: como é a sua editora em relação ao capital? Ele é 100% moçambicano? Você possui sócios e/ou precisa prestar contas a uma junta de acionistas?

Alex Dau: o capital é 100% moçambicano, como a Oleba foi criada por mim, não preciso prestar contas a ninguém.

Entrevistadora: Entrevistadora: Alex, o que torna a Oleba uma editora independente?

Alex Dau: assim, eu me considero independente porque eu saio do padrão tradicional das outras grandes editoras moçambicanas, que para elas editar um autor esse autor precisa ter um nome no mercado, esse autor precisa ser comercializável, esse autor é negócio, não é? Tipo, eu edito o livro desse autor, como editor eu vendo o livro dele e ganho muito dinheiro. E nós não optamos por isso, porque nós escolhemos e trabalhamos com autores desconhecidos e depois nós fazemos também muitas poucas tiragens. A tiragem é muito reduzida porque esse autor não tem capital para investir numa tiragem muito grande

Entrevistadora: em que você se baseou e se baseia para compor o catálogo?

Alex Dau: nós nos focamos mais no gênero literário, mas isso não quer dizer que não estejamos abertos a publicar outros gêneros, mas a grande maioria dos livros que nós publicamos são livros literários, com foco mais para poesia, para prosa, e um outro livro, pode ser acadêmico. E outra coisa são pessoas que investem seu próprio dinheiro na edição do livro. Então tem esses dois elementos, livros literários e pessoas que não querem fazer uma grande tiragem do livro, não tem recursos suficientes e, também, porque o mercado não suporta grandes tiragens, então tiramos 200, 300 tiragens porque esse cliente não tem condições de fazer uma tiragem maior, esse é um caso específico desse autor. E outro caso é que o mercado não absorve uma tiragem muito grande. Então o nosso catálogo está diretamente ligado à literatura.

Entrevistadora: e a editora possui uma proposta cultural? Isto é, oferece um catálogo com bibliodiversidade? Ou o catálogo é voltado a uma proposta mais comercial, cujos livros tenham vendagem mais garantida?

Alex Dau: a Oleba possui uma proposta mais cultural na medida em que oferece seu espaço aos que não tinham onde publicar, e isso sem levar em conta se o autor é vendável ou não.
Entrevistadora: quais linhas editoriais orientam o catálogo da Oleba?
Alex Dau: estamos mais focados para livros literários, prosa, poesia, nós não interferimos muito nas temáticas abordadas nos nossos livros. Nós não queremos mudar aquilo que foi a construção intelectual de um livro, se um livro tem um projeto, como um livro de poesia, a gente lê, a gente vê se ele tem as condições mínimas de ser editado, então a gente edita e publica. Surge muita gente a editar em prosa e poesia, então posso dizer que a minha linha editorial é em literatura, são livros literários, mais voltados a poesia e prosa.
Entrevistadora: quais gêneros literários a casa publica?
Alex Dau: bom, acho que já respondi, publicamos prosa e poesia.
Entrevistadora: quais os principais títulos e autores publicados pela Oleba?
Alex Dau: bom, os autores da Oleba não são famosos, são mais desconhecidos, então não há obras nem autores que tenham mais destaque.
Entrevistadora: a Oleba possui selos?
Alex Dau: não, a Oleba não possui selos. Nós somos uma editora independente e uma pequena editora, então não acho que seria algo viável, pois poderíamos passar meses sem editar aquele gênero, então não temos selos.
Entrevistadora: como é realizada a divulgação do catálogo da editora? Como e realizada a distribuição dos livros? Em livrarias, pela internet ou por outros meios? Ou a editora desenvolveu meus próprios de distribuir seus produtos? Quais?
Alex Dau: bom, o acesso à internet em Moçambique não é tão grande quanto no Brasil, então nem todo mundo tem acesso à internet, é isso que temos que tomar como base. Escolher as redes sociais como meio de divulgação do catálogo da editora às vezes não funciona muito. O que funciona muito, na minha maneira de ver, é criar uma interação, o contato direto com o público leitor, então, felizmente, esses autores que vieram publicar pela Oleba, elas fizeram isso, quando tiveram o livro editado, trataram de fazer lançamentos, fazer eventos culturais, então envolveram um contato direto com o público. Hoje sim, alguns centros urbanos têm pessoas que já têm acesso à internet, mas ainda não é uma ferramenta viável a internet ou as redes sociais para nós divulgarmos o nosso trabalho. Aqui em Moçambique nós ainda temos ainda que ir a esse terreno, temos que ter esse contato direto, porque estamos em uma fase de crescimento, de amadurecimento. Olha, pode até haver uma cobertura de internet para todo o país, mas mesmo assim nem todos têm acesso aos dispositivos que vão lhe facilitar o contato com a internet. Bom, a nossa distribuição de livros é realizada em livrarias, e por falar em livrarias, nós temos muito poucas livrarias, as livrarias estão todas centradas em Maputo. Não devemos passar de 30 livrarias, está abaixo disto, muito abaixo, estimo que esteja entre 20 e 25 livrarias em toda Moçambique. A maioria das livrarias se concentram em Maputo que é o maior centro urbano, e nas outras capitais provinciais, não temos praticamente livrarias. Então o que a gente faz é levar os nossos livros às livrarias que temos em Maputo e o livro chega ao leitor, esta é uma maneira. Outra maneira que temos é incentivar os nossos autores a fazerem lançamentos, ou melhor, o próprio autor tem a necessidade de fazer os lançamentos de seu livro para ele expor, para ele vender. E esse é um dos melhores momentos que o autor tem de vender o seu livro e de se fazer conhecer, é o dia de lançamento do seu livro, então esse continua a ser um ritual muito importante na literatura, nesta coisa de edição do livro é o lançamento.
Entrevistadora: Alex, você acredita que editoras independentes precisem de ajuda estatal ou elas seriam capazes de se manterem por conta própria? A Oleba recebe alguma ajuda do Estado por meio de subsídios esporádicos ou constantes?

Alex Dau: eu acredito que precise da ajuda estatal sim, porque queremos levar o livro para todos, e como eu disse, os poucos autores quando eles investem no seu livro, eles não conseguem fazer tiragens grandes, as tiragens são reduzidas, né? Então esse apoio do governo seria bem-vindo no sentido de que poderia ajudar os próprios autores que querem editar livros, mas eles não têm muitos recursos, poderia aumentar o nº de tiragens e também poderia se criar um mercado para a absorção desse livro editado, pois ainda não temos um mercado bom para absorção. O próprio Estado que poderia ser o que iria absorver os livros editados pelas editoras, mas ainda não temos isto, não é? Temos muitas poucas bibliotecas, temos muitas escolas, mas essas escolas não têm bibliotecas. As escolas são em grande parte estatais. Se o Estado começasse por si só a comprar os livros feitos pelas editoras independentes, essa já seria uma grande ajuda, só de comprar, não fazer um investimento direto assim em dinheiro, etc, mas só comprar os livros editados pelas editoras moçambicanas, essa já seria uma grande força para ajudar no mundo editorial de Moçambique. E não, nós nunca recebemos nenhuma ajuda por parte do Estado.

Entrevistadora: a editora organiza ações culturais: Em caso afirmativo, quais?

Alex Dau: nós já realizamos duas grandes atividades culturais no passado, atualmente não estamos a fazer nenhuma outra. Em 2020 nós paramos por causa da COVID-19 e não retomamos. Nós fizemos primeiro um sarau chamado AfroArte que era um evento cultural, com declamação de poesia, música, dança, todas as disciplinas artísticas nós colocávamos em um espaço cultural e nós interagíamos com o público. Essa atividade começou quase ao mesmo tempo que a Oleba foi criada, então ela durou mais ou menos uns 3 anos, paramos, e depois retomamos em 2019. Em 2020 nós fizemos o Café com Letras que era um evento literários em que convidávamos um escritor, ele fazia uma interação direta com o leitor e depois tínhamos um fundo musical, e depois tínhamos uma sessão de venda de livros a preços bonificados, sessão de autógrafos, então essa foi a última atividade que nós fizemos e deu para medir e perceber que havia interesse tanto do leitor quanto do escritor de eles estarem em um mesmo lugar para interagir.

Entrevistadora: a editora possui redes de sociabilidade, coletivos que atuam em outras vertentes como palestras, seminários, simpósios ou eventos similares com temáticas relacionadas às obras publicadas?

Alex Dau: olha, o que nós temos é basicamente esses dois eventos mesmo. O Café com Letras era mais para ter uma relação direta entre o leitor e o autor, uma conversa entre os dois em que o leitor queria ouvir esse escritor, conhecer melhor a experiência dele, comprar o livro dele a um preço reduzido, e ter o autógrafo desse escritor. Enquanto o AfroArte nós nos envolvíamos com disposições artísticas.

ENTREVISTA COM EMÍLIO COSSA – EDITOR DA KULERA

Entrevistadora: eu queria aproveitar e pedir para você falar um pouco sobre aspectos gerais da sua trajetória enquanto editor.
Emílio Cossa: ok, bom, eu vou resumir mais ou menos o que sucedeu. Até 2019, que foi o ano que a editora foi fundada, eu era professor de física e de matemática. Eu sou formado em oceanografia pela UEM (Universidade Eduardo Mondlane). Eu me formei em oceanografia, mas não cheguei a praticar e, por causa de disciplinas de cadeira de tronco comum (disciplinas básicas comuns a vários cursos), acabei fazendo um curso de psicopedagogia, não é? E me tornei... (a entrevista precisou ser interrompida rapidamente para que Emílio pudesse resolver uma questão em seu local de trabalho).
Emílio Cossa: onde paramos?
Entrevistadora: olha, Emílio, se você precisar interromper e/ou se ausentar por quaisquer motivos, não tem problema, tá? Isso aqui é um bate-papo, eu entendo se você precisar sair ou se ausentar.
Emílio Cossa: conheces a cidade de Maputo?
Entrevistadora: ah, eu sei que é a capital, mas eu ainda não tive o prazer de visitar, de colocar os pés em Moçambique. Mas é algo que eu pretendo ainda remediar um dia.

Emílio de desloca de sua cadeira em direção à janela e mostra a vista da cidade.

Emílio Cossa: isto é para você ter uma pequena ideia de como é o lado de fora. (...) esta é a Av. Vinte Cinco de Setembro, uma das principais avenidas da cidade de Maputo. Eu sou funcionário público, então trabalho entre às 07h30 e às 15h30. Depois disso aí vou à escola e estou fazendo curso de jornalismo agora. O trabalho na editora, eu faço entre o trabalho e a escola e, também, depois de voltar da escola para casa, e também aos finais de semana. Então é basicamente isso. Então recomeçando, eu era professor de física antes de passar, este era outro ministério. Eu era do ministério da educação e do desenvolvimento humano, como professor de física, e agora passei para o ministério da indústria e comércio, sou inspetor de atividades econômicas. E o trabalho de editor é um *hobbie* por assim dizer. É um passatempo.
Entrevistadora: então é algo que você faz por amor.
Emílio Cossa: exatamente, e é algo com o que me identifico por assim dizer, porque essa coisa de saúde pública, política são coisas chatas mesmo. Em meio aos livros eu já me sinto mais à vontade. Então, o meu percurso como editor, eu era professor de física, matemática e ciências naturais como eu já vinha dizendo, no ensino primário que se chama fundamental, e no ensino secundário. Matemática no ensino fundamental e física no ensino secundário, que vai do 8º ao 10º ano de escolaridade. Então, nesse período eu escrevi um livro que é histórias do hip hop em Moçambique.

Emílio pede para esperar um pouco e em seguida volta com alguns de seus livros à mão. O 1º deles é "Ritmo, Alma e Poesia: A História e as Estórias do Hip Hop em Moçambique", livro de sua autoria e publicado pela TPC Editora.

Emílio Cossa: eu escrevi esse livro e conta mais ou menos o percurso histórico da cultura hip hop aqui em Moçambique. Desde a entrada nos anos 1980 até 2019 que foi o ano que eu fechei a pesquisa. Então, as editoras moçambicanas, não existia quase nenhuma editora independente. Tem a Cavalo do Mar e Indigo Editores. O que acontece é que muito do que se publica nas nossas editoras é prosa e poesia fundamentalmente, e os livros escolares. O ensaio não é muito levado em conta aqui. Então escrevi o livro, o submeti a

muitas editoras e praticamente só uma se dispôs a me responder, e tipo marcar uma entrevista, ver quais eram as minhas ideias, o que eu pretendia, etc, etc. Mas as outras responderam assim tipo por e-mail, disseram que o livro não se enquadrava na linha editorial. A editora que me chamou se chama Alcance, e eles disseram que já tinham um plano de edição de livros por 1 ano, então eu teria que esperar 1 ano, caso contrário eu teria que conseguir eu próprio um financiamento, não é? Para conseguir a publicação do livro. E foi aí que eu percebi que o livro seria dificilmente publicado, e então decidi fazer uma publicação independente. Então o livro foi publicado de forma independente, portanto o livro seria publicado sem editora. Só que eu fui ler sobre edição independente, só que havia vantagens e também desvantagens, não é? A vantagem é que eu poderia publicar o livro sem prestar contas a ninguém, não é? A desvantagem é que um livro que sai sem editora, por assim dizer, não passa por censura, então a sua qualidade é questionável. Censura no sentido de revisão e outras coisas, e não no sentido literal de ser de excluir algum conteúdo. Então decidi que seria melhor eu mesmo constituir uma editora e essa editora seria basicamente para publicar o meu livro e depois fechar. Uma ideia um pouco maluca, não? Então eu publiquei o livro, aliás eu não publiquei o livro, criei a editora, segui os trâmites legais que o Estado moçambicano exige até a editora ser constituída. Quando já tinha a editora constituída, eu fui à procura de uma gráfica, não é? E era para pedir a cotação, é, para saber mais ou menos quanto eu teria que desembolsar para a publicação de pelo menos 100 exemplares. Uma das gráficas que eu procurei foi a TPC, estava naquele preciso momento a se transformar ou a abrir um serviço de edição de livros, e eles pediram para eu enviar o original, eles leram, não é? E um dos editores que era responsável pela publicação de livros acadêmicos e outro gênero gostou da minha proposta, convidou-me para uma reunião e propôs que fossem eles a publicar o livro. Então o livro acabou saindo por essa editora chamada TPC – Tipografia Prelo Clássico. Era mesmo uma tipografia e depois eles acrescentaram o serviço de edição, e ficou então TPC Editora. Então, tendo sido publicado pela TPC, a nossa editora que é a Kulera ficou sem clientes, não é? Por assim dizer, sem autor, porque eu era o único autor da editora. Então, para o sonho não poder morrer, publicizei a editora junto a alguns amigos e alguns conhecidos que já iam publicando textos, não é, de forma mais ou menos regular na área de sociais. Então propus que fizéssemos uma espécie de cooperativa editorial, como que iria funcionar. Ah, eu ia juntar um grupo de autores, por exemplo 5 autores, não é, então íamos contribuir de todos os meses até sair o livro de cada um desses autores, não é, e ao final do ano teríamos mais ou menos 6 livros publicados, Só que parece que nós aqui em Moçambique somos muito bons em escrever, mas esperamos é que os outros editem os nossos projetos e que, portanto, sejam os outros a financiar os nossos projetos. Então a ideia da cooperativa não deu por causa disso. Então o que fizemos foi abrir uma chamada para publicação gratuita de livros, só que por ser um..., o custo de impressão seria muito elevado, então optamos por publicar e-books, não é, então nesse caso nós como editora íamos publicar mais que uma edição, capa, revisão, não é. E os autores tinham simplesmente que submeter seus originais e tinham de ser de até 50 páginas. Então publicamos a chamada, penso eu no começo de 2020, não é, penso que na coleção Preâmbulo isso está escrito em algum lugar da sua entrevista. Então passamos a publicar livros digitais, são esses livros digitais que uns, por causa do nº de downloads, depois acabamos fazendo pré-venda de livros físicos e com o valor dos livros dessa pré-venda imprimimos alguns exemplares. Imprimíamos primeiro 50 exemplares, não é, e à medida que esses exemplares iam esgotando, nós encomendávamos mais 50 exemplares até portanto os pedidos acabassem, por assim dizer. Então o mínimo acabou sendo 100 exemplares, por aí, no máximo 300 exemplares. E à medida em que nós fazemos esse trabalho vimos sendo conhecidos, não é, tanto pelos autores quanto pelos leitores, e assim

como nós nos estabelecemos como editora e passamos a ser procurados tanto por pessoa aqui em Moçambique como por pessoas de fora para fazer a publicação de livros, e por isso estamos aqui, não é? E tenho aqui alguns exemplares para você ver a diversidade.

Emílio pega um exemplar do "Livro Desalmado", de Rito Nobre e disse que o livro de poesia foi um dos primeiros livros da editora, tendo sido publicado postumamente.

Entrevistadora: a editora publica livros de diferentes nacionalidades, correto?
Emílio Cossa: sim, sim.
Entrevistadora: é porque eu estava pesquisando e pelo menos em relação às coletâneas de poesia, eu não consegui descobrir a nacionalidade dos autores. Em relação ao "Construtores de Palavras", eu vi que os autores fazem parte do Clube do Livro da Beira, correto?
Emílio Cossa: exato. No "Construtores de Palavras", nós assinamos um memorando de entendimento entre a editora e o Clube do Livro da Beira. A Beira é a cidade capital da província de Sofala, que fica no centro de Moçambique. Então, é constituído maioritariamente por autores naturais e residentes da cidade da Beira e na província de Sofala, mas também fazem parte do Clube alguns autores que estão em outras províncias de Moçambique. Então são todos moçambicanos basicamente.
Emílio Cossa: temos aqui um livro, não tenho o exemplar físico, foi publicado em formato digital de uma autora chamada Glória Vilbro. Ela é portuguesa, mas com origens de Moçambique. O que acontece é que Moçambique ficou independente em 1975 e todos os que nasciam em Moçambique até 1975 tinham nacionalidade portuguesa. Então os descendentes de portugueses de fato, muitos deles brancos e mulatos, foram forçados pela política a abandonarem Moçambique e voltarem a Portugal, e os que ficaram tiveram de mudar de nacionalidade ou adquirir nacionalidade moçambicana. Por causa dessa autora, Glória Vilbro, ela foi embora com os pais ainda muito pequena, em 1975 foi para Portugal e ela adotou ou manteve a nacionalidade portuguesa. Então ela é portuguesa nesses termos, ela reside lá, praticamente perdeu a ligação com Moçambique desde 1975 e só voltou a estabelecer essa ligação quando ela publicou o livro. Depois de um tempo ela veio para cá fazer um lançamento físico, mas acabou não dando por vários motivos, dentre os quais a pandemia. Depois temos um livro de poesia, poesia em verso e prosa poética, acho que está disponível ainda na internet, chama-se "Duquesa", de Glória Vilbro. O outro autor estrangeiro, angolano, chama-se Joel Caetano e ele publicou um livro de poesia em co-autoria com um autor moçambicano chamado Jeconias Mocumbe e chama-se "Espiritualidade Poética". E depois temos o Henk Tukker, dos Países Baixos, ele publicou no ano passado um livro de receitas chamado "Cozinhar em Moçambique: Receitas da Pérola do Índico e do Mundo" junto com a moçambicana Cristina Machava. Temos este livro "A Caneta do Balcão 1", do Zaiby Manasse, esta é a 2ª edição e foi o nosso primeiro livro publicado em formato físico. O autor é um médico e já publicou dois livros conosco, e os dois foram reeditados porque foram muito vendidos, esgotaram, as pessoas continuaram a procurar então tivemos de reeditar. Esse foi basicamente meu percurso como editor.
Entrevistadora: Emílio, o que seria independente para você?
Emílio Cossa: independente, no sentido literal, é fazer aquilo que nos apetece. A partir do momento que nos associamos a outras entidades, sobretudo se essas entidades estiverem em maior poderio econômico em relação a nós, eles passam a ditar regras. Temos que sentar em um conselho e aprovarmos o que eles concordam que tenha que ser publicado. Nós somos editores, mas ao mesmo tempo nós somos todos escritores e muitas vezes nós nos entendemos uns aos outros. Há um livro que na perspectiva de uma pessoa

que está fora da literatura, quer dizer, pode não ser viável para ser publicado e, portanto, se ficamos dependentes das decisões dos outros, muitos livros deixarão de ser publicados. Nós somos independentes porque nós gostamos daquilo que recebemos e achamos que pode ser publicado, mas é claro que também precisa passar por uma triagem para ver se tem potencial para ser publicado no mercado. Somos independentes porque publicamos aquilo que nos apetece publicar, quando e como nós quisermos publicar, ser independente é mais ou menos isso.
Entrevistadora: qual a formação dos editores? Vocês fizeram algum curso para ajudá-lo na função de editor?
Emílio Cossa: boa parte dos nossos editores são também nossos leitores e autores, foram sendo recrutados à medida que foram entrando para a editora para publicar os seus livros. E são formados em linguística, literatura, psicologia, temos um autor que é formado em sociologia, em antropologia, que cuida, portanto, de livros acadêmicos, muitos deles gerados para a área de ciências sociais. E eu que sou formado em jornalismo, fiz um curso de formação profissional em jornalismo, um curso formal mesmo, um curso superior. Então são mesmo essas as áreas de saber de muitos dos nossos editores.
Entrevistadora: o que é a Kulera? Como você a definiria?
Emílio Cossa: a Kulera é uma pequena editora ou editora independente, que é especializada na publicação de autores moçambicanos, mas também autores de outras nacionalidades, sem uma linha editorial rígida, se achamos que dá para publicar. São livros infanto-juvenis, ensaios, romances, livros de contos, poesia, crônicas e livros didáticos, e é basicamente isso daí.
Entrevistadora: no caso, o nome possui algum significado?
Emílio Cossa: sim, é uma palavra que literalmente significa ler. É da língua xishangana, que é uma das línguas do sul de Moçambique, língua falada nas províncias de Maputo, Gaza e Inhambane.
Entrevistadora: bom, a próxima pergunta era sobre o que o instigou a criar a editora, mas acabou que você já respondeu, não é? Autopublicação.
Emílio Cossa: exatamente.
Entrevistadora: onde funciona a casa editorial? Houve alteração de endereço?
Emílio Cossa: não, funciona na minha casa, eu tenho uma varanda muito extensa que é onde é o meu escritório. É um espaço de 2m x 11 m, então temos lá as nossas mesas, as nossas secretárias. No meio de semana, nós trabalhamos de forma remota, cada qual na sua casa, e nos encontramos aos finais de semana, sábado e domingo, ou ás vezes só sábado ou só domingo, principalmente na minha casa, ou às vezes escalamos um bar ou um sítio que tenha acesso à internet, que tenha tomada. Ficamos lá pela manhã revisando alguns livros e trabalhamos basicamente assim. Os que se encontram, na verdade, são principalmente os designers, eu como editor e os designers, não é? Os revisores trabalham remotamente mesmo, até porque alguns deles nem sequer vivem acá em Maputo. Temos, por exemplo, o Elísio Miambo que vive em Xai Xai (província de Gaza), temos Almeida Cumbane, ele vive na província de Gaza, mas em outro distrito. Nós temos o Hélder Tsemba, ele vive acá em Maputo. Mas praticamente todos nós somos trabalhadores eventuais, nós somos efetivos. Trabalhamos de forma sazonal, ou seja, nós publicamos poucos livros, esse ano, por exemplo, publicamos apenas 6. Tanto que quando nos chega uma proposta nós decidimos quem que irá trabalhar na revisão do livro. Os únicos trabalhadores fixos são os designers gráficos que são três para trabalhos bem específicos, que achamos que não são muito a nossa onda e quando é assim nós sempre contratamos um designer de fora, que é o caso de "O Entroncamento" e "A Caneta do Balcão 1", ambos de Zaiby Manasse. O autor queria algo muito específico, então nós contraímos o Aílton Félix que é um ilustrador para fazer o desenho, e o Mélio Tinga que é um designer

gráfico, ele tem uma empresa das mais requisitadas aqui na praça. A empresa dele chama-se Broken e ele é autor também. Acho que também seria interessante falar também com ele, tem muitos projetos literários interessantes. Tem a Catalogus que é um catálogo de autores e obras literárias de Moçambique, pode pesquisar pela internet é possível apurar. É mais ou menos assim como nós funcionamos.

Entrevistadora: você comentou que fundou a Kulera em 2019, não é? E com quais objetivos? Para autopublicação, mas haveria outros motivos além de poder publicar o seu próprio livro?

Emílio Cossa: sim, primeiro publicar o meu livro era a proposta inicial, mas depois percebi que havia muita gente na mesma luta, não é? Ou outros que escreviam de forma eventual, com intenção nenhuma de publicar, mas eu como editor e como autor sentia que tinha potencial para fazer um pouco mais, então a ideia era mais ou menos colocar essa gente a publicar, a deixar um legado em forma de livro, tanto que uma das primeiras ideias que tive como ideia de livro era mesmo uma antologia de textos em prosa publicados no facebook, a ideia eram textos coletados do facebook, coloca-los num livro e depois publicarmos, essa foi a primeira ideia. Infelizmente, não chegou a ser publicado, eram vários autores, alguns não concordaram que seus textos fossem publicados e à medida em que iam entrando novos editores, alguns viam que alguns dos textos não tinham qualidade literária suficiente. Nós, os outros, achávamos que tínhamos que publicar os textos assim como estavam assim não perdiam a sua originalidade e o seu propósito, outros diziam que não, que tínhamos que mexer um pouco assim podíamos não nos comprometer como uma editora que estava a iniciar e tudo o mais. É um projeto que acabou sendo arrumado. Mas o propósito manteve-se e acabamos conseguindo publicar alguns desses autores.

Entrevistadora: bom, você já responder, a editora é no espaço físico da sua casa, você falou que é um espaço menor, né? Um espaço mais limitado, né? O nº de funcionários fixos da editora são quantos mesmo?

Emílio Cossa: Sim, como eu disse antes, a editora funciona num espaço de 2m x 11m. A equipe é constituída por mim, editor e diretor executivo, responsável pelo trabalho administrativo, 4 editores, responsáveis pela avaliação e revisão de originais, 4 designers gráficos, responsáveis pelo desenho das capas e diagramação e um produtor de vídeo, responsável pela publicidade.

Entrevistadora: quais são os valores da casa editorial?

Emílio Cossa: A excelência, o pioneirismo, a inovação, a sustentabilidade, a diversidade, o otimismo, a disciplina e o comprometimento.

Entrevistadora: a editora possui alguma ideologia?

Emílio Cossa: não, penso que não.

Entrevistadora: a editora possui algum perfil de público leitor?

Emílio Cossa: não, nós temos vários públicos até porque público diversificado, não é? Até porque muitos dos nossos autores já têm um público específico, pessoas que já vem seguindo a sua carreira. O que acontece é que o autor, a partir do momento em que passa a fazer parte do nosso catálogo, para além do seu público é adicionado o nosso público tradicional, que é muitas vezes constituído por estudantes. Dá sobretudo estudantes do ensino secundário, estudantes do ensino superior, são mais ou menos essas as pessoas que têm comprado os nossos livros. É mais ou menos por aí, não há um público que nós possamos especificar, apenas estudantes não, porque há também jornalistas, há pais que compram livros para os seus filhos e que acabam lendo, e assim por diante.

Entrevistadora: a editora publica apenas autores moçambicanos ou inclui outras nacionalidades?

Emílio Cossa: A editora trabalha com autores de diversas nacionalidades. No nosso catálogo, para além de autores de Moçambique, temos autores de Angola, Portugal e Países Baixos.
Entrevistadora: qual o tamanho da Kulera? Mas não no sentido de porte físico, mas em relação ao seu porte. Ela seria micro, pequena, média ou grande porte?
Emílio Cossa: isso depende muito, nós, por exemplo, não usamos cá o tipo microempresa. Existem as PMEs, as pequenas e as médias empresas, depois existem essas empresas de grande porte. Nós somos uma editora pequena, mas acho que em alguns contextos seria um micro, temos poucos autores no nosso catálogo, publicamos entre 10 a 20 títulos por ano, os exemplares vão entre 100, no mínimo, e 300, no máximo, e não temos uma máquina de marketing que vai ao mercado a busca de potenciais autores e tudo mais. Não temos uma presença constante na mídia não realizamos grandes eventos, nós somos uma editora modesta, constituída sobretudo por amigos, pessoas que se conhecem uns aos outros. De certa forma convivemos, Maputo é uma cidade muito pequena, os que vivem cá, por exemplo, passam praticamente um mês, o segundo não passa sem nos encontrar em um evento qualquer. As pessoas que vão ao lançamento de livros, não apenas da nossa editora como também das outras editoras são sempre as mesmas. Nós não temos contratos vitalícios com os autores, até apoiamos caso seja da vontade deles a publicação de outros livros por outras editoras, e assim por diante. Então somos uma pequena editora.
Entrevistadora: Mas vocês aspiram mudar o porte da editora? Torná-la maior?
Emílio Cossa: nós aspiramos, mas estamos cientes dos perigos que daí advém. Nas editoras grandes, praticamente o autor nunca conhece o editor, o editor é uma pessoa inalcançável, não é possível sentar com ele para conversar e resolver essas coisas todas. Alguns publicam conosco por uma questão de comodidade mesmo, por se sentir mais à vontade, nós somos pessoas acessíveis. Os autores participam no processo de elaboração do livro, desde o início até o fim. Só para ter uma ideia, os autores geralmente mandam um e-mail com todas aquelas formalidades, um português com o máximo que eles conseguem falar, e a primeira coisa que nós damos a entender aos nossos autores é que não tratamos muito de formalismo. Comunicamos por whatsApp e gostamos muito de encontros presenciais. Os encontros presenciais ocorrem muitas vezes em cafés, bares, tomamos juntos um café, uma cerveja, e tentamos perceber mais ou menos o que o autor pretende e nós prestamos contas de praticamente tudo o que nós temos feito. Se o autor acha que a capa é feia, não iremos nos sentir à vontade para publicar aquela capa. Iremos propor e discutir até que ele absorva a nossa ideia, ou mesmo, até chegamos a propor ao autor que encontre alguém que consiga fazer exatamente aquilo que quiser. Se na diagramação o autor não está de acordo com certo aspecto, nós discutimos até encontrar um meio termo. E tudo isso só é possível por causa do nosso atual porte, ele permite que isso aconteça. Agora, a partir do momento que nós crescermos, vai marcar uma distância entre nós e nossos autores, o que nós não gostaríamos que acontecesse. Nós nos sentimos muito à vontade assim como estamos, mas a que entender que a edição de livros é um negócio, e como negócio tem que crescer. Aliás, é a partir do momento em que nós vamos crescer que voltaremos ao nosso propósito, que é buscar novos autores. Agora, por exemplo, não temos a capacidade de financiar livros, ou co-financiamos ou os autores financiam na totalidade, e isso só acontece porque nós somos pequenos, não temos robustez econômica suficiente para podermos patrocinar a publicação de livros. Nós aspiramos crescer justamente por causa disso, mas também estamos cientes dos perigos que isso representa.
Entrevistadora: e quais as suas estratégias para se manter no mercado editorial?

Emílio Cossa: então, nós trabalhamos praticamente por demanda, publicamos aquilo que é possível publicar, publicamos pequenas tiragens, como eu disse, que temos a certeza que havemos de vender a ponto de esgotar. Se necessário, nós voltamos a reimprimir e nos mantemos assim. E garantir essa proximidade entre nós e os autores, tipo, os que não fazem parte da nossa editora sabem que a nossa relação é uma relação que nós temos com os autores é exatamente essa. Então muitas vezes, as pessoas se aproximam de nós querendo fazer parte da nossa pequena comunidade por assim dizer. Isso nos ajuda também a nos manter no mercado e outra coisa é que também trabalhamos sem grandes expectativas para evitarmos decepções. Nós trabalhamos com aquilo que nós temos e de acordo com aquilo que nós podemos fazer, então é mais ou menos assim.
Entrevistadora: e como é a Kulera em relação ao capital? Ele é 100% moçambicano? Você possui sócios e/ou precisa prestar contas a alguém?
Emílio Cossa: não, a Kulera, exatamente pela maneira como nasceu, ela é uma sociedade unipessoal, ou seja, eu sou o único sócio formal por assim dizer. Agora, há vezes que nos aparece alguém que diz que conhece o autor, ele gostava de bancar a publicação do livro daquele autor, então nós nos associamos a essa pessoa para aquele trabalho especificamente. Findo o nosso trabalho, desfaço a sociedade e continuamos a seguir em frente.
Entrevistadora: em que você se baseou e se baseia para compor o catálogo?
Emílio Cossa: nós não temos um catálogo pré-definido, por assim dizer. Então, o catálogo acaba sendo determinado pelas propostas que nós recebemos de livros por publicar, então é basicamente isso. Houve um período em que nós achávamos que para sermos conhecidos, para alcançarmos um público maior, precisávamos ter em nossa editora um escritor renomado, não é? Um escritor já estabelecido, um Mia Couto, ou outro que fosse, mas desistimos dessa ideia também, porque as imposições começam a partir desse momento, não é? A partir do momento em que nós passamos a nos associar a pessoas grandes, essas pessoas grandes trazem consigo outras coisas e acabam limitando um pouco a nossa maneira de trabalhar. Por exemplo, se nós contratamos um autor renomado, ele não há de querer estar no mesmo catálogo com um certo tipo de autores. E são autores que, por coincidência, nós apreciamos. Então nós preferimos que as coisas continuem assim como estão por enquanto.
Entrevistadora: a editora possui uma proposta cultural? Isto é, a Kulera oferece um catálogo com bibliodiversidade? Ou o catálogo é voltado a uma proposta mais comercial, cujos livros tenham vendagem mais garantida?
Emílio Cossa: bom, nós não nos preocupamos muito com isso ainda. Nós sabemos quais são os tipos de livros que nós vendemos. Vamos lá, livros infantis são venda garantida por assim dizer. O nosso público maior são os estudantes, mas eles não têm o poder de comprar livros, então eles acabam lendo mais ou menos por imposição. E são os pais que muitas vezes escolhem o tipo de livro que os filhos devem ler, e muitos deles compram para crianças. Então seria uma boa ideia, por exemplo, nós estarmos virados ao público infantil. Nós temos um livro de receitas, que eu mostrei, aquele livro vendeu exemplares em tipo 3 dias, sem ter sido lançado, sem ter tido algum tipo de publicidade ou coisa parecida, não é? Então também, se pudéssemos apostar nessa linhagem editorial. Mas nós achamos que se abraçamos certo tipo de linha editorial, então estaremos a nos botar contra o nosso propósito. Eu, por exemplo, não consegui publicar o meu livro por se tratar de um ensaio, e não se enquadrava na linha editorial de muitas das nossas editoras. Então nos mantemos abertos às propostas de livros que nos chegam, então é mais ou menos por aí.
Entrevistadora: quais gêneros a casa editorial publica?

Emílio Cossa: em princípio nós publicamos vários gêneros, não é? Livros infanto-juvenis, ensaios, romances, contos, poesia, crônicas e livros didáticos. O mais importante é que os livros que nós publicamos não ofendem de qualquer forma as pessoas, não têm um cunho discriminatório, preconceituoso e assim por diante. Então nós publicamos qualquer tipo de gênero.
Entrevistadora: quais os principais títulos e autores publicados pela casa editorial?
Emílio Cossa: bom, os principais títulos seriam mais ou menos os livros que foram bem sucedidos, tanto em termos de críticas positivas na imprensa como também em termos de vendas. Nós temos livros do Zaiby Manasse, são dois, mas principalmente o primeiro, foi o nosso primeiro livro impresso "A Caneta do Balcão 1". Nós começamos publicando 230 exemplares, se eu não estiver em erro. E este ano nós voltamos a imprimir mais ou menos aproximadamente 200 exemplares. E este livro está esgotado agora. Temos livro do Franklin Gravata, "Sereia do Zambeze"; do Almeida Cumbane, "A Distante Proximidade"; o livro do Negro, "Carla – Uma história de paixão e dor", que é uma novela muito interessante também, vendeu bem e teve muito boa repercussão, inclusive aborda questões de assédio moral contra a mulher; tem o livro de poesias da Matilde Chabana também.
Entrevistadora: a editora publica apenas em português ou publicam em outras línguas? Em caso afirmativo, em quais línguas?
Emílio Cossa: até aqui, todos os livros que nós publicamos estão escritos em português, mas isso não veda a possibilidade de publicarmos livros que estejam escritos em outras línguas. Nós traçamos um projeto para publicação de livros escritos nas línguas locais, só que nos deparamos com um problema, não que não existam livros escritos nas línguas locais, mas a questão das línguas locais ainda está...a padronização ainda está em curso. Então há muitas correntes de como deve escrever corretamente nas línguas locais e isso acaba criando uma certa confusão, mas já tínhamos um livro de poesia em andamento, infelizmente tivemos que parar por conta de questões de saúde do autor. Suponho que a gente consiga recuperar esse projeto até o início do próximo ano, é um livro de poesias escrito em xironga, uma das línguas daqui de Moçambique. Além desse, não temos outro projeto em manga, mas conforme eu disse, estamos abertos para qualquer que seja a língua.
Entrevistadora: a Kulera possui selos?
Emílio Cossa: selos editoriais? Não, não possuímos selos editoriais.
Entrevistadora: e como é realizada a divulgação do catálogo da editora? Como é realizada a distribuição dos livros? Em livrarias, pela internet ou por outros meios? Ou a editora desenvolveu meios próprios de distribuir seus produtos? Quais meios?
Emílio Cossa: nós temos a nossa *website*, não é? Que é www.kulera.com e que, agora, está em manutenção há mais de 1 ano. Recebemos várias propostas de nossa web designer, mas ainda não conseguimos aprovar nenhuma, mas creio que há de estar no ar novamente a partir de janeiro. Para além disso, temos as nossas páginas nas redes sociais, *Facebook* e *Instagram*, e temos um canal no *Youtube*, onde nós publicamos entrevistas com os nossos autores. Para além disso, sempre que nós vamos andar uma atividade, tipo o lançamento do livro, a rede que publicamos nessas plataformas que eu falei há um cado, nós emitimos uma nota de imprensa que é distribuída por vários órgãos de comunicação social, que funcionam aqui a nível de Moçambique. Temos contatos com muitos deles, e sempre que for possível, para além das notas de imprensa, nós marcamos entrevista com os nossos autores para jornais, rádios, televisão, etc. É assim que o público fica a saber sobre as atividades que nós temos realizado, incluindo o nosso catálogo.

Entrevistadora: você acredita que editoras independentes precisem de ajuda estatal ou elas seriam capazes de se manterem por conta própria? Vocês recebem alguma ajuda do Estado por meio de subsídios esporádicos ou constantes?
Emílio Cossa: nós estamos cientes de que o nosso governo tem muitas limitações em respeito ao orçamento, e existem vários setores de atividades que precisam de subsídios, como a educação, a saúde, o transporte, e tantas outras áreas chave. E a cultura tem sido relegada ao esquecimento nesse âmbito, então seria um pouco de pretensão da nossa parte esperarmos, e até ilusão, posso dizer, esperarmos algum tipo de ajuda financeira da parte do Estado, mas eu sinto que há coisas inteligentes e simples de fazer que o Estado pode fazer. Por exemplo, somos uma país grande, não é? Só de extensão costeira são mais de 2.600 Km, então, temos várias bibliotecas a nível nacional, públicas. Temos pelo menos uma biblioteca em cada uma das nossas províncias, temos mais escolas que também têm biblioteca, para além das bibliotecas públicas que são provinciais, municipais e assim por diante. Eu acho que um pouco que o Estado pode nos prestar é comprometer-se! Nós não temos muitas editoras, são muito poucas. Pelo menos, comprometer-se, a cada autor publicado, comprar pelo menos uns 15 livros, não é? Isso seria de grande ajuda. Mas o que acontece é o contrário, nossa lei de depósito legal obriga as editoras, não há uma categorização de editora, põe que é editora e que tem que entregar 16 livros para o Estado gratuitamente, então para além de não nos ajudar, o nosso Estado está a nos prejudicar, e essa é a minha opinião. E certamente é a opinião de muitos editores independentes. E também temos muitas limitações em termos de tudo, de exemplares publicados.
Entrevistadora: a editora realiza ações culturais? Em caso positivo, quais?
Emílio Cossa: para nós não é apenas lançar o livro, há a integração de várias disciplinas culturais dentro desse trançamento. Por exemplo, no nosso lançamento tivemos música e cena *comedy*, e tanto a música quanto a *stand up comedy* apresentada são baseadas no livro sendo lançado e tantos outros da nossa editora e de outras editoras. Temos também apoiado espetáculos, concertos musicais, teatro e algumas rodas de conversa, saraus culturais, e assim por diante. Esses são mais ou menos os eventos culturais que nós temos ajudado a organizar, apoiado, e ajudado a divulgar, por assim dizer. Agora, eu não sei se existiria outra ação cultural que não sejam essas.
Entrevistadora: e a editora possui redes de sociabilidade ou coletivos que atuem em outras vertentes? Como palestras, seminários, simpósios, ou eventos similares com temáticas relacionadas às obras publicadas?
Emílio Cossa: Claro! Nós possuímos vários memorandos formais com vários clubes de livros que existem ao longo do nosso país. Nós fazemos parte da comunidade dos artistas de cá. É como eu disse, Maputo é uma cidade muito pequena, acho que relativamente pequena, então praticamente todos os eventos divulgados chegam até nós. Então, nós participamos de forma ativa, tendo um membro da editora, por exemplo, participando de uma comunicação qualquer dentro desse evento, enquanto outros de nós participa passivamente, como meros assistentes. Mas seja como for, nós estamos integrados em vários grupos, tanto de *WhatssApp* quanto do *Facebook*, e temos apoiado não apenas a literatura como também outras manifestações culturais e artísticas.
Entrevistadora: mas uma editora ajuda a outra? Quando eu penso em redes de sociabilidade, eu também penso que como todas estão inseridas na área da cultura e enfrentam dificuldades em comum, talvez um colaborasse com o outro.
Emílio Cossa: ok, a resposta é sim. Só a título de exemplo, durante 3 dias, houve um evento organizado pela Rede de Editoras Independentes de Moçambique. Ou seja, todas as pequenas editoras juntaram-se e formaram uma rede para desenvolver ações conjuntas. Nós nos ajudamos uns aos outros, às vezes em que um editor pode ter dificuldade em conseguir uma gráfica que seja eficiente ou que consiga realizar um trabalho qualquer,

facilmente entra em contato comigo pelo telefone e, caso eu não consiga ter uma solução, eu ainda posso recomendar que procure um outro e sucessivamente. Somos mesmo uma comunidade, então temos nos ajudado mutuamente.
Entrevistadora: bacana! O curioso é que eu fiquei sabendo sobre a Rede de Editoras Independentes de Moçambique tem poucos dias. Ela foi criada há quanto tempo?
Emílio Cossa: a ideia existe há bastante tempo, mas de forma concreta, ela foi criada há bem pouco tempo. Eu até posso aqui te dar uma data que seja próxima da criação, foi algo em torno de há 3 semanas (a entrevista foi realizada nos dias 07 e 08 de dezembro de 2022) ou, no máximo um mês, não mais que isso. A partir daí passamos a organizar algumas ideias em conjunto, não é? Veja só que o nosso grupo do *WhatssApp*, que foi criado depois de todos nós termos concordado em fazer parte da Rede, foi criado no dia 21 do mês passado.
Entrevistadora: Então, eu estava pesquisando quais editoras faziam parte da Rede de Editoras Independentes de Moçambique e eu me deparei com: a Ethale Publishing, a Kuvaninga, Fundza, Kulera, a TPC Editora, Khupaya, Índico e Massinhane Edições.
Emílio Cossa: Khupaya significa semear, da língua chope (ou cicope).
Entrevistadora: Pesquisando, eu descobri que são 10 editoras que compõem a Rede, mas eu não consegui descobrir quais são as outras duas editoras. Eu descobri sobre a Rede por causa do evento que estava ocorrendo, a Feira do Livro em Maputo, nos dias 05 e 06 de dezembro, e eu estranhei não ter sabido sobre a existência da Rede antes.
Emílio Cossa: por ser uma iniciativa completamente nova, você não teve acesso, né?
Entrevistadora: pois é. Eu sei que a Ethale, a Kuvaninga, Fundza, Kulera, TPC, Khupaya, Índico e Massinhane fazem parte. Mas ainda faltam duas. E eu pensei que a Oleba Editores estaria no meio, por exemplo.
Emílio Cossa: sim, a Oleba do Alex Dau. Assim, como eu disse, a iniciativa é nova, essa luta para chamar mais editores para fazer parte da Rede. Aí tem, por exemplo, a Trinta Nove Zero, não sei se ela confirmou. Houve tantas outras que foram convidadas, mas ainda não integraram a Rede.
Entrevistadora: existe um outro ponto que eu queria tocar. Eu li reiteradamente que Moçambique possui muitos problemas estruturais e históricos que atrapalham a área livreira. O que você acha? Você concorda? Eu li falando até sobre problema de escoamento para outras partes de Moçambique. Procede? Você não visualiza isso como um problema?
Emílio Cossa: não necessariamente, porque nós realmente temos muitos problemas de via de acesso, mas fala-se mais de via de acesso quando se fala, por exemplo, de produção agrícola. Temos zonas aqui muito férteis em termos de produção de alimentos que, entretanto, praticamente depois estragam, porque faltam estradas que estejam em condições para que os meios de transporte cheguem lá, levem esse produto e distribua para as várias partes do país. Bom, quanto à área livreira, tudo o que diz respeito a livrarias e bibliotecas, principalmente, só está localizado nas capitais provinciais. Isso não é só problema do livro, é problema de muita coisa. O melhor que existe está concentrado nas capitais provinciais e vai escasseando à medida em que nós nos deslocamos em relação ao interior. Então, sim, de certa forma isso atrapalha muito a nossa atividade como livreiros, mas penso que não seria um problema muito em conta, pelo menos no nosso caso. Temos conseguido fazer chegar os livros onde eles são requisitados. Em alguns pontos mais rápido, em outros não exatamente.
Entrevistadora: e quais dificuldades vocês se depararam no início da atividade? Seriam problemas específicos à realidade da Kulera ou seriam problemas comuns a todas as editoras independentes?

Emílio Cossa: sim. Dificuldades são várias, uma delas é por ninguém, praticamente, olhar para a literatura como uma arte, como uma ciência a ser apoiada. No início até tivemos dificuldades mais internas, todos nós colocamos a experimentar. Eu começava a trabalhar como um editor, o nosso primeiro designer era simplesmente um fotógrafo, ele só sabia editar fotos. O segundo fazia cartazes para shows, capas de cds, e tudo mais. Nunca ninguém tinha trabalhado com questão de edição, com o design editorial por assim dizer. Então, primeiro tivemos dificuldade em nos capacitarmos, a nós próprios, não é? Não tivemos alguém com experiência no ramo que pudesse fazer a passagem do conhecimento, para já iniciarmos sabendo. Então fomos perguntando a um ou outro até atingirmos o nível em que estamos. Outra coisa, também tive dificuldade de colocar os livros nas livrarias, porque há uma série de exigências que eram feitas e ainda não estávamos à altura de cumprir naquele momento. Questões de formalização da empresa, alguns documentos que ainda não tínhamos e assim por diante. Fora isso, não estou a ver outras dificuldades. E esses são problemas gerais, sobretudo quando as editoras ainda estão no início. Mas hoje, olhando para trás, nós conseguimos perceber que os livros que produzíamos àquela altura não tinham a mesma qualidade dos livros que estamos a produzir hoje. E a editora está a iniciar suas atividades agora e ainda está naquele nível que nós deixamos para trás. Outra dificuldade aqui em Moçambique é que tudo aqui é praticamente importado, o papel, os toners, o equipamento, o próprio pessoal que faz a manutenção do equipamento da área gráfica, é tudo praticamente de fora. Então o custo da produção do livro acaba ficando extremamente elevado. Então acaba saindo ao mercado com um custo igualmente elevado. Se você for encontrar um livro barato em uma livraria em Maputo, certamente o autor ou a editora conseguiu um bom financiamento para poder reproduzir em grande número, em grandes quantidades, por isso o livro está um pouco mais barato. Ou então, foi subsidiado de alguma forma, mas quem realmente investiu do seu bolso dificilmente irá colocar um livro no mercado a um preço suportável. A única estratégia que nós conseguimos é imprimir o livro lá fora, fica um pouco mais barato lá fora. Para termos uma ideia, nós primeiro desenhamos a maquete (boneca), mandamos para a África do Sul. É claro que há custos aduaneiros envolvidos nesse processo, mas ainda assim a qualidade é melhor e o custo é menor. Então acaba compensando.

Entrevistadora: a Kulera varia de lugar em que ela imprime o livro ou o serviço é prestado em um único lugar, como a África do Sul ou, por exemplo, em Portugal?

Emílio Cossa: nós estamos a trabalhar com três gráficas, uma é aqui em Moçambique mesmo, é a TPC, a tal gráfica que publicou o meu livro, para livros mais pequenos e mais baratos. Para livros maiores, estamos a trabalhar com a Cadima que fica em Cape Town, na África do Sul. E a Euro Press, que está em Portugal. Mas boa parte dos livros que nós produzimos, do ano passado e deste ano, foram todos produzidos pela Cadima, na África do Sul. Primeiro, porque além de ser mais barato, é mais fácil, nós já conhecemos muito bem como é que funciona, não é? Então torna-se mais fácil e nós não precisamos esperar tanto tempo para receber os livros, ou seja, se encomendo o livro hoje, quinta-feira, até daqui a duas semanas o tenho. Então é mais prático.

Entrevistadora: você comentou que vocês publicaram 6 livros neste ano, correto?

Emílio Cossa: sim, é isso mesmo.

Entrevistadora: houve algum motivo? Diminuição na demanda?

Emílio Cossa: houve vários motivos. Perguntava se nós nos entendemos com as outras editoras, o que aconteceu neste ano foi mais ou menos uma demonstração disto. Nós estivemos a produzir cerca de 8 livros com uma outra editora, que fechou uma parceria com uma faculdade para produzir livros didáticos, então nós estávamos concentrados na produção desses livros. E os livros que nós recebemos para dentro da editora, para

publicar muitos dos livros que nos chegaram para publicar na editora, foi por aí entre agosto e setembro e eram livros um tanto complexos, que demandavam um tratamento especial por assim dizer. Então não conseguimos dar vazão a todos esses materiais dentro nesse período, esse foi um dos motivos. Agora, outra questão foi também a demanda. O que acontece é que, com o tempo, foram surgindo outras alternativas de publicação e nós, por primarmos pela qualidade devo admitir, publicar conosco é um pouquinho mais caro em relação a outras editoras. E, bom, não estão a primar pelos mesmos princípios, mas de outra forma estão a tirar nos livros, então esse pode ter sido outro motivo. E outra coisa, o nosso padrão de qualidade literária também mudou, há livros que, por exemplo, passaram no ano passado e que já não estamos a admitir este ano. Então houve muitos projetos rejeitados, houve uma série de fatores que concorreram para que a publicação diminuísse este ano (2022).

Entrevistadora: quando você fala em fatores literários, você se refere a estarem mais críticos por assim dizer?

Emílio Cossa: sim, sim, é isso mesmo.

Entrevistadora: eu gostaria de tratar um último ponto com você, eu queria retomar a questão da nacionalidade. Todos os que nasciam até 1975 eram moçambicanos? Eu pergunto isso, porque enquanto eu analisava o catálogo, me deparei com alguns autores que tinham nascido em Moçambique, mas que, no entanto, constava outra nacionalidade e isso me gerou dúvida. A pessoa precisa pedir posteriormente a nacionalidade? Ela não pode ter as duas?

Emílio Cossa: eu penso que há casos de moçambicanos que mantêm dupla nacionalidade, até porque a partir de um certo momento, houve uma avalanche, sobretudo de empresários portugueses, nascidos em Moçambique e que voltaram novamente para cá para reclamar a nacionalidade, porque isso facilitava várias coisas, dentre elas a reclamação de algum patrimônio que tenha ficado para trás naquele ato da expulsão dos portugueses que deixaram Moçambique para Portugal. Não houve alternativa, ninguém devia ter dupla nacionalidade. Depois de 1975, quem decidisse ficar em Moçambique devia mudar a nacionalidade obrigatoriamente para a nacionalidade moçambicana. Era uma espécie de ditadura por assim dizer. Só quando houve a passagem do socialismo para o regime democrático é que começou a haver abertura para muitas outras opções, uma delas sendo da dupla nacionalidade, e assim por diante. Mas, imediatamente após a independência, era obrigatório que os cidadãos que tinham a nacionalidade portuguesa e que estivessem interessados em se manter em Moçambique, mudassem de nacionalidade, adquirissem nacionalidade moçambicana. Eu creio que uma conversa com alguém que seja formado em história, ou ciência política ou algo do gênero em Moçambique, iria ajudar a esclarecer essa questão. Eu posso estar de repente equivocado, estou mesmo a falar de memória, das coisas que foram sendo transmitidas na escola e tudo mais, mas eu creio que exista uma pessoa mais autorizada para abordar essa questão. Então se pudesse conversar com alguém, seria ainda melhor.

Entrevistadora: então, Emílio, eram essas as questões que eu queria abordar com você. Foi um prazer conversar com você, nosso bate-papo foi muito rico e eu aprendi demais com você! Muito obrigada pela atenção e pelo seu tempo.

Emílio Cossa: o prazer foi todo meu. Estou às ordens.